A LITTERATURA

BRASILEIRA

(1870-1895)

OBRAS DO AUCTOR

Cantos e Luctas, poesias, 1879, esgotado.
Colombo e Nenê, poemeto. Editora — *Gazeta de Noticias*, 1880.
Quadros e Contos, editor Dolivaes Nunes, 1882.
Notas á margem dos «Ultimos Harpejos», editor Serafim J. Alves, 1884.
Notas á margem, chronica quinzenal; editores Moreira Maximino & C.ª, 7 fasciculos, formando um volume de 224 pag., 1888.
Horas Alegres, editores Laemmert & C.ª, 1888.
Vinte Contos, 1.ª edição d'*A Semana*, 1886; 2.ª edição de Laemmert & C.ª, 1895.
Escriptores e Escriptos, editor C. G. da Silva, 1889.
Philosophia de Algibeira, editores Laemmert & C.ª, 1895.
Bric-á brac, com uma capa polychromica de Julião Machado e o retrato do auctor; editores Laemmert & C.ª, 1896.
Contos Intimos (no prélo)
Flor de Sangue, romance (idem)

EM COLLABORAÇAO

Com Silva Jardim:

Idéas de moço, prosa e verso, 1880, esgotado.
O general Osorio, prosa e verso, 1880, esgotado.

Com Filinto de Almeida:

O Gran Galeoto, traducção em verso do drama de D. José Echegaray, *El Gran Galeoto*, 1884, esgotada esta edição; a segunda é de Laemmert & C.ª, 1896.

Com Henrique de Magalhães:

A vida de seu Juca, parodia á «Morte de D. João», de Guerra Junqueiro, editor Serafim J. Alves, 1880.

Com Alfredo de Sousa:

Ignacia do Couto, parodia em verso á tragedia *Ignez de Castro*, editores Laemmert & C.ª, 1889.

A PUBLICAR

Na Brécha — perfis, criticas, opiniões.
Cantos e Luctas, edição definitiva, augmentada das melhores poesias do auctor.
Noções de Economia politica.
Fóra da Patria, (Carteira de um viajante).

VALENTIM MAGALHÃES

VALENTIM MAGALHÃES

A LITTERATURA BRASILEIRA

(1870-1895)

Noticia critica dos principaes escriptores, documentada com escolhidos excerptos de suas obras, em prosa e verso

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1896

A' IMPRENSA DE LISBOA

Aos Meus Confrades Portuguezes

Reconhecimento do

AUCTOR.

AOS MEUS AMIGOS

Ex.mos Srs.:

Conde do Alto-Mearim

Dr. Sebastião de Magalhães Lima

Offereço

V. M.

NO LIMIAR*

Quando, em 1 de agosto do anno transacto, parti do Rio de Janeiro com destino á Europa, trazia o projecto de fazer em Portugal uma larga e ruidosa propaganda da nossa litteratura; e tanto assim que metti nas malas alguns dos principaes livros modernos. Essa vulgarisação necessaria e já tardia pretendia eu fazel-a na tribuna, no livro e no jornal.

Realisei, em parte, o meu plano e com um exito que ultrapassou de muito a minha especta-

---

*A exemplo do que teem feito em Paris o eminente F. Brunetière e outros criticos, intercalei nas minhas conferencias excerptos das obras de cada auctor referido, em apoio immediato da apreciação critica que lhes ia fazendo; mas para este livro tive de adoptar diverso processo, por conveniencias de fórma. Por isso vem aqui primeiro a exposição e, depois, a selecta dos trechos e composições que pude escolher e obter aqui. Fecho o livro com um indice detalhado por auctores, indicando-se junto a cada nome as paginas da exposição em que é citado e as da selecta em que se encontram as suas composições.

Outrosim se adverte mais uma vez que este trabalho foi feito em condições desvantajosas, por um viajante apressado e baldo de muitos materiaes indispensaveis.

tiva. As tres conferencias em que apresentei ao publico lettrado de Lisboa os escriptores mais notaveis da minha terra nos ultimos cinco lustros foram ouvidas com attenção e interesse, e applaudidas com calor. Parte pela natural curiosidade do assumpto, parte pela sympathia que teve o conferente a boa fortuna de inspirar, foi numeroso e selecto o publico que acudiu á Sociedade de Geographia para conhecer o estado actual das lettras brasileiras, e vivas foram as mostras de surpreza e admiração dos ouvintes ante a riqueza e a variedade das joias que dos escrinios da Litteratura de além-mar ia despejando o orador.

O franco successo das conferencias animou-me a completar-lhes a obra publicando em livro, não as proprias conferencias, porque não as escrevi nem foram tachygraphadas, mas a materia principal sobre que versaram, acompanhando essa exposição de trechos escolhidos dos principaes escriptores em prosa e verso, lidos e não lidos nas conferencias.

É o que hoje faço, alimentando a esperança de que a curiosidade e o interesse despertados pelas minhas singelas palestras subsistam para bem acolher este livro. Se tal acontecer, como ouso esperar, completo será o meu contentamento, sem eiva de tola vaidade, porque terei realisado um desejo de ha muito alimentado: — estreitar as relações — moraes e intellectuaes — entre duas patrias queridas: a minha e a de meu pae.

Devo francamente declarar que não considero completo este trabalho e que, muito ao contrario, lhe reconheço falhas e omissões, de que peço desculpa, lembrando que o effectuei sem livros, apenas auxiliado pela memoria para a parte critica,

e para a anthologica pelas poucas obras que truxe do Rio de Janeiro. Não é tudo o que eu podia fazer; não é muito, considerado em absoluto; mas é alguma cousa, um ensaio, o primeiro passo, o primeiro impulso e um exemplo que me parece louvavel. Que outros, e mais robustos, me acompanhem no esforço e completem a obra que apenas pude esboçar, eis os meus votos e desejos.

Não concluirei estas explicações, que dou á porta do livro, de chapeo na mão, convidando a entrar, sem agradecer: ao sr. Luciano Cordeiro, secretario perpetuo da Sociedade de Geographia, a gentileza com que me franqueou a sala das conferencias; á imprensa de Lisboa, principalmente *O Seculo*, o *Correio da Manhã*, e *A Vanguarda*, a sua extrema camaradagem e a captivante bondade com que se referiram ás minhas palestras, e ao publico lettrado d'esta capital os applausos com que desde as primeiras palavras me animou ao trabalho e me premiou o esforço. Estou encantado e reconhecido.

Volto para o Brasil com o coração cheio de ternura por este bom povo e a alma inundada de admiração por este formoso paiz — patria de meu pae, de meus avós paternos, de meu avô materno, e, d'ora avante minha segunda patria — e fazendo votos para que se dissipem as nuvens temerosas que lhe ennegrecem os horisontes, para que placido e prospero lhe decorra o futuro. E, agora, meus caros amigos, façam o favor de entrar n'esta *nossa* casa.

Lisboa, 20-Março-1895.

Valentim Magalhães.

A LITTERATURA BRAZILEIRA

(1870-1895)

INTRODUCÇÃO

Era natural, era logico que entre Portugal e o Brasil existisse o mais estreito commercio litterario; que o velho reino, que com os seus vinhos nos manda os seus livros, recebesse da joven republica as suas obras com o seu café. Os habitos, as tendencias, os gostos, os costumes são quasi identicos e a lingoa é uma e a mesma.

Entretanto, os livros brasileiros não são lidos em Portugal; o movimento litterario transatlantico é completamente desconhecido cá. Ao passo que lá se lêem as mais insignificantes obras portuguezas e são familiares os nomes de todos os escriptores portuguezes, no paiz irmão desconhecem-se mesmo os mais importantes e os mais notaveis.

O Brasil é o melhor mercado dos livros lusitanos, ao passo que Portugal em nada auxilía o consumo das edições brasileiras.

É um facto incontestavel e incontestado. Onde

a explicação d'elle? Quaes as causas d'esse estranho phenomeno?

A meu ver são quatro:

Primeira. Indifferença do publico portuguez pelo livro brasileiro.

Essa indifferença nada tem de espantoso, porque ella é patente para com a litteratura do paiz visinho, a Hespanha, e existe até mesmo para as obras nacionaes. Não se encontra á venda em Lisboa uma só novidade bibliographica de Hespanha. E a não serem Campoamor e Echegaray não se conhecem os seus poetas vivos.

A edição portugueza raramente ultrapassa um milheiro de exemplares; raros são os livros de que se tire mais de uma edição. Só os grandes nomes impõem suas obras á leitura; e, assim mesmo, é no Brasil que encontram dois terços dos consumidores.

Segunda. Alto preço do livro brasileiro, impresso lá para ser vendido aqui. A mão de obra é carissima, fortes os impostos sobre o papel importado; tudo concorre para tornar o livro muito caro e, portanto, de difficil extracção aqui, onde os livros são geralmente baratos.

Terceira. Falta de imprensa litteraria em Portugal, que annuncie e faça acompanhar facilmente o movimento litterario do Brasil. A imprensa diaria é toda politica ou meramente noticiosa. Tudo que não seja para aquella descompor ou defender o governo e para esta informar minuciosamente o publico ácerca de todos os incidentes do ultimo suicidio, assassinato, ou outra bella desgraça identica, não apresenta interesse, não vale a pena inserir. Uma ou outra apreciação critica que porventura apparece é feita por algum amigo

do autor a pedido d'este, que lhe paga esse favor com outro identico quando o critico passa a criticando. Não ha revistas litterarias, e só ellas poderiam cuidar seriamente d'isso.

Quarta e ultima. Falta de propaganda conveniente por parte dos editores e autores brasileiros, os quaes não pensaram nunca seriamente em conquistar o mercado portuguez, embora pequeno.

Essas parecem-me ser as principaes razões explicativas da ignorancia da nossa litteratura na terra que lhe foi berço.

A primeira, a indifferença do publico, é a mais seria e de mais difficil remedio; as outras seriam removidas com alguns esforços combinados de um e de outro lado.

A nossa tão apregoada e tão desejada confraternidade deve principiar pelas lettras. É preciso que Portugal leia o que o Brasil escreve e conheça, admire, e estime os principaes representantes da sua mentalidade.

Venho trabalhar nesse intuito e com esse fim. Esse trabalho, iniciado com as conferencias, vem continual-o este livro, destinado a fixar a sua materia. Não digo *ultimal-o*, porque penso e espero continuar a trabalhar nesse empenho e empresa por outros meios e diversa fórma.

Ambos os paizes teem muito a ganhar com o estreito convivio litterario com o commercio intellectual continuo e forte; e tão evidentes são essas vantagens, sobretudo para Portugal, que está precisando de sangue novo, de novos e largos alentos, que me dispenso de definil-as.

Os proprios homens de lettras em Portugal pouco conhecem da litteratura brasileira depois

de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Alencar.

Vou desvendar-lhes Golcondas ignotas, Californias não sonhadas, convidando-os a banharem-se em catadupas de luz e a cobrirem-se de pedrarias tão radiosas e bellas como as não teve mais preciosas a rainha de Sabá.

PRIMEIRA PARTE

OS PROSADORES

I

Romancistas, Novellistas, Contistas

José de Alencar no romance, Gonçalves Dias na poesia, — eis os dois fundadores da Litteratura Brasileira, com a creação do Indianismo.

Alguns dos seus predecessores haviam aproveitado já o elemento indico, como Santa Rita Durão e Basilio da Gama; mas os seus poemas são muito eivados de lusitanismo. O auctor do *Uruguay* é brasileiro nato, filho de Minas Geraes, mas foi educado em Portugal; tendencias e gostos tinha-os portuguezes, e em Lisboa foi que ideiou e compoz o seu bello poema para comprazer o marquez de Pombal, que de seu inimigo se fizera protector, e a quem soube ser sempre reconhecido o poeta. Estas observações se applicam tambem, mais ou menos, ao cantor do *Caramurú*, que em Portugal tomou o habito agostiniano e se formou em theologia.

A elles cabe, é certo, a precedencia sobre Domingos de Magalhães e Gonçalves Dias, na poesia, e José de Alencar, na prosa, como cultores

do elemento indianista; mas a estes compete a gloria de verdadeiros fundadores do genero ou escola, porque foram elles que lhe imprimiram o verdadeiro e puro caracter brasiliense.

Mas a José de Alencar, pois que sómente d'elle devo tratar n'esta parte do meu ligeiro e perfunctorio estudo, não cabe apenas essa gloria; elle foi tambem o creador da lingoagem brasileira na lingoa lusitana. Teve essa preoccupação louvavel e essa admiravel concepção. Comprehendeu que os escriptores brasileiros não deviam usar da lingoagem quinhentista, obsoleta, propria da natureza, dos costumes, da vida de Portugal, em meio d'aquella natureza pujante, risonha, fecundissima, d'aquelles costumes tão outros dos europeus, d'aquella vida livre, franca, impetuosa, quasi de todo selvagem. E descobriu o filão precioso, explorado depois com exito crescente por Baptista Caetano, Macedo Soares, Beaurepaire-Rohan e outros.

Foi Pinheiro Chagas o primeiro a reconhecer em Portugal o talento de José de Alencar.

O auctor de *Iracema*—essa «pastoral tupy» como lhe chama um critico illustre, comparando-a a *Daphnis e Chloè*, de Longus, e a *Paulo e Virginia*, de B. de Saint-Pierre, era um poeta, um grande poeta.

Seus romances alam-se no azul, libram-se nas azas da fantasia e sobrepairam á realidade sem nella macular as azas brancas, soffregas de amplidão.

Foi um romantico ardente e delicado, originalissimo na sua primeira maneira, opulento de sensibilidade e imaginação.

Faltou-lhe, porém, como a Alexandre Hercu-

lano, a faculdade de criar proselytos, de attrahir os moços, de fundar escola; e d'ahi o haver ficado, como o autor do *Eurico* — um solitario, um abandonado.

Dividiu o proprio José de Alencar a sua obra em tres partes, sobre cada uma das quaes assentou um periodo da litteratura brasileira:— a aborigene, (*Iracema*, *Ubirajara*), a colonial (*Guarany*, *Minas de prata*), e a actual ou moderna, subdividida em *interior* (*Gaúcho*, *Til*), e *exterior* (*Pata da gazella*, *Luciola*, *Diva*, *Senhora*, etc.)

Essa classificação, comquanto eivada do vicio de haver sido feita *a posteriori*, parece-me razoavel para a Litteratura Brasileira. As duas primeiras phases estão extinctas; a musa aborigene e a musa colonial morreram sem descendencia.

A obra de Alencar é soberba e forte. O *Guarany*, a *Iracema*, as *Minas de prata*, o *Tronco do ipé* são livros deliciosos. Os do ultimo periodo valem menos; resentem-se muito da litteratura franceza da epocha.[1]

Acerca do escriptor e da sua obra fez um estudo completo e, a todos os respeitos, digno do elogio da critica, o eminente criticista brasileiro Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior, um estudo á maneira de Taine, e do qual uma segunda edição acaba de ser publicada no Rio de Janeiro. Recommendo-o com todo o empenho a todos os que melhor quizerem conhecer o nosso primeiro romancista, a quem vamos, embora tardiamente, levantar uma estatua.

---

[1] Alencar tambem escreveu numerosas peças theatraes. Citarei *O demonio familiar*, *Mãe*, *Azas de um anjo*, e *O Jesuita*, das quaes só a ultima não obteve o applauso publico.

Logo após de José de Alencar devo citar o nome do auctor do *Indio Affonso* — Bernardo Guimarães, mineiro.

Explorou com talento o *indianismo*, o *colonialismo* e a *escravidão*. No *Garimpeiro*, no *Ermitão de Muquem*, no *Indio Affonso*, na *Escrava Isaura*, nas *Lendas e Tradições da provincia de Minas Geraes* revelou bellas e poderosas qualidades de narrador e uma alma delicada de poeta.

Ninguem o conhece em Portugal. Leiam-n'o e hão de achar prazer em seus livros, tão espontaneos, tão frescos, tão coloridos.

Joaquim Manoel de Macedo era fluminense e completava com os dois a que acabo de referir-me a trindade fundadora do romance nacional. Foi anterior a Alencar, pois a *explosão* do talento d'este, como diz Araripe Junior, com os folhetins *Ao correr da penna* e os romances *Viuvinha*, *Cinco Minutos* e *Guarany*, realisou se no periodo de 1852 a 1856, e em 1844 publicára já Macedo a sua famosa *Moreninha*, romance que havia sido precedido de outro, quasi infantil, *O Forasteiro*. Mas dei a Alencar o primeiro logar porque *à tout seigneur tout honneur*.

Macedo inspirou-se nas chronicas coloniaes, e em alguns livros, como *As beatas de mantilha*, deixou quadros da vida d'aquella épocha muito interessantes.

Tentou tambem o theatro e com exito egual ao que obteve no romance. O *Fantasma branco* e a *Torre em concurso*, além de outras peças, obtiveram successo colossal, e ainda hoje se representam com agrado das plateias.

Menos fantasioso, menos poeta que Alencar, tinha Macedo talvez mais poder de observação,

mais geito para traçar os quadros da vida futil da rua do Ouvidor e dos salões galantes.

O sr. conego Fernandes Pinheiro cognomina-o na sua *Historia Litteraria* o «Balzac brasileiro», e não cita sequer o nome de José de Alencar! É assim que se escreve a historia... litteraria!

Machado de Assis é um nome conhecido e respeitado em Portugal; mas a sua obra não o é bastante.

Pedia um estudo largo e minudente; mas nos estreitos limites de uma noticia, que outra cousa não estou fazendo, não posso dizer d'elle senão pouco, senão o indispensavel para dar uma ideia approximada do seu grandissimo valor.

Machado de Assis é para a litteratura brasileira uma gloria tão bella e tão pura como Eça de Queiroz para a portugueza, para citar um vivo. Com 56 annos de edade, dos quaes 36 consumidos no culto sagrado das lettras, não começou ainda de envelhecer.

No seu estylo castiço, flóreo, original, artistico como uma taça bordada pelo cinzel de Cellini, ainda não appareceu o primeiro cabello branco; nenhuma ruga ainda na sua fantasia alada e risonha como uma alméa.

E' o Mestre dos moços de hoje como o foi dos moços seus contemporaneos, hoje velhos e emmudecidos de fadiga. Na litteratura portugueza contemporanea só encontro um estylista digno de com elle hombrear — é Eça de Queiroz; e ha entre elles mais de um ponto de semelhança — a originalidade da graça, a distincção do epitheto e a sobriedade do colorido.

Machado de Assis não é só um prosador in-

signe, é tambem um insigne poeta, e n'isto se assemelha ao vosso grande Garrett.

Por emquanto só do prosador tenho a dizer. No folhetim, eguala se não excede Alencar, Ferreira de Menezes e Luiz Guimarães; no conto, ninguem se lhe avantaja ou mesmo equipara talvez; no romance, se, como escriptor popular, para as massas, é inferior a Alencar, Macedo e Bento Guimarães, pela raridade da philosophia e finissima distincção do estylo, inaccessiveis ao commum dos leitores, lhes é de muito superior por isso mesmo, porque esses apparentes defeitos para o vulgo são reaes e preciosas qualidades para o critico. Machado de Assis tem progredido sempre e mudou, como Camillo Castello Branco, de *casca*, se me permittis a expressão, para não ficar *arrièré*. *Contos fluminenses*, *Historias da meia noite*, *Helena*, *Yaya Garcia* são novellas e romances da primeira maneira; *Papeis avulsos*, *Historias sem data*, *Memorias posthumas de Braz Cubas* e *Quincas Borba* são contos e romances da segunda maneira.

Braz Cubas e *Quincas Borba* são dois livros originalissimos, estranhos e extraordinarios, que só poderiam ser escriptos por Swift, Henry Heine, e talvez que por Lesage. Machado de Assis é um escriptor «á maneira ingleza», tem o *humour* e não a *verve* e a *blague*.

Um vosso grande escriptor, que eu admiro altamente e citei ha pouco, o autor do *Cancioneiro Alegre*, declarou, após as fervidas polemicas por este livro accendidas, haver reconhecido a superioridade dos meus patricios sobre os d'elle em materia de espirito, de graça; que aquelles têm a pilheria, o *mot*, ao passo que estes têm

ALUIZIO AZEVEDO

a chalaça e a laracha. Não vou tão longe; mas me permittirão dizer que, a meu sentir, nenhum escriptor portuguez, a começar pelo auctor da observação, teria espirito bastante fino e subtil para escrever aquelles romances; tão delicadamente graciosos mas tão cruelmente mordazes.

Como tantos dos portuguezes, se este escriptor escrevesse em francez, teria uma reputação universal.

É primoroso na dicção como Flaubert, imaginoso e fantasista como Gautier, conceituoso e pensador como Anatole France, nobre e bizarro como Barbey d'Aurévilly, pessimista como Pöe, cuja celebre poesia *O corvo*, admiravelmente traduziu, e espirituoso como Sterne e Alphonse Karr.

Machado de Assis é, em summa, um dos primeiros em lingua portugueza e o primeiro dos primeiros litteratos da minha terra.

Agora, que vos apresentei os primeiros romancistas, apontarei apenas alguns dos da segunda plana da geração de Machado de Assis, que o foi ainda da de Alencar, Octaviano Rosa e B. Guimarães.

O mais notavel foi Franklim Tavora. Escreveu uma serie, não extensa, de romances, no intuito de fundar o que elle chamava a *Litteratura Brasileira do Norte*, o mais notavel dos quaes é *Lourenço*. Era da ex-provincia do Piauhy, tinha talento e manejava a lingua provectamente. Mas a sua tentativa não venceu; não viu sequer o começo de realisação do seu sonho. Porque uma litteratura do Norte e outra do Sul? Elle dava suas razões em resposta a esta pergunta; mas nenhuma resistia á consideração de que antes de bem formada e bem definida uma litteratura, di-

vidil-a é enfraquecel-a e impedir-lhe o complemento da evolução.

Augusto Emilio Zaluar, portuguez de nascimento, tentou o romance á Julio Verne com o *Dr. Benignus* e outros. Teve o seu minuto de celebridade.

Salvador de Mendonça, prosador correctissimo, escreveu tres ou quatro romances, dos quaes o mais notavel é *Maraba.*

Escragnolle Taunay é autor de um romance encantador pela simpleza da narrativa, frescura casta do assumpto e pittoresco dos episodios e dos quadros. Chama-se *Innocencia.*

Julio Ribeiro, grammatico illustre, philologo bastante conhecido em Portugal, escreveu dois romances de escolas e maneiras diversas, ambos notaveis. *O padre Belchior de Pontes* e *A carne*, sendo este de um naturalismo *voulu*, de uma crueza excessiva de tons, mas superiormente escripto, com um *brio* admiravel.

O Amazonas deu-nos tambem um romancista: o Dr. Herculano Marcos Inglez de Sousa, um dos mais brasileiros dos escriptores do Brasil. Dos seus já numerosos livros citarei *O cacáoalista*, a *Historia de um pescador* e *O missionario*, quadro de costumes amazonicos de admiravel verdade e modelo de estylo simples.

Vou passar agora aos romancistas da minha geração, que firmaram nome de 1880 para cá.

O mais forte d'elles é Aluizio Azevedo, nome que não é de todo desconhecido em Portugal, mas cujos livros bem poucos conhecem. É maranhense, filho da Athenas brasileira, irmão de Arthur Azevedo, o bem conhecido escriptor theatral.

RODOLPHO THEOPHILO

No estudo que lhe dediquei no meu livro *Escriptores e Escriptos*, resumi meu juizo a respeito das suas faculdades de romancista n'estas palavras: «É um poderoso observador; tem a vista percuciente e profunda; espirito resoluto e amplo, flexivel, leve, illuminado, capaz da lagrima e do riso, da gargalhada e do soluço, da piedade e do sarcasmo.»

Este, sim, é que se tiver vida bastante longa, estrenuo trabalhador que é, ha de ser o nosso Balzac. A sua obra já vae adeantada. Estreando-se com *O mulato*, que é um romance de costumes maranhenses em que é estudado com admiravel precisão e clareza o terrivel poder do preconceito da côr n'aquella provincia do Norte, depois publicou *A casa de pensão*, que é para a nossa litteratura o que é *O primo Basilio* para a portugueza. Para mim é, por emquanto, o seu melhor livro, porque n'elle Aluizio não evitou, de caso pensado, como no *Mulato*—o estylo, a commoção e a moralidade. Tem fórma, tem drama, tem pittoresco, tem, finalmente, vida propria e intensa.

Depois tem Aluizio publicado—*O homem*, um estudo forte mas violento e nem sempre verdadeiro, *O coruja*, estudo psychologico de valor, *O cortiço*, que é de primeira ordem e para alguns criticos superior mesmo á *Casa de pensão (cortiço* é o que aqui chamam *ilha)* e alguns romances de aventura, de folhetim — que d'isto é preciso viver! — como *Mysterios da Tijuca*, *Philomena Borges*, *A mortalha de Alzira*, *Memorias de um condemnado*, etc.

É um trabalhador valente. Desenhista tambem, desenha e aguarella os seus personagens

quando prepara o romance e, á guisa de Eugenio Sue, vae-os fazendo apparecer e desapparecer sobre a mesa á proporção que vae adeantando a intriga.

Aluizio Azevedo é no Brasil talvez o unico escriptor que ganha o pão exclusivamente á custa da sua penna, mas note-se que apenas ganha o pão: as lettras no Brasil ainda não dão para a manteiga — como aqui tambem, creio eu.

Pelo entranhado amor ás lettras, pela fecundidade, pelas suas poderosas faculdades de romancista, pela sua tenacidade no trabalho, Aluizio Azevedo é o Camillo Castello Branco brasileiro, o que não significa que eu já o tenha por seu egual.

José do Patrocinio teria sido um romancista como teria sido um poeta, se a campanha abolicionista em que ganhou a immortalidade, com a consciencia de a ter ganho — o que é rarissimo — o não tivesse absorvido, e depois de vencida essa lucta sagrada, não se houvesse empenhado na republicana.

Escreveu dois romances de real merecimento — *Motta Coqueiro* ou *a pena de morte* e *Os retirantes*, scenas da ultima secca que assolou o Ceará.

É notavel a ductilidade do talento d'este homem, que muitos de vós conheceis — é poeta, romancista, orador, jornalista, e tudo superiormente.

Raul Pompeia estreiou-se ainda menino com um romancete *Tragedia no Amazonas*, depois escreveu contos, curtos, fantasistas, coloridos, vibrantes, a que chamou *Canções sem metro* e *Boceta de Pandóra*.

Ha quatro ou cinco annos publicou segundo romance, *O Atheneu*, que deve ser considerado a

ESCRAGNOLLE TAUNAY

sua estreia no genero. E' um livro delicioso, que lamento não seja conhecido dos meus confrades portuguezes. N'elle faz o auctor o estudo de um estabelecimento de instrucção primaria e secundaria, internato, no Rio de Janeiro, fundado e dirigido por illustre pedagogo. O *Atheneu* é escripto com uma *verve* endiabrada. É uma satyra implacavel contra os *marchands de soupe* modernos, pondo a nú o seu pedantismo e a sua nullide, em um estylo caprichoso, original, fagulhento.

Actualmente Raul Pompeia trabalha em um novo romance, *Agonia*, que é anciosamente esperado.

É de uma dama e distinctissima que vou falar agora com o maior respeito, a mais viva admiração e a mais profunda sympathia: D. Julia Lopes de Almeida, filha do Ex.mo Sr. Visconde de S.Valentim, illustre facultativo portuguez, ha muitos annos residente no Brasil e muito conhecido e estimado na sociedade lisbonense, e esposa do meu velho e querido amigo Filinto de Almeida.

Não é uma *bas bleu*; é uma escriptora de raça, uma romancista de primeira ordem.

Além dos livros de contos, de que falarei mais adeante, publicou já dois romances, *Memorias de Martha*, *A familia Medeiros*, e tem a publicar um terceiro, cujo titulo não me acode. [1]

Tem observação, sentimento, faculdades descriptivas e escreve a lingua com singeleza e correcção extremas. Nenhum favor e nenhuma exageração existe nos elogios que faço a D. Julia Lopes de Almeida, que é a maior romancista que conheço em lingua portugueza.

Direi agora duas palavras de um dos maiores

(1) É *A viuva Simões*.

estylistas brasileiros, um burilador finissimo — COELHO NETTO.

É dos vivos o escriptor brasileiro de mais brilhante fantasia e mais copiosa imaginação. Além de muitos contos e novellas, já publicou quatro romances: *Miragem*, *O rei fantasma*, *Inverno em flôr* e *A capital federal*, sendo este, a meu vêr, o mais valioso pela observação fina e pelo bom humor sadio que lhe anima as paginas. E' um artista em toda a extensão da palavra.

AFFONSO CELSO JUNIOR é um nome muito conhecido em Portugal, mas suas obras não o são. Citarei *Minha filha* e *Lupi* entre os seus romances. São antes duas novellas muito pessoaes, genero Pierre Loti, com bellas paginas descriptivas e muito sentimento. Além d'aquellas obras, publicou mais: *Vultos e factos*, *Imperador no exilio*, *Rimas de outr'ora*, *Notas e ficções* e, recentemente, *Um invejado*, que não conheço ainda mas penso ser um romance. E' o escriptor brasileiro que actualmente ganha mais dinheiro com os seus livros; mas devo com franqueza declarar que para isso concorre mais a significação politica de seu nome que o seu merito litterario e tambem a habilidade com que nos seus livros enxerta revelações politicas e protestos de saudade pelo imperio, que Deus haja.

DÉLIA é o pseudonymo de outra mulher — romancista. Tem talento, trabalha, possue qualidades para o genero, mas não é uma artista. Ama a nota crúa, os episodios escabrosos, o que é um attractivo á curiosidade malsã dos leitores, embotados na litteratura — *pot-au-feu*. *Celeste* é o seu melhor livro.

ADOLPHO CAMINHA é muito moço ainda e, no

DÉLIA

emtanto, já se póde dizer que é o continuador de Aluizio Azevedo. Possue um admiravel temperamento de romancista. *A normalista*, seu primeiro livro, foi uma estreia auspiciosissima. *Bom crioulo* intitula-se seu segundo romance, que não li ainda, por haver sido publicado após a minha partida do Brasil. Quasi ao mesmo tempo publicava Adolpho Caminha, que é cearense (terra fecunda de talentos, o Ceará, apesar das seccas), outro livro *No paiz dos yankees*, costumes americanos.

Citarei, para concluir e não prolongar demasiado esta nomenclatura, um romance de Lucio de Mendonça *O marido da adultera*, em que o «velho thema», como lhe chama o sr. Marcellino Mesquita, recebe solução nova, dizendo o romancista ao marido enganado, em vez do *Mata-a!* de Dumas — *Mata-te!* e *O Flor*, de Galdino Pinheiro, por pseudonymo *Galpi*.

No genero contos e novellas é rica bastante a nossa litteratura. Vou nomear os mais notaveis *contadores de historias:* LUIZ GUIMARÃES, MACHADO DE ASSIS, COELHO NETTO, LUCIO DE MENDONÇA, (auctor dos *Esboços e perfis)*, JULIA LOPES DE ALMEIDA (auctora dos *Traços e Illuminuras*, primeiro premio de um concurso da *Gazeta de Noticias*, do Rio) sua irmã ADELINA LOPES VIEIRA, ARTHUR AZEVEDO, (auctor dos *Contos possiveis* e dos *Contos fóra da moda*), GARCIA REDONDO (auctor dos *Arminhos* e das *Caricias*, primeiro premio de um concurso da *Semana)*, MAGALHÃES DE AZEREDO (primeiro premio de um concurso da *Gazeta de Noticias)*, JOÃO RIBEIRO e ESCRAGNOLLE DORIA (ambos primeiros premios da *Semana)*, DOMICIO DA GAMA (auctor dos *Contos a meia tinta)*, VIRGILIO

VARZEA, especialista em marinha e assumptos nauticos, FERREIRA DE ARAUJO, especialista em assumptos *grivois*, á Armando Silvestre, AFFONSO ARINOS, MORAES E SILVA, ALBERTO DE OLIVEIRA, genero Banville, OSCAR ROSAS, decadista, symbolista, nephelibata, ou que melhor nome tenham os escriptores que fazem timbre em escrever de modo a não serem entendidos, CRUZ E SOUSA, seu digno collega de escola, auctor dos *Missaes*, VIVEIROS DE CASTRO, genero agua de rosas, vasio e interessante como Georges Ohnet, e, por ultimo, para fechar com chave de ouro e diamantes — OLAVO BILAC, essa joven gloria das lettras brasileiras, que acaba de publicar um livro triumphal, *Chronicas e Novellas*, vibrante de talento, radioso de estylo.

II

Historiadores e criticos

O decano dos historiadores e criticos brasileiros é o conselheiro João Manuel Pereira da Silva. Na Republica não ha conselheiros. Mas S. Ex.ª é conselheirissimo — pela edade, pela figura, pelas maneiras, pelo tom da sua escriptura veneranda e grave. O seu estylo ainda usa lenço preto de tres voltas ao pescoço, como nos bons tempos da fundação do imperio. A sua prosa mal disfarça a bronchite senil.

Tem sido um grande e honrado trabalhador e, comquanto importante, não é esse o unico dos seus titulos senão á admiração, ao respeito de todos e ao reconhecimento dos seus compatriotas.

A sua obra é numerosa e pesada — pelo continente como pelo conteúdo. Os bibliographos e criticos portuguezes conhecem-n'a. Avultam n'ella *A Historia da Fundação do imperio brasileiro*, *Segundo periodo do Reinado de D. Pedro I*, e o *Plutarcho Brasileiro*.

O sr. Fernandes Pinheiro acoima-o de fanta-

sista, e o accusa de consentir que o corcel da sua imaginação retouce e galope á vontade no árido campo da Historia. Não entrarei na apreciação d'esse libello, talvez fundado.

O sr. conselheiro Pereira da Silva, apesar dos seus oitenta invernos, trabalha sempre e ainda ha bem pouco tempo publicou mais um volume intitulado *Na Historia e na Legenda.*

Não me referirei aos historiadores preteritos — o grande Varnhagem (visconde de Porto Seguro), Abreu e Lima, Fernandes da Gama, e o proprio conego Fernandes Pinheiro, por estarem fóra do plano d'este trabalho.

Mas direi duas palavras de cada um dos novos.

O mais auctorisado d'elles é o Dr. Sylvio Romero. E' um erudito dobrado de um pensador. Não se contenta do papel de chronista.

Discipulo da escola allemã e mesmo um nadinha demasiado discipulo d'ella, pesquiza, induz, filia, infere, deduz, compara, conclue e affirma — por vezes um pouco auctoritariamente.

E' em todo o caso um brasileiro ás direitas, apaixonado pelas cousas da sua terra e tem já enriquecido as nossas lettras com trabalhos de merecimento como os *Cantos* e os *Contos Populares do Brasil*, a *Historia da Litteratura Brasileira* e a publicação, com prefacios e notas, das obras completas de Tobias Barreto de Menezes, seu comprovinciano e seu mestre e amigo, por quem é fanatico. (São ambos de Sergipe).

Sylvio Romero começou demolindo, arrasando tudo. Achava tudo pessimo; só Tobias era grande e bom. Fóra dos estudos allemães, do criticismo teutonico não havia salvação litteraria

SYLVIO ROMERO

possivel. Os moços nada lhe mereciam; não passavam de estafadores de adverbios terminados em *mente* e bebedores de cerveja marca *barbante*. Mas ultimamente, com o correr do tempo, tem-se attenuado notavelmente a sua teutophylia e o seu rigor.

E' o Theophilo Braga brasileiro pela tenacidade no trabalho, amor ás pesquizas historicas, espirito analysta e desdem do estylo. (Esta comparação vae de certo desagradar a ambos, porque elles hoje detestam-se e maltratam-se — o que é para lastimar).

Tobias Barreto era, de facto, um grande e original talento. Basta para proval-o o seu livro posthumo *Estudos Allemães*, assim chamados por serem estudos feitos sob a orientação allemã; é uma prova do alto valor do saudoso philosopho sergipano. Era um critico de largo surto e possante envergadura.

Araripe Junior, que já tive mais de uma vez occasião de citar, é um critico filiado ás doutrinas de Spencer e Taine, cheio de bom senso, vendo largo e longe, sem preconceitos de escola, e sabendo vêr, o que é melhor ainda. E' cearense.

Além do estudo sobre José de Alencar, tem um, egualmente bom, sobre Gregorio de Mattos e acaba de publicar na *Semana* um excellente *Retrospecto litterario do anno de 1893*.

E' um valente trabalhador e leva sobre Sylvio Romero duas vantagens: não tem dependencias de escola nem exclusivismo por determinados auctores e sabe imprimir ao estylo movimento e colorido.

Franklim Tavora, fallecido ha alguns annos, cultivava tambem e com brilho notavel este dif-

ficil ramo da litteratura e na *Revista Brasileira*, inseriu varios estudos de valor.

José Verissimo, hoje o director d'aquelle importante repositorio, tem uma séria e provada aptidão critica. Tem dois livros de alto merito; um sobre a educação no Brasil e o outro intitulado *Estudos Amazonicos*. Os seus trabalhos criticos insertos em jornaes e revistas dariam mais de um grosso volume.

Citarei mais tres criticos de talento e illustração: Raymundo da Rocha Lima, Clovis Bevilacqua e Capistrano de Abreu, todos tres naturaes do Ceará, como Araripe Junior.

É curioso: quasi todos os nossos criticos são-nos fornecidos pelo Norte! Franklim Tavora era do Piauhy e José Verissimo do Pará.

Ha poucos annos mallogrou-se por morte prematura um moço de raro talento e que tinha grandes qualidades para a critica litteraria e social: Tito Livio de Castro. A esforços de seu padrinho e protector (um portuguez que o recolhera, educara e amava como pae) publicou-se um livro posthumo, que é uma revelação. É um estudo magnifico sobre o papel e destino da mulher na sociedade contemporanea.

Devo ainda mencionar um critico da velha guarda, um dos ultimos representantes da geração romantica, Eunapio Deiró. Tem muita leitura e maneja a lingua com perfeito conhecimento de suas bellezas e segredos.

SEGUNDA PARTE

OS POETAS

I

Os Poetas

Em Portugal tenho ouvido a muitos escriptores (um d'elles João de Deus) e a muitos illitteratos dizer que o Brasil é uma terra de poesia, um ninho enorme de poetas. Ora isso é verdade.

A natureza brasilica — pujante, opulenta, feracissima, é fonte perenne de inspiração, é manancial inexgotavel de poesia. A grandiosidade das florestas, profundas, embastidas, rumorosas; a grandeza dos rios, vastos como mares; a belleza das cascatas colossaes, a pureza admiravel do céu, o esplendor do sol, a doçura amaviosa do luar, tudo inspira, tudo exalta, tudo desperta a vontade de cantar. As arvores, as estrellas, as flôres, as aves, reçumam poesia — póde-se assim dizer.

Gonçalves Dias sentia bem, sentia exacto quando achava que as aves que aqui gorgeiam não gorgeiam como lá e affirmava que o céu do Brasil tinha mais estrellas, as varzeas mais flôres, os bosques mais vida e a vida mais amores.

Pelo menos todos os brasileiros sentem e pensam assim, o que seria ainda uma prova da exaltabilidade de sua imaginação.

O que é certo é que os poetas formigam na minha terra. Todos lá versejam, mais ou menos. Não ha quasi nenhum homem de certa notoriedade, de algum valor mental que não tenha no seu passado o peccadilho de um volume de versos — ou na estante, impresso, ou na gaveta, inédito. Não vae exagero no que affirmo. Além de que, no Brasil, todos se julgam litteratos, senão reaes — possiveis. Não ha quem se não considere capaz de competir e vantajosamente com o romancista A ou com o poeta B. Em um livro publicado ha cinco ou seis annos referia-me eu a esse curioso phenomeno por esta fórma:

«Entre nós são as lettras unicamente um *chic*, uma prenda a mais, que é de bom gosto exhibir nos salões, e que se colloca logo abaixo da cadeira do parlamento, entre as habilidades galantes — a equitação e a valsa.

«Nos bailes aristocraticos apontam-se a dedo *ganté* o ministro ou o conselheiro Tal que se digna de voltar a pagina da *romanza* que a baroneza está cantando e segreda-se com respeitosa admiração;

— Que talento! Dizem que até faz versos!

E S. Ex.ª desculpa-se modestamente com a Sr.ª Tres Estrellas, que lhe pergunta:

— Ah! V. Ex.ª é litterato?

— Oh! não, minha senhora: não tenho tempo para isso.

— Mas disseram-me que faz romances...

— Nas horas vagas, por passatempo. E o gesto de S. Ex.ª nobremente desdenhoso, dá a en-

tender que em horas de tedio não se dedigna de ser Victor Hugo ou Balzac.» [1]

Dessa facilidade de litteratar banalmente, de verter phrases, vem a pouca attenção e o escasso apreço que lá se ligam aos verdadeiros artistas, aos que escrevem com o sangue de suas veias.

Felizmente o incremento que tem tido, ha uns dez annos, a vida litteraria tem corrigido esse falso entender do publico e já se vae comprehendendo que para ser Gonçalves Dias ou Alencar não basta sómente o querer sel-o.

Para dar noticia dos numerosos poetas da minha terra preciso de classifical-os por epochas, escolas ou grupos accidentaes.

Na falta de uma classificação já acceita, vou arranjar uma, para o meu uso neste momento.

Não me responsabiliso pelo seu rigor critico. Serve ao meu fim — apresentar os principaes poetas — e isso me basta para consideral-a excellente.

Destribuil-os-ei nos seguintes grupos: I Poetas luso-brasileiros; II Indianismo e Romantismo; III Os mallogrados, ou Escola de morrer joven; IV Os hugoanos, ou Escola do condor; V Musa Civica, ou Escola do chacal; VI Parnasianismo; VII Os desorientados; VIII Os emancipados.

---

1 *Escriptores e Escriptos*, pag. 44.

I

Poetas luso-brasileiros

Até Gonçalves Dias podem ser assim considerados todos os poetas nascidos no Brasil, com raras excepções, pela immediata e profunda influencia sobre elles exercida pela litteratura de alem-mar.

Não quero citar nomes por só me haver proposto occupar-me dos poetas de 1870 até hoje.

Mas nomearei um só para representar toda essa epocha que abrange do seculo XVI ao XIX — GREGORIO DE MATTOS GUERRA, exactamente o menos luso desses poetas, entre os quaes avultam Basilio da Gama e Durão. No seu notavel estudo diz Araripe Junior consideral-o o mais brasileiro de todos os poetas do Brasil e o primeiro que procurou ser nacionalista, o fundador posthumo do *brasilianismo*. E diz: «Gregorio de Mattos é toda a poesia do seculo XVII. Foi satyrico, não como Rabelais, mas sim como Aristophanes, Diogenes e o Aretino; foi mesmo o genio satyrico mais acabado que tem produzido a Natu-

reza». Antonio Vieira disse — «que maior fructo produziam as satyras de Gregorio de Mattos que as missões delle jesuita».

Prestada esta homenagem ao precursor da Litteratura Brasileira, passo ao segundo grupo, aquelle que representa a Poesia Brasileira pura, estreme de inspiração lusa.

II

Indianismo e Romantismo

Visconde de Araguaia (Domingos José Gonçalves de Magalhães). Esse poeta, bem como os seus contemporaneos Gonçalves Dias e Porto Alegre, soffreu a influencia do Romantismo que então attingia seu auge em França com Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, Delavigne, Musset, A. de Vigny, etc.

Os *Suspiros Poeticos* e *Saudades* vieram a lume em 1835 em Paris e foram acolhidos com enthusiasmo e, no dizer do historiador Fernandes Pinheiro marcaram o inicio de uma nova era litteraria para o Brasil. Domingos de Magalhães foi o acclimador do Romantismo. Algumas das suas odes ficaram celebres, como *Napoleão em Waterloo*, a qual, afinal, é um mostrengo.

E na verdade dalli partiu a quadra do Romantismo Brasileiro. Além da influencia daquelles mestres francezes havia a de Byron.

Os reformadores emprehenderam o nativismo, isto é: «a expressão do genio nacional» no dizer

de Wolff. *A Confederação dos Tamoyos* foi publicada em 1857 e fez grande ruido. Ainda hoje alguns trechos desse poema, como o congresso dos chefes tamoyos, a marcha das nações, etc., são dignos de ler-se e têm grandes e solidas bellezas. O indianismo brasiliense foi uma resultante das obras de Chateaubriand, a *Atala*, sobretudo.

Pretende Araripe Junior que só Alencar o haja sentido realmente, espontaneamente e por elle haja tido paixão. Parece-me uma injustiça, não a Domingos José Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre, o autor do *Colombo*, mas a Gonçalves Dias, que, inclusive, era quasi caboclo. O enorme poema de Manoel de Araujo Porto Alegre que tem 40 cantos, publicado em 1866, é bebido nas mais famosas epopéias da antiguidade.

Considero hoje heroismo ler todo esse enorme poema, a seguir, sem o repouso de uma semana, pelo menos, de um a outro canto, o que não significa de modo nenhum que alli se não encontrem bellissimos versos, tropos felizes, largos surtos de inspiração.

Ao *Colombo* precedera um volume de poesias intituladas *Brasilianas*, d'entre as quaes *O Corcovado* se recommenda á admiração, desde que pela primeira vez (em 1845) foi publicada.

Tenho pressa de dizer do primeiro lyrico brasileiro — GONÇALVES DIAS.

Mas só direi poucas palavras, pela razão mais de uma vez lembrada.

Publicou em 1846 os *Primeiros Cantos*, que abrem com as seis formosas canções chamadas *Poesias Americanas*, a primeira das quaes *(Minha terra tem palmeiras)*, escripta em Coimbra,

em 1843, é celebre em Portugal, no Brasil e conhecida até em França.

Foi o joven poeta saudado por Alexandre Herculano como grande esperança da patria. Animado pelo mestre, continuou de estudar e desenvolver o americanismo, inspirando-se nos escriptores americanos — Longfelow e F. Cooper. Aos *Primeiros* seguiram-se os *Segundos Cantos*. Foi uma desgraça não houvesse o grande poeta terminado *Os Tymbiras*, de que só foram encontrados quatro bellissimos cantos.

As obras completas de Gonçalves Dias foram publicadas a esforços do seu amigo e comprovinciano, tambem poeta, Dr. Antonio Henriques Leal, que as enriqueceu com um estudo critico-biographico e copiosas annotações.

Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias — são os implantadores do Romantismo e fundadores do Indianismo.

Passo agora a nomear os mais notaveis romanticos, de corrida, apontando-os apenas, e remettendo o leitor para as composições que d'elles colligí na Selecta com que fecha este livro.

E nesta nomenclatura não obedeço a nenhuma especie de classificação — nem chronologica, nem de merecimento, nem da grandeza da obra de cada um.

São elles: Bernardo Guimarães (mineiro); Bruno Seabra (paraense), o grande José Bonifacio de Andrada e Silva (paulista), Francisco Octaviano de Almeida Rosa (fluminense) Odorico Mendes, Gentil Braga (maranhenses), Teixeira de Mello (fluminense), Laurindo Rabello, o improvisador, o humorista, e grande lyrico por vezes (fluminense), Luiz Guimarães, tão aprecia-

do em Portugal (fluminense) Machado de Assis (fluminense), que conseguiu ser sempre de seu tempo, o que o faz ser ainda hoje moço e modernissimo, apesar dos seus 56 annos de edade. [1], Lucio de Mendonça, de quem ha dois livros lyricos muito delicados — *Nevoas matutinas* e *Alvoradas*, Ezequiel Freire e Narcisa Amalia, a doce cantora das *Nebulosas*.

---

(1) Faltam aqui de certo alguns nomes laureados—aqui como alhures; mas lembro mais uma vez que faço este trabalho de memoria.

III

Os mallogrados, ou Escola de morrer joven

Do Romantismo, tronco robusto e vasto, bracejaram numerosos ramos, mais ou menos longos e verdejantes, entre os quaes citarei: o *Byronianismo*, de que foi chefe MANUEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO, paulista, verdadeiro genio poetico; o *Mysticismo*, representado em JUNQUEIRA FREIRE; o *Fatalismo Amoroso*, cujo chefe foi CASIMIRO DE ABREU; o *Mussetismo*, representado por FAGUNDES VARELLA, etc. Mas todas essas subescolas, filiadas ao Romantismo, delle oriundas, podem ser reunidas num só grupo que chamei *Os mallogrados*, numa só escola que appellidei *A escola de morrer joven.*

Pesava sobre os moços poetas como que um fatalismo funebre. Elles proprios o sentiam e era a morte a Musa pallida, *nero vestita*, que os inspirava. Todos elles sabiam que pouca vida teriam e o lamentavam em sentidas endeixas.

Alvares de Azevedo falleceu aos 21 annos; Junqueira Freire aos 22, Casimiro aos 23, Cas-

tro Alves aos 24, Aureliano Lessa aos 31, Fagundes Varella, o grande lyrico, aos 34.

Dir-se-ia um capricho da morte, ceifando todos os genios poeticos, mal começavam de enflorar, para impedir-lhes a fructificação.

Desses poetas, o menos conhecido em Portugal é Luiz Nicolau Fagundes Varella. Por isso direi duas palavras a seu respeito.

Era uma grande alma cantante, sonhadora, inspirada. Nas suas poesias completas, que formam tres grossos volumes, sente-se passar o sopro do genio.

Comquanto se inspirasse vagamente em Musset e algumas vezes em Henri Heine, — do que aliás, não precisava o seu talento fortemente creador e original — o seu lyrismo tem uma feição propria, inconfundivel, pela suavidade e pelo pittoresco. *Esperança* e *Mimosa*, são dois poemetos deliciosos. Mas a sua obra mais completa e de mais largo folego é o *Evangelho nas selvas*, que tem por assumpto o padre José de Anchietta, cathechisando o gentio e levando ao seio virgem dos bosques a palavra de Deus. Nesse poema, composto em versos brancos, admiravelmente correctos e harmoniosos, ha paizagens deliciosas de côr, frescura, luz e movimento, e episodios encantadores de simplicidade e pureza.

Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella e Castro Alves, formam uma constellação de primeira grandeza no firmamento da poesia brasileira, tão recamada de estrellas como o nosso bello céo tropical numa noite clara e tranquilla de agosto.

São quatro poetas maximos. Um só bastava para fazer o orgulho de uma litteratura.

IV

Os hugoanos, ou Escola do condor

A influencia da Musa epica de Victor Hugo foi grande em França, em Portugal, na Hespanha, na Italia, na propria Inglaterra.

Nada admira que o houvesse tambem sido no Brasil. A *Légende des Siècles*, primeiro, *L'année terrible*, depois, e, por fim, a serie de poemas eólios *La pitié suprème*, *Le Pape*, *Religions et Religion* e *L'âne* mudaram notavelmente a maneira e os intuitos da poesia contemporanea por algum tempo.

O movimento não foi duradouro, mas foi vasto e profundo. Representaram-n'o em Portugal poetas como Claudio José Nunes, Guilherme Braga, Guerra Junqueiro e Anthero do Quental — quatro gigantes do Verso. Representaram-o no Brasil Antonio de Castro Alves e Tobias Barreto de Menezes, principalmente.

Essa escola do emphatismo, da empóla e da bomba ficou sendo conhecida lá por «escola condoreira», pelo uso immoderado que faziam os

seus poetas da bella e gigantesca ave americana — o condor. A proposito do livro de Tobias Barreto *Dias e Noites*, fiz a seguinte descripção humoristica da escola condoreira na obra já anteriormente citada:

«O motor de todo o systema é um philosophismo emphatico e resonante, fabricado da liga de todos os systemas conhecidos na epocha da invenção da machina.

«Esse motor não é um principio scientifico, nem alguma verdade moral. Nada representa no terreno da litteratura. Serve apenas como força propulsora.

«Ha uma grande roda dentada — a das interrogações. Serve para interrogar todas as cousas e todos os espiritos, terrestres e celestes, conhecidos e desconhecidos, existentes e por existir, sobre todas as questões e sobre questão nenhuma.

«Ha tambem na machina um cylindro, crivado de pontas como os das caixas de musica — a *Duvida*. Serve para fazer o desconhecido, o absurdo, o inconcebivel, o fantastico, sempre que haja necessidade.

«Completa o machinismo uma especie de batedor de ovos, que serve para misturar e bater a philosophia, os condores, as duvidas, os astros, as interrogações, os Andes, as confidencias das cousas, a polvora, as lagrimas, o Hymalaia, o sangue, as espadas, as nuvens... em uma palavra: tudo e mais alguma cousa.

«Por uma torneira, collocada na parte inferior do apparelho, recebe-se o producto, prompto a ser lançado ao commercio... das lettras.»

A critica póde parecer demasiado rude e seve-

ra; mas só o será na forma, que é trocista; no fundo não é. Aquella escola só fazia ruido como os tambores por ser ôca. Vou citar alguns *specimens*. De Castro Alves:

No dorso das cordilheiras
Batem rijas, agoureiras,
As martelladas do algoz:
E' o carrasco, negro, immundo,
Pregando o esquife de um mundo
Em seu sudario de heroes.

ou:

E' a hora das epopéas
Das Iliadas reaes,
Ruge o vento do passado
Pelos mares sepulcraes.
E' a hora em que a Eternidade
Dialoga a Immortalidade...
Fala o heroe com Jehovah!
E Deus — nas celestes plagas —
Colhe da gloria nas vagas
Os mortos de Pirajá.

De Tobias Barreto:

Vêr o mysterio eriçado,
Rodeando os mausoléos,
Morrer... subir... agarrado
No escarpamento dos céos...
E' triste, mas é a vida...
O homem, de tanta lida
Cançado, indagando vae.
Chora, em balde, grita, escuta,
E a terra, mãe prostituta,
Não lhe diz quem é seu pae.

Sem duvida que para fazer versos desse genero é preciso ter talento e muita imaginação. Como porém o sentimento, a emoção creadora

não entrava por nada na concepção e execução d'aquelles poemas, elles ficavam sendo apenas formosas peças de fogo de artificio, musicas atordoadoras e brilhantes, mas sem expressão moral.

É de justiça confessar que tanto Castro Alves como Tobias Barreto, que eram dois grandes poetas lyricos, compozeram alguns versos condoreiros de grande valor litterario; sobretudo o primeiro, nas *Espumas Fluctuantes*.

Teve essa escola outros distinctos sequazes de menor fulgor, como Pedro Luiz, Quirino dos Santos, Carlos Ferreira, Lobo da Costa e outros.

Este ultimo, que era riograndense e teve um fim tragico, (1) leva a escola aos ultimos excessos. Lembro-me que uma poesia por elle recitada com estrondo em um theatro, em homenagem a uma actriz festejada, terminava por estes dois versos catapultuosos:

«O Oceano bate palmas
«E Deus salta da cruz!

Provavelmente para beijar a actriz.

Antonio de Castro Alves, nascido na Bahia em 1847 era um poeta em toda a extensão da palavra. Tinha uma alma ardente, um coração sensibilissimo, uma lingua harmoniosa, doce, colorida, cantante. E para que de poeta nada lhe faltasse, tinha uma formosa cabeça meridional: fronte vasta e escampa, cabellos negros e longos,

(1) Foi encontrado hirto, gelado ao fundo de uma gróta, no Rio Grande do Sul, numa manhã de inverno.

olhos grandes e fulgurantes, boca energica, curto bigode elegante. Um bellissimo homem.

Quando elle assomava á tribuna ou ao camarote com a sua figura esculptural e recitava uma das suas composições de fogo, *O livro e a America*, por exemplo:

«Talhado para as grandesas,
«Pr'a crescer, crear, subir,
«O novo mundo nos musc'los
«Sente a seiva do porvir,

um fremito de admiração corria por todos os assistentes, o enfeitiçamento começava, os homens erguiam-se, os seios femininos palpitavam offegantes, todas as almas como que sobrepairavam no ar, fluctuando, ondulando á mercê da voz do poeta. E quando elle terminava, o theatro parecia ruir com o trovoar dos applausos.

A morte prematura do cantor dos escravos foi um dos maiores mallogros da poesia brasileira, porque elle promettia immenso.

Além das *Espumas Fluctuantes*, deixou inacabada a sua grande epopéa *Os Escravos*, da qual foram publicados: *A Cachoeira de Paulo Affonso*, poema em que ha cantos deliciosos de suavidade e harmonia, *As vozes d'Africa* e o *Navio Negreiro*, poesias longas e de um admiravel fulgor de tropos, filiadas á propaganda abolicionista de que era o mais illustre, senão o unico poeta.

Tobias Barreto, sergipano, era tambem um poeta. Quer o sr. Sylvio Romero, seu comprovinciano, ex-discipulo e grande amigo, que tem por elle fanatismo, quer o sr. Sylvio Romero que seja o poeta dos *Dias e Noites* maior que Castro

Alves e que todos os outros poetas brasileiros. Era grande, sim; mas Castro Alves valia muitissimo mais, quer no vigor da cerebração poetica, quer na doçura e colorido do seu inefavel lyrismo.

A escola condoreira que ainda se sustentava só pelo talento dos cultores que nomeei, morreu com elles. Fez o seu tempo. O *condor* do hugoismo acha-se hoje empalhado e fazendo companhia ao *sabiá* do indianismo e ao *chacal* do socialismo no Museu de Archeologia Litteraria. A Poesia vae mudar de orientação e de fórma. A bomba, a empóla, a emphase passaram para dar logar á poesia de combate, militante, de ideaes politicos e sociaes.

FONTOURA XAVIER

V

Musa Civica ou Escola do chacal

Foi grande a influencia exercida pelos seguintes livros de poesia portugueza: *Odes Modernas*, de Anthero de Quental, *Morte de D. João*, de Guerra Junqueiro, *Claridades do Sul*, de Gomes Leal e *Alma Nova*, de Guilherme de Azevedo. Comquanto os milhares de poetas menores e minimos continuassem a cantar derretidamente as suas *ellas* á luz mysteriosa e doce do luar, os maiores, os de valor, acompanhando o movimento evolutivo geral da poesia contemporanea, e recebendo directamente a influencia d'aquelles livros escriptos na mesma lingua, desprezaram o arrabil dos amores, a guitarra dos soláus nocturnos e empunharam a lyra rude dos hymnos do pensamento e o gravibundo violoncello dos monologos humanitaristas. Foi um meditar metronomico que lhes não conto nada.

Um dos poetas, o excellente Fontoura Xavier, bradava:

> Poeta, o cantar hoje o collo nú da amante
> Não diz com a evolução do seculo gigante!

E era em vão que as amantes desnudavam os seus opulentos collos brancos, appetitosos como gelatinas caras: os poetas seus amantes estavam inteiramente absorvidos a cantar o transformismo, a evolução, a lei da selecção das especies, o suffragio universal, a separação da egreja do estado, o celibato clerical, a Republica, o Communismo, a Paz, a Justiça, a Egualdade, o Amor Universal (tudo com maiusculas).

O auctor d'estas linhas foi dos primeiros a romper a marcha com os *Cantos e Luctas*, editado pelo seu camarada e amigo Assis Brasil e offerecido a quatro iniciaes mysteriosas (mysterio que se aclarou na egreja, deante de um padre) e á Republica.

«Peguei da espada e vim juntar-me aos combatentes».

E dei o meu recado como pude.

Theophilo Dias entoou o *Cantico dos bardos:*

Erguei-vos, menestreis! Das vossos lyras
Batei com o viril canto as larvas do erro,
E os vossos corações, muros de ferro,
Sejam do Oriente os lucidos pharoes!
Marchae, marchae! Romeiros do futuro,
Vêde!—nos nossos vastos horisontes
Inclinam-se as pyramides dos montes
Pedindo os seus heroes!

Assis Brasil ergueu tambem a voz e entoou um hymno de lucta, cantou a victoria do Bem:

Lá vem do céo azul rasgando a face
O bando das idéas generosas,
Como um rebanho d'aguias luminosas
Que um tufão no deserto arrebatasse.

Deixae, deixae passar o bando augusto
Das rubras e candentes utopias
Que vem metter no leito de Procusto
As rotas tyrannias!

Era uma variante do condorismo, como vêem, com mais idéa e menos zabumbas.

Esse movimento foi quasi geral e tão vehemente que ainda hoje se ouvem repercussões d'elle.

Apontarei os seus principaes representantes e suas obras mais caracteriscas. FONTOURA XAVIER, com o *Regio Saltimbanco* e as *Opalas;* GENERINO DOS SANTOS com uma serie de sonetos philosophico-moraes e *Os lazaros*; MARIO, [1] irmão de Alberto de Oliveira, auctor dos *Versos* — em que se lêem alguns de primeira ordem e que imprecava a Natureza em bom portuguez:

Oh! Natureza, ó mãe, porque então me pariste?

Assis Brasil escreveu em varias revistas — os *Libellos a Deus*, que não reuniu em.volume. Lembram-me estes primeiros admiraveis versos da poesia *O Christo:*

Pelos campos sem luz da mystica Judéia
Andava errante e triste um pobre viajor
O verbo semeando e recolhendo a idéia
Na seára sem fim de seu immenso amor...

IZIDORO MARTINS JUNIOR, scientista convicto, publicava os *Estilhaços* e as *Visões de hoje* em que o poeta, acompanhando a theoria positivista,

(1) Marianno de Oliveira. Deixou as lettras para professar na egreja de Augusto Comte.

apresentava as quatro syntheses: Scientifica, Religiosa, Politica e Artistica.

Augusto de Lima dava á luz as *Contemporaneas* — um livro de pensador e de poeta, seguido, poucos annos depois, dos *Symbolos*, que não é tão forte.

Theophilo Dias e Raymundo Corrêa foram accidental e passageiramente poetas combatentes.

De todos os poetas que representam essa phase, o mais vigoroso e brilhante é Lucio de Mendonça. Em varios jornaes e revistas publicou soberbas e chispantes poesias de combate contra a Egreja e o Throno. Reuniu-as e deu-as em volume em 1889, mas serodiamente, nas vesperas da revolução. Tem por titulo *Vergastas*. A capa do volume, que representa uma barricada ensanguentada e incendiada, é composição de um litterato — Raul Pompeia, de cujo valor já vos disse. Esse facto matou o exito do livro. Veio demasiado tarde. Se tem apparecido tres annos antes teria obtido um largo e verdadeiro successo.

Lucio de Mendonça é uma das mais poderosas organisações litterarias do Brasil moderno: no conto, no romance, no verso lyrico, no verso politico, na polemica, em não importa que genero litterario o seu talento se encontra como o peixe n'agua.

Passada a effervescencia da poesia de combate, o grande veio de lyrismo em que se abeberavam continuou de fluir murmuroso e claro. Como a escola indianista do sabiá e a hugoana do condor, fazia a escola socialista um grande uso e mesmo algum abuso do chacal. Este bicho, que ficou sendo o animal symbolico da escola, foi introduzido pelo meu amigo Fontoura Xavier, poe-

MACHADO DE ASSIS

ta satanista, adorador de Pöe e Baudelaire. Tambem, por seu castigo, ficou sendo conhecido pela antonomasia—*o chacal.*

Entretanto, o Parnasianismo ia-se insinuando brandamente e conquistando os *chacalistas*, os *scientistas*, os *beaudelaireanistas*, os *positivistas* e os *realistas*. Foi e tem sido — pois não se extinguiu ainda — a phase mais brilhante, mais opulenta, mais admiravel da litteratura brasileira.

Machado de Assis. Citei este nome de passagem tratando do Romantismo. E não me detive, como devia, a dizer delle pelo menos o indispensavel para se poder ajuizar do seu merecimento porque pretendia abrir com elle esta secção.

Machado de Assis que se estreiára com as *Crysalidas* e publicára depois *As phalenas*, livros romanticos, de forma correcta, não pode deixar de ser considerado um parnasiano, tal o esmero com que trabalha o verso, a riqueza da sua rima e a perfeição dos seus rythmos. (Eu não classifico por prazer ou mania, mas unicamente por necessidade; e tanto assim que me não responsabiliso pela justeza das minhas classificações.) O que lhe falta é um pouco de calor. Mas por isso mesmo ainda me parece elle um parnasiano. A Musa de Catulle Mendès, o chefe da seita, é impassivel á dôr, e nas suas marmoreas faces não corre uma lagrima: a arte é serena e eterna, e vence o tempo e a dôr.

Para dar uma idéia muito approximada do valor de Machado de Assis e da sua maneira de versificar basta fazer ler o *Circulo vicioso* e *A mosca azul* — duas pequeninas obras primas. O

leitor as encontrará na collectanea que completa este livro.

THEOPHILO DIAS. Sobrinho de Gonçalves Dias e herdeiro do seu talento poetico. Muito parecido intellectual e physicamente com o tio.

Vindo do Maranhão para S. Paulo, em 1875, ahi se matriculou na Academia, onde logo começou de se distinguir pelas suas poesias.

Publicou a *Lyra dos verdes annos*, versos lyricos, impregnados da inspiração do tio, mas nos quaes já se revelava um poeta.

Nos *Cantos tropicaes* que se lhe seguiram (1878) já a personalidade do poeta começa de tomar relevo proprio, quer na corrente das idéias, que são as do seu tempo, quer na forma, que elle aprimora e requinta.

As proprias poesias americanas que alli se encontram são compostas de modo mais artistico. A leitura de Baudelaire e Leconte de Lisle, de que vêm formosas traducções no volume, levam o poeta ao parnasianismo e elle ás *Fanfarras*, um livrinho encantador, a que o titulo vae muito mal, porque nada tem de metallico nem de estridente.

São peças primorosamente lavradas, na maioria repassadas de um sensualismo delicado, um tanto morbido, das quaes a mais notavel é *A matilha*. Essa collecção, impressa no primitivo formato das *Miniaturas*, não é bastante conhecida, mesmo no Brasil.

Depois foi Theophilo Dias —que era tambem prosador eximio—absorvido pela politica, sereia perfida, e pelas necessidades praticas da vida, pois creara familia e era pauperrimo. Mas publicou ainda um poema *A comedia dos deuses*, ins-

pirada no *Aswerus* de E. Quinet. Tem bellezas, mas não correspondeu á espectativa. O meticuloso cultor da forma commette alli descuidos e faltas imperdoaveis.

A esthetica do poeta das *Fanfarras* definiu-a elle nos seguintes topicos do prefacio que escreveu ás *Contemporaneas*, de Augusto de Lima: «A meu vêr a arte é a expressão immutavel das impressões multiplas e successivas que o espectaculo da natureza ou o drama da existencia reflectem no espirito que os contempla e interpreta. O que caracterisa o artista é a faculdade de descobrir e aprimorar symbolos que, revestindo, com a belleza da forma, o sello e a virtude da perpetuïdade, conservam e communicam, sempre viva e energica, a emoção que se recebe das cousas que passam.» Attenção sobretudo para este trecho: «A principal inspiração é a da forma.»

É o *credo* parnasiano, synthetisado numa curta sentença, singularmente feliz. E o poeta esclarece desta forma o seu pensamento: «A mais fina essencia perde-se, despercebida e ignorada, quando a encerra um vaso grosseiro. Os mais suaves sentimentos repugnam, se contrastam com a expressão que os envolve.»

Mas não se cuide que elle desdenha o pensamento, a idéia, dando só importancia á forma. Não: «A arte suprema consiste na correspondencia exacta, na equivalencia perfeita entre a forma e o pensamento.»

Sómente forma, é pouco; mas, ao passo que uma idéia banal ou velha ganha melhor intensidade quando expressa na forma que lhe convem, pelos unicos vocabulos adquados, uma idéia formosa e nova passa despercebida, apaga-se, se

a vestem expressões inadequadas, sob uma forma imperfeita. Eis o levita impeccavel da arca sagrada da Forma. Desgraçadamente a morte nol-o arrebatou, roubou-nos essa joven gloria, tão promettedora e tão radiante de vida! Morreu com 32 annos apenas.

RAYMUNDO CORRÊA. É conhecido de nome em Portugal, e um soneto seu—*As pombas*, é celebre por já ter feito a volta do mundo... jornalistico europeu.

Os seus tres ultimos livros — *Symphonias*, *Versos e Versões* e *Aleluias*, são tres livros de grande poeta, qual mais bello, mais precioso, mais perfeito.

A sua arte é melhor que a de Machado de Assis, porque não denuncia o esforço do artista. Nas custosissimas joias que o seu buril trabalha e lavra não se percebe a traça do buril. Seus maravilhosos versos teem a simplicidade das estatuas dos grandes mestres da Helos artistica. Vou dar-vos um exemplo. Lêde-me este soneto:

PLENA NUDEZ

Eu amo os gregos typos da esculptura:
Pagans nuas no marmore entalhadas;
Não essas creações que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura
Os corpos nús, as linhas onduladas
Livres, da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas.

Não quero, a Venus opulenta e bella
De luxuriantes formas, entrevel-a
De transparente tunica atravez:

Quero vel-a sem pejos, sem receios,
Os braços nús, o dorso nú, os seios
Nús... toda núa da cabeça aos pés!

É marmore e de Phidias, pela lyra de Apollo! Vêde-me a simplicidade encantadora de meios com que o poeta nos consegue dar a sensação e a idéia do seu assumpto em versos de um lavor custoso e perfeito. E não é sensual este soneto. Tem uma gravidade singular. As deusas do paganismo eram núas e é essa nudez austera, essa nudez sagrada que o soneto nos pinta e nos faz sentir.

Raymundo é um amoroso, mas melancolico, sem explosões de dôr ou de alegria, sem violencias de paixão carnal, o que o não impede de ser um voluptuoso.

Traduz como ninguem e é pena que goste tanto de traduzir, porque, emquanto empenha attenção, talento, engenho, aptidão poetica a verter para o portuguez uma composição franceza, escreveria duas ou tres originaes e que não seriam inferiores áquella. É um humorista delicioso, quando quer. Ha delle uma serie de *triolets* em esdruxulos que são encantadores de graça. [1]

---

(1) São *dedicados* ao Dr. Rozendo Moniz Barreto, o famigerado poeta dos *Favos e Travos* (ou *Chavos e Cravos?*), que andou passeando as suas venerandas e celebres suissas pelo Chiado e pela Avenida e pedindo tudo por aqui (pedindo e obtendo pelo cansaço)—elogios, retratos, transcripções, commendas, (apanhou a de S. Thiago) logares de socio em agremiações litterarias (e foi-o até da Academia Real das Sciencias). Tambem é sina desse pobre Moniz: ser victima de *triolets*. É uma justa compensação, afinal, das victimas que faz a sua ferocidade de massador-mór das lettras e dos lettrados.

Para que conheçam tambem essa curiosa face do seu talento, transcrevo aqui o

AMOR QUE PASSA...

Maria, amar-te, pensando
Do meu amor vêr-te escrava;
Pensar que te possui;
E depois perder-te, quando
Pensei, como já pensava,
Que era bem senhor de ti;

Perder, Maria, os teus beijos
Desejados, não lograr
Satisfazer mil desejos
E o que ha mais a desejar;

Deixar de vêr o teu rosto;
Deixar de te ouvir o carme
Da voz cheia de paixão ..
Foi tudo um cruel desgosto;
Mas afogar-me, enforcar-me,
Matar-me por isso, não!

Termo não puz aos meus dias,
Causásse-te embora dó;
No mundo ha muitas Marias
E eu tenho uma vida só.

Deliciosos, não são? Mas falemos de

Olavo Bilac. Não tem ainda 30 annos, pois nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 16 de dezembro de 1865. É um talento extraordinario, dotado de qualidades artisticas excepcionaes. Estudou medicina quatro annos, estudou direito tres annos e apesar de ter sido quer num quer noutro curso um estudante notavel, não concluiu nem um delles. Tem o espirito irrequieto, incontentavel, doente de um vago e incessante aspirar. Via-

jou a Europa; habitou Paris algum tempo, e essas excursões em que estudou arte e frequentou artistas, se muito aproveitou com elles a cultura da sua intelligencia, por outro lado, deixaram-lhe uma saudade, uma nostalgia das obras primas do Genio, que vira e admirara nos museus, de que só uma nova viagem poderá cural-o..

Olavo Bilac estreiou-se nas lettras ha mais ou menos dez annos, e viu-se logo que havia nelle um novo de talento, um poeta de largo futuro. Na *Semana*, por mim fundada e dirigida, escreveu em 1886-87 umas deliciosas *Cartas do Olympo*, assignando-as *Phebo-Apollo*. E o seu successo litterario foi crescendo sempre.

Em 1888 publicou um livro que intitulou singelamente *Poesias*. Esse volume, que tem 200 e tantas paginas, bastou a sagral-o grande poeta. Divide se em tres partes — *Panoplias*, *Via Lactea* e *Sarças de fogo*. Compõe-se a segunda parte de 35 sonetos deliciosos, e é a que mais tem agradado aos litteratos portuguezes que leram o livro, pelo que delles tenho sabido. Penso que elles teem razão, que é de facto a *Via Lactea* a melhor porção do volume.

Olavo Bilac, que trabalha o verso como Machado de Assis, Raymundo Corrêa e Alberto de Oliveira, leva-lhes a enorme vantagem de ter mais calor, mais ardencia, mais enthusiasmo juvenil.

Não canta o amor com a calma de Alberto, rebuscando o vocabulo mais lindo e mais raro, a um tempo; nem com o sensualismo preguiçoso, todo intellectual de Raymundo, que entende que em materia de amor a vida vale mais que todas as Marias. Olavo, não.

É o poeta do amor integral, completo — cor-

po e alma. Tem paixão e põe-a toda, palpitante, calida, impetuosa, com gemidos de rola e rugidos de féra, nos seus versos impeccaveis, elle proprio o sabe, elle proprio o diz:

Pouco me péza que mofeis sorrindo
D'estes versos purissimos e santos:
Porque nisto de amor e intimos prantos
Dos louvores do publico prescindo.

Homens de bronze! Um haverá, no emtanto,
(Talvez um só!) que, esta paixão sentindo,
Aqui demore o olhar, vendo e medindo
O alcance e o sentimento d'estes cantos.

Será esse o meu publico. E, de certo,
Esse dirá: — «Póde viver tranquillo
Quem assim ama, sendo assim amado.

E, tremulo, de lagrymas coberto,
Ha de estimar quem lhe contou aquillo
Que nunca ouviu com tanto ardor contado.

E é a verdade. E o mais ardente, o mais calorosamente expansivo dos poetas brasileiros modernos. — Como o dizeis então parnasiano? perguntar-me-á o leitor. Responderei que o fiz, em primeiro logar para lhe dar uma classificação, e em segundo que não pode deixar de ser considerado parnasiano quem escreveu a extraordinaria *Profissão de fé* que lereis na collectanea. Espera-se com anciedade no mundo das lettras o segundo livro de poesias do cantor da *Via Lactea.*

ALBERTO DE OLIVEIRA. Fluminense tambem, nasceu a 28 de abril de 1859. Tem publicado tres livros: *Canções Romanticas*, *Meridionaes* e *Sonetos e Poemas*, em que se observa a evolução do seu talento, hoje em plena maturidade. É o mais

parnasiano dos parnasianos. O seu verso cantante e melodioso tem um *quê* de solemne, de pontifical. É um feitio natural ao poeta.

Alto, magro, bella cabeça morena, de olhos negros, cabello negro, bigodes negros de pontas aceradas, ou melhor — enceradas, sempre irreprehensivel e gravemente vestido, é vêl-o recitar para bem conhecel-o. A voz tem notas profundas de orgão e o gesto anguloso do braço longo e magro recorta o ar em vagas menções de benção papal sobre a multidão genuflexa. Parece um *poseur* e não o é nada.

É pena que este grande poeta, que sabe ser simples, deliciosamente simples quando o quer ser — não o queira sempre. (1) A emoção poetica é quasi sempre congelada pelo rebuscamento do vocabulo, pela torturação da phrase, pelo emprego do *enjambement.*

Dos poetas vivos, e apesar da sua elaboração meticulosa e fatigante é, quer-me parecer, o de mais folego, de mais larga concepção, o mais capaz de arcar com a feitura de uma epopéia.

Ha um poeta portuguez de quem muito gosta o Alberto e com quem muito se parece quanto á poetica — Sousa Monteiro. É a mesma esthetica, o mesmo feitio artistico. Eu não desgosto d'elle.

Acho nobreza, um que de alto e de religioso mesmo nesses bellos versos gravemente sonoros como psalmos e magestosos como purpuras cardinalicias. Mas reconheço que, pela evidencia do esforço artistico e pela aspereza da elocução tor-

---

(1) Lêde *As tres formigas*, na *Selecta.*

turada, não pode essa poesia ser nunca popular, ou sequer entendida pela propria gente que frequenta poetas.

Nas *Canções Romanticas* a individualidade de Alberto de Oliveira apenas se esboça; nas *Meridionaes* começa de se affirmar. Comquanto ainda ahi se encontre a influencia do Junqueiro da *Musa em ferias*(1) e de Leconte de Lisle,(2) a individualidade do poeta já se delineia claramente, os contornos destacam-se, accentua-se a sua esthetica.

Do *Leque*, a composição mais notavel do livro, diz com a sua graciosidade peculiar o prefaciador, Machado de Assis: «Esse leque é uma reducção do escudo de Achilles. Homero, pela mão de Vulcano, poz naquelle escudo uma profusão de cousas — a terra, o céo, o mar, o sol, a lua e as estrellas, cidades e bodas, porticos e debates, exercitos e rebanhos. O nosso poeta applicou o mesmo processo a um simples leque de senhora, com tanta opulencia de imaginação no estylo e tão grego no proprio assumpto dos quadros pintados, que fez daquillo uma parelha do broquel homerico. Mas não é isso que me dá o caracteristico da pagina; é o resumo que alli acho, não de todo, mas de quasi todo o poeta — imaginoso, vibrante, musical, despreoccupado dos problemas da alma humana, fino cultor das formas bellas, amando por ventura as lagrimas, comtanto que ellas caiam de uns olhos bonitos.»

Nos *Sonetos e Poemas* o poeta está inteiro, completo, feito, com a sua individualidade acaba-

---

(1) Vide pag. 95 e seguintes até 108.
(2) Vide pag. 123 — *O Rio*.

da, a sua physionomia propria, as qualidades e os defeitos que ficaram apontados.

Destacarei do livro um soneto em que estes e aquelles vem synthetisados e que, por isso, define perfeitamente o poeta. É *O leito da romana:*

Pelo cedrino thalamo odorante
O ostro phenicio, a purpura mais bella,
Raros byssos de trama deslumbrante,
Tudo palpita com a presença d'ella.

Trabalho argel, de finas mãos, brilhante,
Cahiu-lhe o peplo. O rosto se revéla...
Romanos olhos sob a treva ondeante
Da coma esparsa, que um luar estrella.

Eri-lavradas tripodes custosas
Kam-klins, caçoulas, derramae no espaço
Aloes, sandalo, myrrhas vaporosas.

Entrando o leito, em timido embaraço,
Ella a tunica abriu um pouco, e as rosas
Mostra das pomas levantando o braço.

Um quarto livro *Versos e Rimas* vae apparecer brevemente. Neste, penso eu, o nosso Alberto de Oliveira — digo *nosso*, porque em Portugal ha outro prosador e poeta de grande talento, a quem folgo de render este preito de admiração — o nosso Alberto de Oliveira se apresenta menos parnasiano, abrindo maior espaço á emoção no lavor artistico e menos apaixonado pelo vocabulo raro, pelo epitheto exotico, ou pelo menos — vistoso.

Luiz Delfino dos Santos [1] Pertenceu á ge-

(1) Na collocação dos nomes não obedeci a nenhuma ordem. O virem os poetas nesta ordem não significa graduação por valor litterario. Abri os poetas maiores do Parnasianismo por Machado de Assis e fechei-os com Luiz Delfino por um mero capricho, para metter a columna dos moços entre dois generaes da velha guarda.

ração do Romantismo, como Machado de Assis. Não era aqui que devia ser estudado. Mas, como o poeta das *Phalenas*, o cantor da *Solemnia Verba* acompanhou a evolução. De lamartiniano passou a hugoano, de condoreiro fez-se parnasiano.

Sua forma remoça sempre, não juro que sem o auxilio do *Jard* das Reichemberg, mas remoça, é o caso, e apresenta-se lepida e juvenil. Além disso, continúa o nosso poeta cantando, versejando sempre, sem signal de cansaço. Fôra injustiça metter no cemiterio do Romantismo este vivo glorioso.

Nasceu este poeta em 1834 no estado de Santa Catharina. Tem 61 annos, portanto. Pois não parece, nem physica nem intellectualmente. É um refractario ás rugas, ás *brancas*, (como aqui se diz das cãs) e ao cansaço. Continúa cantando lestamente, viçosamente, como uma roseira de Jerichó. Se não tratei delle quando apreciei o Romantismo foi por me parecer que sendo elle ainda um forte e afinando a sua maneira e indole poetica com a escola hugoana melhor ficou collocal-o aqui entre as duas edades, nem entre os velhos, nem entre os novos. E não é banal o elogio, creia-o o proprio poeta. Luiz Delfino tem, para mim — e não sou o unico a pensal-o — tanta inspiração, tão grande talento poetico como os nossos poetas maximos — Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Fagundes Varella, Castro Alves e Casimiro de Abreu. Não é porém um poeta egual a esses para a critica e para o publico, por uma razão capital: a sua obra, que é immensa, anda toda esparsa em jornaes e revistas. Não tem um livro. E não o tem por dois motivos: a sua o seu... como direi? emfim: o seu temor de

gastar dinheiro e perdel-o editando-se a si mesmo e o seu desleixo em não reunir os seus versos e procurar editor. De modo que não é facil conhecel-o.

Coube-me a gloria, ha alguns annos, de haver despertado na imprensa e nas lettras a attenção e o apreço para Luiz Delfino, que estava inteiramente esquecido, e de conseguir que elle publicasse alguns dos seus innumeros versos ineditos. Calculo que s. ex.ª tem escripto de 500 a 600 sonetos, se não mais. Ora desses 600 sonetos podia-se escolher perfeitamente uma centena delles optimos, de primeira agua. E só com esse livro Luiz Delfino se immortalisaria. Esse trabalho ha de ser feito, mais tarde ou mais cedo. Pelas tres composições que delle insiro na collectanea poder-se-á fazer uma idéia, imperfeita embora, do seu grandissimo valor.

Infelizmente é um poeta muito desegual. As bellezas acotovellam-se com as obscuridades e as imperfeições na mesma poesia, ás vezes na mesma estrophe.

Entre os seus numerosos poemas (*poemetos... grandes*, se quizerem dar á palavra *poema* a significação restricta) destacam-se *Solemnia Verba*, *A Fornarina*, *Christo e a adultera*... que sei eu? Um poeta extraordinario — pela pujança do pensamento, pela opulencia da imaginação, pelo colorido oriental da linguagem, pela arte requintada do verso, pela fecundidade prodigiosa, pela novidade que se encontra sempre mesmo nas suas peiores composições, pela juventude rosea e verde que respiram os seus idylios e madrigaes. Um joven sexagenairo e um poeta a valer.

VI

Os poetas menores (*)

D. FRANCISCA JULIA DA SILVA, nascida em S. Paulo, e muito joven ainda, appareceu repentinamente nas columnas d'*A Semana*, com a luminosa surpresa de uma estrella que rompe o véo negro da noite, sem se annunciar, exhibindo-se logo em todo o seu esplendor. Não principiou como principiante, mas logo como mestre: sem vacillações, sem titubeios, sem incertezas.

A elocução, a epithetisação, a rima, o rythmo, as imagens eram de quem conhecia da nobre arte do verso todas as forças e todos os segredos.

Affeiçoou-se especialmente ao soneto, provavelmente por ser a mais difficil das formas poeticas e por isso a mais digna de um parnasiano.

E que ella é um poeta parnasiano não ha duvida. Basta ler-lhe um soneto qualquer, principalmente o que intitulou *Musa Impassivel*, que é uma profissão de fé que agradaria ao cantor das *Odes funambulescas*. Banio a emoção do verso,

---

(*) Chamando-lhes *menores* não quero significar que alguns delles não sejam grandes; mas apenas que, mais talentosos e mais inspirados uns do que os outros, são todos, a meu ver, menos notaveis, *menos grandes* do que aquelles de que acabei de tratar. A ordem em que vão aqui apreciados não é outra senão a que a memoria estabeleceu no correr do trabalho: nada de melindres, portanto.

como é de rigor na escola a que se filiou; mas a emoção lá de vez em quando encontra bréchá e vem augmentar o merito dos seus formosos alexandrinos e decasyllabos com um leve e doce enternecimento.

Marmores intitulou D. Francisca Julia da Silva (nome prosaico, um verdade) o seu primeiro livro, proximo de apparecer. Titulo feliz, por ser bonito e por ser adequado. Não o acoimem de pretencioso: não ha titulos pretenciosos.

Renan disse de uma illustre escriptora sua compatriota que ella era «um homem de genio.» Não direi tanto de D. Francisca Julia da Silva; mas affirmo que é um artista de talento.

Vacillo se devo incluir nesta secção mais duas poetisas — D. Julia Cortines e D. Zalina Rolim, porque a primeira nem sempre tem a rima rica e nem sempre faz da penna um buril e a segunda é franca e sinceramente sentimental.

Mas vou incluil-as para fazerem companhia á sua collega dos *Marmores* e, todas, um lindo grupo — as tres Graças do parnaso brasileiro.

D. Julia Cortines é uma singular organisação litteraria — para mulher. É um espirito viril, emancipado de todas as escravidões, e mesmo sujeições geralmente acceitas como necessarias, por covardia moral ou força de habito, sobretudo pelo seu sexo. Pensa, e, o que é melhor, sente o que pensa.

O illustre prefaciador do seu livro (1) faz notar que em todo elle só uma vez apparece a palavra Deus e incidentalmente, sem expressão de fé. É fatalista e sceptica — o que é deploravel

(1) Lucio de Mendonça.

em uma senhora. Foi o primeiro poeta, dos que escrevem o portuguez, que cantou Judas, o Iskariota, não para amaldiçoal-o mas para delle compadecer-se.

Tem menos forma que D. Francisca da Silva (prosaico nome, repito), mas tem muito mais vigor poetico e mais cordas na lyra. Não é, como póde parecer, uma alma invibratil, um coração arido, inapto ao sentimento; não; tem a alma emocionavel como qualquer pessôa e talvez mais que o commum das mulheres; tem um coração que palpita como o de toda a gente; apenas o que não tem é a fé, falta-lhe essa capacidade toda subjectiva de exaltação e convolamento para o além-materia, para o appetecivel Desconhecido, constellado de promessas e ennevoado de duvidas.

O que ella tem frio e desilludido é o espirito e não sabe poetar sem elle; dahi essas paginas que vibram secco como laminas de aço, mais estranhaveis vindo das mãos de uma dama, mas por iso mesmo muito mais originaes. Disse da auctora dos *Marmores* que ella é *um artista*, devo dizer da dos *Versos* que é *um poeta*.

De D. Zalina Rolim não poderei dizer o mesmo. Esta é uma *poetisa*. É a Ingenuidade canóra, a Graça feita musica, o Encanto traduzido em rimas. Seus versos chilreiam como bandos de passarinhos em galho de laranjeira *de manhãsinha* e cheiram bem, como... como essas larangeiras em que os passarinhos chilreiam, quando desabotoam em flores.

Tem inspiração, tem estro e não tem lido esses livros maus que abrem os olhos á razão da mulher, fechando-lhe os do coração.

Narcisa Amalia tem, como se está vendo, dignas continuadoras da sua obra e da sua gloria — uma vez que suspendeu a lyra enlourada ao salgueiro do campo santo das suas illusões, ou que a tanje tão de manso e ás occultas que ella apenas lhe ouve os sonidos.

Luiz Rosa foi um discipulo desgarrado e serodio da escola de morrer cedo. Se fosse licito dizer hoje, neste seculo materialão em que a perversão dos sentimentos se tem desenvolvido na razão directa do desenvolvimento scientifico (e neste ponto, só neste, tem razão o critico Brunetière proclamando a bancarota da sciencia) se fosse licito dizer hoje de um homem que elle é um anjo, eu o diria de Luiz Rosa.

Era uma alma limpida e innocente como um regato de floresta virgem, virgem como ella, em cujas aguas só se dessedentam as aves do céo e se miram, enamorados Narcisos, as estrellas immaculadas. Nenhuma impuresa lhe toldou o crystal fluente...

Modestissimo, não desconfiado sequer de que tinha talento, arredio do elogio e da multidão, não sabendo senão sorrir, chorar e amar, teve apenas o tempo de adorar uma mulher e de lhe depor aos pés, como Casimiro de Abreu, [1] as palmas e os louros de tres formosos livrinhos — *Primeiras rimas*, *Imagens e Visões* e *Lotus*.

Era o mais delicado e o mais sensivel dos modernos poetas brasileiros.

Possuia um lyrismo suavissimo, sem grandes

---

(1) Se o mundo conceder-me algumas palmas,
As palmas do cantor são todas tuas.

C. de Abreu.

MAX FLEIUSS

ruidos, sem altos surtos, sem remigios largos, porém cheio de mimo e graça. Seu ultimo livro, *Lotus*, inspirado nos romances de Pierre Loti, tem toda a graça e todo o mimo das japonezas cor de ambar, das melindrosas Lien-Hô de pés pequeninos, mãos de velludo e olhos de amendoa, embevecidos na luz do céo de porcelana da sua terra, e de talhe flexivel como os canniçaes dos seus rios.

É um escrinio precioso.

Devo ao meu querido amigo Max Fleiuss a ventura — tão passageira, *helas!* — de haver conhecido Luiz Rosa, pois foi elle quem m'o recommendou para secretario da nossa revista *A Semana* e não é este o menor dos titulos que adquiriu á minha gratidão.

A noticia do seu passamento alanceou-me a alma de amargura e dó e é commovido que deposito estas phrases sobre a sua memoria, já que a distancia me impede de depôr saudades e goivos sobre a sua modesta campa. E se um ausente que se não suppõe esquecido tem direito a formular um rogo, eu pediria aos meus confrades do Rio de Janeiro que promovessem os meios de coroar essa campa querida com alguma lembrança que marmorificasse a nossa saudade do poeta de talento e do companheiro bonissimo.

Victor Silva é antes um discipulo de Heredia que de Banville. É um sonetista correctissimo. Tem na pasta um livro de versos que desejamos ver publicado o mais breve possivel. *Urnas* creio que se chama.

Henrique de Magalhães é de todos os parnasianos o que tem mais intensamente a paixão e o capricho da rima rica. Sacrifica-lhe mesmo,

de vez em quando, a naturalidade da elocução e a propria idéia. Esse amor da rima, se lhe prejudica algumas das qualidades poeticas que possue, dá-lhe, todavia, aos versos uma belleza phonica, um brilhantismo de forma que não se encontram commumente.

Intitula-se *Sonetos de toda cor* o seu recentissimo livro.

VII

Os emancipados

Esta denominação é má, é mesmo pessima porque, além de outras razões, faz suppor que os poetas anteriormente apreciados são todos uns sectarios ferrenhos, uns arregimentados nas diversas escolas que tem tido a Poesia. Ora isso não é verdade.

A mór parte delles não são sectarios, em poesia, de nada e de ninguem e detestam escolas. Eu é que os andei arrumando, juntando sob a generalisação de um rotulo para poder mais facilmente apresental-os, uma vez que tinha de fazel-o destacada, singularmente.

Chamo *emancipados* aos que vou nomear agora, não porque muitos dos seus collegas o não sejam, mas sómente por não ter encontrado eu feição especial no seu poetar que auctorisasse a incluil-os nos grupos já estudados.

Isto posto, vou referir-me somente a alguns, aos que mais relevo e brilho têm apresentado até hoje.

Medeiros e Albuquerque, em má hora envolvido e absorvido pela politica e que politica! a

de campanario, a de pessoas! — é um poeta de raro e real talento. Do seu bello livro *Peccados* escrevi de espaço e com o devido preito no volume *Escriptores e Escriptos*. Seria um dos primeiros poetas brasileiros, se quizesse, embora estando longe de pertencer aos ultimos. Tem verdadeiro talento poetico, imaginação vivaz e prompta, originalidade e audacia de concepção e um nobre amor da fórma. Leiam-n'o, quando poderem, que hão de gostar devéras.

Filinto de Almeida é portuguez de nascimento; mas no Brasil se fez homem, physica, moral e intellectualmente, tendo ido para lá com dez annos de edade. Alem disso, é cidadão brasileiro, civil e politicamente. Tem um livro, *Lyrica*, notavel pela pureza castiça da linguagem, pelo colorido sobrio e distincto da locução e pela correcção elegante da metrica. Tem pouca e curta imaginação; mas possue, para compensal-a, uma sensibilidade delicada e sadia. Seus versos respiram tanta paz d'alma, tanto amor da vida, tanta alegria quasi todos, que é um gosto lel-os. O casamento, o jornalismo e a politica tem-o arredado da Poesia, o que é de lastimar.

Além d'aquelle livro só tem feito ou publicado alguns trabalhos theatraes entre elles uma comedia em verso, *O defuncto*, muito bem recebida pelo publico e pela imprensa de Lisboa quando representada no theatro de D. Maria, ha poucos annos, e outras peças de varios generos em collaboração com o auctor destas linhas.

Fôra injustiça e grande esquecer Arthur Azevedo. Não é como poeta que se fez celebre, porque o é, embora só no Brasil; e sim como escriptor theatral e folhetinista.

ARTHUR AZEVEDO

Pois, comquanto seja um comediographo muito habil e muito engraçado e um prosador ligeiro de muito merito, o que elle é melhor—é poeta lyrico.

Tem sonetos primorosos. Talha a estrophe com uma elegancia e desfia o verso com uma simplicidade artistica taes que o collocam ao lado do grande Raymundo Corrêa—sem egualal-o, está visto.

Tem commettido um crime o nosso Arthur Azevedo em adiar até hoje a publicação de um livro de versos lyricos, quando para isso bastar-lhe-ia o trabalho de collectar as numerosas e lindas producções que tem espalhado na imprensa diaria e periodica do Brasil.

Alberto Silva é outro poeta inspirado, fecundo, imaginoso, correcto. Tem um livro cujo titulo não me occorre.

Rodrigo Octavio já deu a lume duas obras, *Pampanos* e *Poemas e Idylios*. Verseja com distincção de fórma e elevação de idéias.

João Ribeiro é uma organisação litteraria muito interessante, mas difficil de estudar, pela sua complexidade. É philologo, critico, *conteur*, poeta; mas, comquanto se haja distinguido e muito em todos os seus trabalhos tão variados, não alcançou ainda definir-se perfeitamente.

Ha um quê de vago na sua physionomia litteraria, como prosador ou como poeta. Faltam-lhe, creio, estas condições capitaes—clareza e simplicidade.

É um dos moços brasileiros mais eruditos, mais bem preparados. Com essa vantagem enorme e com o talento forte e ductil que tem, póde

ser uma figura proeminente e de primeira grandeza em nossas lettras.

Só lhe falta, para conseguil-o, fazer um esforço, dar á idéia e ao estylo a unidade e a limpidez que fazem os mestres.

Guimarães Passos, Magalhães de Azeredo, Osorio Duque Estrada, Alfredo de Sousa, Antonio Salles, Temisthocles Machado... quantos poetas inspirados, cheios de vida!

Muitos esqueço propositalmente, para não alongar demasiado esta apresentação e para que não pareça que estou a citar nomes e mais nomes na intenção de *epater* pelo numero.

JOÃO RIBEIRO

VIII

Os desorientados

Com esta rotulação quero comprehender todos os symbolistas, decadistas ou nephelibatas que ora verdejam na minha terra e que, felizmente, não são muito numerosos.

E chamo-os *desorientados* porque elles, picados pelo desejo de destacar, de apparecer, de deslumbrar, lançam-se á caça *do novo*, ao preço de tudo o que até hoje foi considerado elemento indispensavel da boa poesia — mesmo da grammatica e do senso esthetico.

Procuram ser extravagantes, extraordinarios, esquisitos. Não têm uma orientação litteraria definida, e por isso não conseguem formar e firmar uma esthetica.

É chefe de todos elles o poeta B. Lopes, o paladino da Rima. É o versejador das elegancias, dos refinamentos, dos exotismos. Faz *bibelots*... mas de plaqué.

É brilhante, imprevisto, agradavel. Mas as estatuetas que afeiçôa não são Tanagras — são bonecos de barro pintado, que se desfazem em pó impalpavel ao primeiro toque da critica.

É um Vatteau inferior. Não tem arte, tem artificio. Os seus versos brilham e duram o espaço não de uma manhã como as rosas da *chapa*, mas o que dura um cigarro.

Por isso é que elle deve mudar o titulo do seu promettido livro, de *Cigarras* para *Cigarros*.

É possivel que neste grupo de caçadores de *novo* haja algum talento real e futuroso; mas por emquanto ainda não é possivel conhecel-o.

*

* *

Só me resta deixar cahir o ponto final neste ligeiro trabalho, lembrando mais uma vez, em desculpa das suas muitas falhas e muitas faltas, as condições em que tive de realisal-o e o alvo que me propuz attingir — a propaganda da moderna litteratura brasileira em Portugal.

ANTHOLOGIA

ANJINHO

Não chorem... que não morreu!
Era um anjinho do céu
Que um outro anjinhò chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Pobre criança! dormia:
A belleza reluzia
No carmim da face d'ella!
Tinha uns olhos que choravam,
Tinha uns risos que encantavam!...
Ai meu Deus! era tão bella!

Um anjo d'azas azues,
Todo vestido de luz,
Sussurrou-lhe n'um segredo
Os mysterios d'outra vida!
E a criança adormecida
Sorria de se ir tão cedo!

Tão cedo! que ainda o mundo
O labio visguento, immundo
Lhe não passára na roupa!
Que só o vento do céu
Batia do barco seu
As vélas d'ouro da pôpa!

Tão cedo! que o vestuario
Levou do anjo solitario
Que velava seu dormir!
Que lhe beijava risonho
E essa florzinha no sonho
Toda orvalhava no abrir.

Não chorem! lembro-me ainda
Como a criança era linda
No fresco da facezinha!
Com seus labios azulados,
Com os seus olhos vidrados
Como de morta andorinha!

Pobrezinho! que soffreu!
Como convulso tremeu
Na febre d'essa agonia!
Nem gemia o anjo lindo,
Só os olhos expandindo
Olhar alguem parecia!

Era um canto de esperança
Que embalava essa criança?
Alguma estrella perdida,
No céu c'roada donzella...
Toda a chorar-se por ella
Que a chamava d'outra vida?

Não chorem... que não morreu!
Era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Era uma alma que dormia
De noite na ventania
E que uma fada acordou!
Era uma flor de palmeira,
Na sua manhã primeira,
Que um céu d'inverno murchou!

Não chorem! abandonada
Pela rosa perfumada,
Tendo no labio um sorriso,
Ella se foi mergulhar
— Como pérola no mar
Nos sonhos do paraizo!

Não chorem ! chora o jardim
Quando murchado o jasmim
Sobre o seio lhe pendeu ?
E pranteia a morte bella
Pelo astro ou a donzella,
Mortos na terra ou no céu ?

Choram as flores no afan
Quando a ave da manhã
Estremece, cae, esfria ?
Chora a onda quando vê
A boiar uma irerê
Morta ao sol do meio dia ?

Não chorem !... que não morreu !
Era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou !
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou !

ALVARES DE AZEVEDO.

A ENCHENTE

Era alta noite. Caudaloso e tredo
Entre barrancos espumava o rio,
Densos negrumes pelo céu rolavam,
Rugia o vento no palmár sombrio!...
Triste, abatido pelas aguas turvas,
Gyrava o barco no caudal corrente,
Luctava o remador e ao lado d'elle
Uma virgem dizia tristemente:

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

E são jovens, bem jovens! na cabana
Dormiam calmos sem pensar na sorte,
A enchente veiu, e no agitar infrene
De um somno meigo os conduziu á morte!

A f'licidade é um sonho nebuloso...
A vida n'este mundo é sempre assim,
Do goso em meio a veladora eterna
Nos arranca da mesa do festim.

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

— Rema, rema, barqueiro; olha lá em baixo,
A' luz vermelha do fuzil que passa,
Não vês o vulto de um rochedo escuro
Que a correnteza estrepitante abraça?
— Oh si o vejo, senhora; eu bem o vejo!
Diz o barqueiro com sinistra voz;
Pedi á Virgem, que os perigos vela,
Que tenha ao menos compaixão de nós!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

Eis d'entre as vagas de caligem densa
Vem macilenta se mostrando a lua;
Como á luz d'ella a natureza é morta,
Como a planicie é devastada e núa!

Perto, tão perto se levanta a margem
Onde fagueira a salvação sorri,
E nós rolamos, e rolamos sempre,
E não podemos aportar alli!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

Duro, insoffrido, o vendaval se ergue
Da onda a face em convulsão febril:
— Barqueiro, alento! que, em chegando á terra,
Hei de cobrir-te de riquezas mil.
Porém no dorso do dragão das aguas
Luctava o barco, mas luctava em vão...
E a pobre moça desvairada, em prantos,
Pedia á Virgem que lhe désse a mão!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

— Ouve, barqueira, que rugido é esse
Profundo e surdo que lá em baixo sôa?
Parece o ronco de um trovão medonho
Que dos abysmos pelo seio echôa!

Oh! 'stou perdido!... abandonando os remos,
Clama o infeliz a delirar de medo,
Oh! é a morte que nos chama, horrivel,
No fundo escuro de feral rochedo!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

Ia o batel. Ao sorvedouro immenso
Era impossivel se esquivar então,
Dentro sentado o remador chorava,
E a donzella dizia uma oração.
Já diante d'elles entre véus de espuma
Inda a voragem com furor rugia,
E uma columna de ligeiro fumo
Do centro escuro para o céu subia.

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

Subito o barco volteou rangendo,
Tremeu em ancias, se estorceu, recuou;
Deu a virgem um grito, outro o barqueiro,
E o lenho na voragem se afundou!

Tudo findou-se. O vendaval sibila,
Correndo infrene na planicie núa,
O rio espuma e nas revoltas ondas
Descem dois corpos ao clarão da lua.

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

FAGUNDES VARELLA.

AVE! MARIA!

A noite desce, lentas e tristes
Cobrem as sombras a serrania.
Calam-se as aves, choram os ventos,
Dizem os genios : — Ave ! Maria !

Na torre estreita de pobre templo
Resôa o sino da freguezia,
Abrem-se as flôres, Vesper desponta,
Cantam os anjos : — Ave ! Maria !

No tosco albergue de seus maiores,
Onde só reinam paz e alegria,
Entre os filhinhos o bom colono
Repete as vozes : — Ave ! Maria !

E, longe, longe, na velha estrada,
Pára e saudades á patria envia
Romeiro exhausto que o céu contempla,
E fala aos ermos : — Ave ! Maria !

Incerto nauta por feios mares,
Onde se estende nevoa sombria,
Se encosta ao mastro, descobre a fronte,
Reza baixinho : — Ave ! Maria !

Nas soledades, sem pão nem agua,
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,
Triste mendigo, que as praças busca,
Curva-se e clama : — Ave ! Maria !

Só nas alcovas, nas salas dubias,
Nas longas mezas de longa orgia,
Não diz o impio, não diz o avaro,
Não diz o ingrato : — Ave ! Maria !

Ave! Maria! — No céu, na terra!
Luz da alliança! Doce harmonia!
Hora divina! Sublime estancia!
Bemdicta sejas! Ave! Maria!

FAGUNDES VARELLA.

A QUEIMADA

Meu pobre perdigueiro! Vem commigo,
Vamos a sós, meu corajoso amigo,
Pelos ermos vagar?
Vamos lá dos geraes que o vento açoita
Dos verdes capinaes n'agreste moita
A perdiz levantar!...

Mas não!... Pousa a cabeça em meus joelhos...
Aqui, meu cão!... Já de listrões vermelhos
O céu se illuminou.
Eis subito, da barra do occidente,
Doido, rubro, veloz, incandescente,
O incendio que acordou!

A floresta rugindo as comas curva...
As azas foscas o gavião recurva,
Espantado a gritar.
O estampido estupendo das queimadas
Se enrola de quebradas em quebradas
Galopando no ar.

E a chamma lavra qual giboia informe,
Que, no espaço vibrando a cauda enorme
Ferra os dentes no chão...
Nas rubras roscas estortega as mattas...
Que espadanam o sangue das cascatas
Do roto coração!...

O incendio — leão ruivo, ensanguentado,
A juba, a crina atira desgrenhado
Aos pampeiros dos céus!...
Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...
Queimado, retorcendo na hecatomba
Os braços para Deus.

A queimada! A queimada é uma fornalha!
A hirara pula; o cascavel chocalha...
Raiva, espuma o tapir.
E ás vezes sobre o cume de um rochedo
A corça e o tigre — naufragos do medo —
Vão tremulos se unir!

Então passa-se ali um drama augusto...
No ultimo ramo do páu d'arco adusto
O jaguar se abrigou...
Mas rubro é o céu... Recresce o fogo em mares
E após tombam as selvas seculares...
E tudo se acabou!...

CASTRO ALVES.

(Da *Cachoeira de Paulo Affonso*).

HEBRÈA

Flos campi et lilium convalium.
Cant. dos Canticos

Pomba d'esp'rança sobre um mar d'escolhos!
Lyrio do valle oriental, brilhante!
Estrella vesper do pastor errante!
Ramo de murta a rescender cheirosa!...

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, seductora Hebréa...
Pallida rosa da infeliz Judéa
Sem ter o orvalho que do céu deriva!

Por que descóras quando a tarde esquiva
Mira-te triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?

Sonhas acaso, quando o sol declina,
A terra santa do horisonte immenso?
E as caravanas no deserto extenso?
E os pegureiros da palmeira á sombra?!...

Sim, fôra bello na relvosa alfombra,
Junto da fonte onde Rachel gemera,
Viver comtigo qual Jacob vivera,
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas aguas do cheiroso banho
— Como Suzana a estremecer de frio —
Fitar-te, ó flor do babylonio rio,
Fitar-te a medo no salgueiro occulto...

Vem pois!... Comtigo no deserto inculto
Fugindo ás iras de Saul embora,
David eu fôra, — se Michol tu fôras,
Vibrando na harpa do propheta o canto...

Não vês ?... Do seio me gotteja o pranto
Qual da torrente do Cedron deserto !...
Como luctara o patriarcha incerto
Luctei, meu anjo, mas cahi vencido.

Eu sou o Lothus para o chão pendido.
Vem ser o orvalho oriental, brilhante !...
Ai ! guia o passo ao viajor perdido,
Estrella vesper do pastor errante !...

Bahia, 1866.

(Das *Espumas Fluctuantes*).

CASTRO ALVES.

VOZES D'AFRICA

Deus! ó Deus! onde estás, que não respondes!
Em que mundo, em que estrella tu t'escondes,
Embuçado nos céus?
Ha dous mil annos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?

Qual Prometheo, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinita galé!...
Por abutre — me déste o sol ardente!
E a terra de Suez — foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavallo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
E morre no areial
Minha garupa sangra, a dôr poreja,
Quando o chicote do simoun dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são bellas, são ditosas...
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
Dos harens do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elephantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Indostão.

Por tenda — tem os cimos do Hymalaia...
O Ganges amoroso beija a praia
Coberta de coraes...
A brisa de Mysora o ceu inflamma;
E ella dorme nos templos do deus Brahma,
Pagodes colossaes...

Europa — é sempre Europa a gloriosa!
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortezã.
Artista — corta o mármor de Carrára;
Poetisa — tange os hymnos de Ferrára,
No glorioso afan!...

....

Mas eu, Senhor!... Eu triste, abandonada
Em meio dos desertos, esgarrada,
Perdida marcho em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão!

E nem tenho uma sombra na floresta
Para cubrir-me, nem um templo resta
No sólo abrazador...
Quando subo ás pyramides do Egypto,
Embalde aos quatro ceus, chorando, grito:
«Abriga-me Senhor!...»

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Vello a cabeça no areial que volve
O sirôco feroz...
Quando eu passo no Sahara amortalhada,
Ai! dizem: «Lá vae Africa embuçada
No seu branco Alburnoz...»

Nem vêem que o deserto é meu sudario,
Que o silencio campeia solitario
Por sobre o peito meu.
Lá, no solo onde o cardo apenas medra,
Boceja a Sphinge colossal de pedra,
Fitando o morno ceu.

De Thebas nas columnas derrocadas,
As cegonhas espiam, debruçadas,
O horisonte sem fim...
Onde branqueja a caravana errante
E o camello monotono, arquejante,
Que desce de Ephraim...

Não basta inda de dôr, ó Deus terrivel ? ! . . .
E' pois teu peito eterno, inexhaurivel
De vingança e rancor ?
E o que é que fiz, Senhor ? ! que torvo crime
Eu commetti jámais, que assim me opprime
Teu gladio vingador ? ! . . .

Foi depois do diluvio . . . Um viandante,
Negro, sombrio, pallido, arquejante,
Descia do Ararat . . .
E eu disse ao peregrino fulminado :
«Chan, serás meu esposo bem amado . . .
Serei tua Eloá . . .»

Desde este dia, o vento da desgraça
Por meus cabellos ululando, passa
O anathema cruel ;
As tribus erram do areial nas vagas
E o nomada faminto corta as plagas
No rapido corcel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...
Vi meu povo seguir — Judeu maldito —
Trilho de perdição...
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa — arrebatada,
Amestrado falcão!...

Christo! embalde morreste sobre um monte...
Teu sangue não lavou da minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimária do Universo...
Eu — pasto universal!...

Hoje em meu sangue a America se nutre:
— Condôr, que transformára-se em abutre,
Ave da escravidão.
Ella juntou-se ás mais... irmã traidora!
Qual de José os vis irmãos, outr'ora,
Venderam seu irmão!

Basta, Senhor! De teu potente braço
Róle atravez dos astros e do espaço
　　　　Perdão p'ra os crimes meus!
Ha dous mil annos — eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
　　　　Meu Deus! Senhor, meu Deus!...

(Dos *Escravos*).

CASTRO ALVES.

BOA NOITE

Veux-tu donc partir? Le jour est encore éloigné;
C'était le rossignol et non pas l'alouette,
Dont le chant a frappé ton oreille inquiète;
Il chante la nuit sur les branches de ce grenadier
Crois-moi, cher ami, c'était le rossignol.

(SHAKESPEARE).

Boa noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janellas bate em cheio.
Boa noite, Maria! E' tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite!... E tu dizes—Boa noite.
Mas não m'o digas assim por entre beijos...
Mas não m'o digas descobrindo o peito,
—Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu! Ouve... a calhandra
Já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
Quem cantou foi teu halito, divina!

Se a estrella d'alva os derradeiros raios
Derrama nos jardins do Capuleto,
Eu direi, me esquecendo d'alvorada :
E' noite ainda em teu cabello preto...

E' noite ainda ! Brilha na cambraia
— Desmanchado o roupão, a espadua núa —
O globo de teu peito entre os arminhos,
Como entre as nevoas se balouça a lua...

E' noite, pois ! Durmamos, Julieta !
Rescende a alcova ao trescalar das flôres.
Fechemos sobre nós estas cortinas...
— São as azas do archanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lampada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh ! deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus labios mornos.

Mulher do meu amor ! Quando aos meus beijos
Treme tua alma como a lyra ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros bebo attento !

Ai canta a cavatina do delirio,
Ri, suspira, soluça, anceia e chora...
Marion! Marion!... E' noite ainda.
Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabello...
E deixa-me dormir balbuciando:
— Bôa noite! formosa Consuelo!...

S. Paulo, 27 de agosto de 1868.

(Das *Espumas Fluctuantes*).

CASTRO ALVES.

A TERRA NATAL

Adeus!... Vou procurar talvez um tumulo
Longe do teu regaço.
Nunca me foste mãi, mas sou teu filho,
Concede-me um abraço.

Abençôa-me! — Parto; dá-me a benção!
Que ao filho desgraçado,
Mesmo o ser infeliz dá mais direitos
A ser abençoado.

E's rica, eu nada tenho; mas ao nada
Me soube acostumar;
Dispenso os teus thesouros, mas a benção
Não posso dispensar.

Adoro-a, quero-a, sim ; porque custou-me
Asperrimo desgosto,
Torturas inauditas, conservar-lhe
Sem manchas este rosto.

Quero de filial doce ventura
Encher meu coração,
Revendo n'ella, filho abençoado,
A minha filiação.

Nunca me foste mãi pelos carinhos ;
Ao menos um signal
Dá-me, dá-me de mãi, que sou teu filho,
Na benção maternal.

Adeus !... Perdôa se me queixo ; as queixas
Que exhalo em minha dôr
Offender-te não devem, que são filhas
De meu ardente amor.

Esses braços ao filho que se aparta
Estende por quem és,
Que o filho por teus braços abraçado
Abraçará teus pés !...

LAURINDO RABELLO.

FLOR SEM NOME

Ella nasceu no ermo, em um rochedo,
Sobre a fauce do abysmo pendurado,
A flor sem nome, alardeando o viço
E a linda côr do calix orvalhado.

O sol, quando surgiu, veiu afagal-a
Com todo o amor dos brandos raios seus;
Mas, ao deixar o céu, em vão buscou-a
Para dizer-lhe adeus.

Tépidos beijos lhe imprimiu no seio
A brisa da manhã;
Voltou logo depois; passou gemendo,
Pois não viu mais no valle a flor louçã.

O colibri no seu mimoso calix
Esvoaçando, doce humor libou:
Veiu depois inda outra vez beijal-a,
Não a viu mais, e triste se afastou.

Etherea flor no lodo vil do mundo
Jámais teve raiz
E nem o pó da terra enxovalhou-lhe
O virginal matiz.

A perfumada viração da aurora
Em socegado adejo
Embalou-a no limpido ambiente
Com brando rumorejo.

E ella, agitando as petalas mimosas
Ao sopro afagador da mansa aragem,
Sorrindo para o céu, não viu do abysmo
A tetrica voragem.

E todos os que a viram, de encantados,
— Que linda flor! — clamaram
Mas ninguem a colheu; nas mansas azas
As virações celestes a leváram.

Alma terna e gentil, assim te foste
Levando intacto da innocencia o véu ;
Brisa fagueira te levou nas azas
Para os jardins do céu.

Eras de um mundo mais feliz, que o nosso
Vicejar sobre a terra não pudeste ;
E com os anjos, teus irmãos, te foste
Para a mansão celeste.

E' bello assim murchar inda na aurora,
Sem crestar-se do sol ao vivo ardor,
E uma alma immaculada como o lyrio
Nas mãos de Deus depôr.

BERNARDO GUIMARÃES.

CANTO EXTREMO DE UM CEGO

Eu tinha um unico amigo,
Tinha só um e não mais;
Vivia sempre commigo
No exilio da desventura:
Por mais feliz creatura
Não me deixava jamais.

Na minha infancia primeira,
Meus débeis passos guiou;
Na pobreza, na cegueira
Meu condão amenisava:
E quando a esmola faltava
Elle nunca me faltou.

Era o meu unico affecto,
Na cegueira o meu bordão;
De baixo do humilde tecto,
Quando a febre me prostrava,
Quem dos meus males cuidava,
Era só elle — o meu cão.

Todo o dia hontem chamei-o,
Não latiu... não respondeu!
Já, como d'antes, não veiu!
Quem sabe se anda perdido,
Ou d'algum ferro transido
Quem sabe se não morreu?

Ou quem sabe se a velhice
Do cego o amedrontou?
Talvez, o ingrato... o que disse?
Chamei-te de ingrato! amigo,
Perdão! não sei o que digo,
Que nem já sei o que sou!

Ingrato — não: Tu não tinhas,
Na pelle involta de cão
Uma irmã d'essas mesquinhas
Affeições vis — dos traidôres,
Que vão sorrir aos senhores
Nos regios palacios, não!

Ai de mim, tão desgraçado
Que nunca mais te hei de ter!
Quem hoje ao cego acordado
Ao pêso de tantos annos,
Quem virá d'entre os humanos
Piedosa mão lhe estender?!

Quem lhe ha de guiar os passos
Mendigando o escasso pão?
Ou quem lhe ha de abrir os braços,
Quando, á mingua de alimento,
Ficar na rua ao relento?
Ninguem, ninguem... nem um cão!

Quem me vir o meu *Pardinho*,
Por piedade, pelos céus !
Tenha dó do coitadinho,
Que talvez definhe á fome,
E dê-lhe do pão que come
Uma migalha, por Deus !

Mas, se o topar moribundo,
Pelo amôr que a mãe lhe tem !...
Diga-lhe que n'este mundo
O cego que elle guiou,
Quando o seu cão lhe faltou
Morreu de fome tambem !

Bruno Seabra.

O ORVALHO

Nas flores mimosas, nas folhas virentes
Da planta, do arbusto, que surge do chão,
Reunem-se as gottas do orvalho nitentes,
Tombadas á noite da aerea soidão.

Provindas dos ares, dos astros cahidas
Em globos argenteos de um puro brilhar,
Descançam nas flores, ás folhas dão vida,
Remontam-se aos astros, erguendo-se ao ar.

A luz das estrellas, do vidro mais fino
O trémulo, incerto, brilhante luzir,
Não tem mór belleza, fulgor 'mais divino,
Nem póde mais claro, mais bello fulgir.

E o sol, que rutila no manto dourado,
Feitura sublime das nuvens do céu,
Beijando estas gottas co'um beijo inflammado,
Desfaz taes prodigios nos beijos, que deu.

Quem foi que as vertera, quem foi que as chorára,
Quem, limpido orvalho, do céu vos lançou?
Quem poz sobre a terra belleza tão rára?
Quem foi que nos ares o orvalho formou?

Dos anjos que outr'ora baixaram da esphera,
Morada longinqua dos anjos de Deus,
São prantos e orvalho, que amor os vertera;
Depois que perdidos volveram-se aos céus.

Baixados á terra, sedentos de amores,
Gozaram delicias de um breve durar.
Depois em lembrança dos tempos melhores,
Os anjos á noite costumam chorar.

E o pranto saudoso dos olhos vertido
Converte-se em chuva de fino crystal;
Procura das flores o calice querido,
Recáe sobre as plantas do monte ou do val.

E os anjos sósinhos vagueam no espaço
Buscando as imagens, que o céu lhe roubou,
Seguidos das nuvens, do lucido traço,
Que o brilho das azas traz elles deixou.

E a voz que dos labios lhes sae suspirante,
Semelha um queixume pungente de dôr.
E o ar, que circula girando incessante,
Repete os suspiros só filhos do amor.

Em vão taes suspiros, tão tristes endeixas,
Pezares tão fundos são todos em vão.
Ninguem os escuta; carpidos ou queixas
Vai tudo sumindo na etherea soidão.

E os anjos, que outr'ora viveram de amores,
Gozaram delicias de extremos sem par,
Saudosos, relembram seus tempos melhores
E tem por consolo seu triste chorar.

E o pranto saudoso dos olhos vertido
Converte-se em chuva de fino crystal;
Procura das flores o calice querido,
Recae sobre as plantas do monte ou do val.

GENTIL BRAGA.

A ORPHÃ NA COSTURA

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita
Era todo o meu amor.
Seu cabello era tão louro,
Que nem uma fita de ouro
Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas
Lhe cahiam tão compridas
Que vinham-lhe os pés beijar;
Quando ouvia as minhas queixas,
Em suas aureas madeixas
Ella vinha-me embrulhar.

Tambem quando toda fria
A minha alma estremecia,
Quando ausente estava o sol,
Os seus cabellos compridos,
Como fios aquecidos,
Serviam-me de lençol.

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita
Era todo o meu amor.
Seus olhos eram suaves,
Como o gorgeio das aves
Sobre a choça do pastor.

Minha mãe era mui bella,
Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu!
Tenho em meu peito guardadas
Suas palavras sagradas
Co'os risos que ella me deu.

Os meus passos vacillantes
Foram por largos instantes
Ensinados pelos seus.
Os meus labios, mudos, quedos,
Abertos pelos seus dedos,
Pronunciaram-me : — Deus ! —

Mais tarde — quando acordava,
Quando a aurora despontava,
Erguia-me sua mão.
Falando pela voz d'ella,
Eu repetia, singela,
Uma formosa oração.

Minha mãe era mui bella,
— Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu !
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

Estes pontos que eu imprimo,
Estas quadrinhas que eu rimo,
Foi ella que me ensinou,
As vozes que eu pronuncio
Os contos que eu balbucio,
Foi ella que m'os formou.

Minha mãe! — diz-me esta vida,
Diz-me tambem esta lida,
Este retroz, esta lã:
Minha mãe! — diz-me este canto;
Minha mãe — diz-me este pranto;
Tudo me diz: — Minha mãe! —

Minha mãe era mui bella,
— Eu me lembro tanto d'ella,
E tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

JUNQUEIRA FREIRE.

AO CREPUSCULO

I

E' triste o adeus do dia que descora
A tela melancholica e saudosa
E azul das cordilheiras,
Como é tristonho o canto que nest'hora
Gagueijam sabiás — e lamentosa
A voz das cachoeiras!

Como dobram as flôres campesinas
Seus calices nevados,
Emquanto o occaso, em pé sobre as collinas,
Debruça-se nos prados!

Tem tanto encanto agora a voz maguada
Da brisa somnolenta que adormece
No seio da floresta
E me acorda a lembrança enamorada
Dos hymnos todos que a saudade tece
Ao passado que resta!...

Suave é sempre o pranto que vertemos
Sem dôr no coração,
E adormecer no verso em que nascemos
E nasceu nosso irmão.

Vem, pois, hora da languida saudade,
Irmã da inspiração, da dôr, do enleio,
Das scismas palpitantes!
Vinde, lendas azues da mocidade,
Remoçar-me um momento e no meu seio
Resvalar por instantes.

Vem, tardo olhar do dia, ao horisonte
Em que te vi primeiro,
O balsamo entornar em minha fronte
Do somno derradeiro.

II

Quando eu sentir a corda — que ainda treme
No meu ferreo alaúde — espedaçar-se,
Quero me lances um olhar como este
Que tinge agora o dorso das collinas
Do meu berço natal!

Luz do crepusculo,
Socia do que medita e se extasia
Ante as scenas magnificas da patria,
Quero a ultima vez scismar comtigo,
Meu sonho extremo te dever na vida,
E de sobre essas azas multicores
Suspender-me no abysmo, erguer-me ás nuvens
E, tão perto do céu, fitar-te ainda!

TEIXEIRA DE MELLO.

CIRCULO VICIOSO

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
— «Quem me dera que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul como uma eterna véla!»
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume:

— «Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que da grega columna, ó gothica janella
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella!»
Mas a lua, fitando o sol com azedume:

— «Misero! tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal, que toda a luz resume!»
Mas o sol, inclinando a rútila capella:

— «Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfára-me esta azul e desmedida umbella...
Porque não nasci eu um simples vagalume?...»

MACHADO DE ASSIS.

A MOSCA AZUL

Era uma mosca azul, azas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão,
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,
Em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia
Refulgindo ao clarão do sol
E da lua, melhor do que refulgiria
Um brilhante do Grão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho,
Um poleá lhe perguntou:
«Mosca, esse refulgir que mais parece um sonho,
«Dize, quem foi que t'o ensinou?»

Então ella, voando e revoando, disse:
«Eu sou a vida, eu sou a flor
«Das graças, o padrão da eterna meninice,
«E mais a gloria, e mais o amor.»

E elle deixou-se estar a contemplal-a, mudo
E tranquillo, como um fakir,
Como alguem que ficou deslembrado de tudo,
Sem comparar, nem reflectir.

Entre as azas do insecto, a voltear no espaço,
Uma cousa lhe pareceu
Que surdia com todo o resplendor de um paço,
E viu um rosto, que era o seu.

Era elle, era um rei, o rei de Cachemira,
Que tinha sobre o collo nú
Um immenso collar de opala, e uma saphyra
Tirada ao corpo de Vischnu.

Cem mulheres em flor, cem nayras superfinas,
Aos pés d'elle, no liso chão,
Espreguiçam sorrindo as suas graças finas,
E todo o amor que tem lhe dão.

Mudos, graves, de pé, cem ethiopes feios,
Com grandes leques de avestruz,
Refrescam-lhes de manso os aromados seios,
Voluptuosamente nús.

Vinha a gloria depois: — quatorze reis vencidos,
E emfim as páreas triumphaes
De trezentas nações, e os parabens unidos
Das corôas occidentaes.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto
Das mulheres e dos varões,
Como em agua que deixa o fundo descoberto,
Via limpos os corações.

Então elle, estendendo a mão callosa e tosca,
Affeita a só carpintejar,
Com um gesto pegou na fulgurante mosca,
Curioso de a examinar.

Quiz vêl-a, quiz saber a causa do mysterio,
E, fechando-a na mão, sorriu
De contente, ao pensar que alli tinha um imperio,
E para casa se partiu.

Alvoroçado chega, examina, e parece
Que se houve n'essa occupação
Miudamente, como um homem que quizesse
Dissecar a sua illusão.

Dissecou-a, a tal ponto, e de tal geito, que ella
Rota, baça, nojenta, vil,
Succumbiu, e com isto esvaiu-se-lhe aquella
Visão phantastica e subtil.

Hoje quando elle ahi vae, de áloe e cardamomo
Na cabeça, com ar taful,
Dizem que ensandeceu, e que não sabe como
Perdeu a sua mosca azul.

MACHADO DE ASSIS.

PROFISSÃO DE FÉ

> Le poète est ciseleur,
> Le ciseleur est poète.
>
> VICTOR HUGO.

Não quero o Zeus Capitolino
Herculeo e bello
Talhar no marmore divino
Com o camartello.

Que outro — não eu! — a pedra córte
Para, brutal,
Erguer de Athene o altivo poste
Descommunal.

Mais que esse vulto extraordinario,
Que assombra a vista,
Seduz-me um leve relicario
De fino artista.

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que elle, em ouro, e alto relevo
Faz de uma flôr.

Imito-o. E pois, nem de Carrára
A pedra firo:
O alvo crystal, a pedra rára,
O onyx prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A penna, como em prata firme
Corre o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A idéa veste;
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A phrase; e, emfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrophe crystallina,
Dobrada ao geito
Do ourives, saia da officina
Sem um defeito:

E que o lavor do verso, acaso,
Por tão subtil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril.

E horas sem conto, passo mudo,
O olhar attento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.

Porque o escrever — tanta pericia,
Tanta requer,
Que officio tal .. nem ha noticia
De outro qualquer.

Assim procedo. Minha penna
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Fórma!

Deusa! A onda vil, que se avoluma
De um torvo mar,
Deixa-a crescer, e o lodo e a espuma
Deixa-a rolar!

Blasphemo, em grito surdo e horrendo
Impeto, o bando
Venha dos Barbaros crescendo,
Vociferando...

Deixa-o: que venha e uivando passe
— Bando feroz!
Não se te mude a côr da face
E o som da voz!

Olha-os sómente, armada e prompta,
Radiante e bella:
E, ao braço o escudo, a raiva affronta
D'essa procella!

Este que á frente vem, é o todo
Possue minaz
De um Vandalo ou de um Wisigodo
Cruel e audaz;

Este, que, d'entre os mais, o vulto
Ferrenho alteia,
E, em jacto, expelle o amargo insulto
Que te enlameia :

E' em vão que as forças cança, e á lucta
Se atira : é em vão
Que brande no ar a maça bruta
A bruta mão.

Não morrerá, Deusa sublime!
Do throno egregio
Assistirás intacta ao crime
Do sacrilegio.

E se morreres porventura,
Possa eu morrer
Comtigo, e a mesma noite escura
Nos envolver !

Ah! ver por terra, profanada,
A aza partida,
E a Arte immortal aos pés calcada,
Prostituida!...

Ver derribar do eterno solio
O Bello, e o som
Ouvir da queda do Acropolio,
De Parthenon!...

Sem sacerdotes, a Crença morta
Sentir, e o susto
Ver, e o exterminio, entrando a porta
Do templo augusto!...

Ver esta lingua, que cultivo,
Sem ouropeis,
Mirrada ao halito nocivo
Dos infieis!...

Não! Morra tudo o que me é caro
Fique eu sosinho!
Que não encontre um só amparo
Em meu cantinho!

Que a minha dor nem a um amigo
Inspire dó...
Mas! ah! que eu fique só comtigo
Comtigo só!

Vive! que eu viverei, servindo
Teu culto, e, obscuro,
Tuas custodias esculpindo
No ouro mais puro.

Celebrarei o teu officio
No altar; porém,
Se inda é pequeno o sacrificio,
Morra eu tambem!

Cáia eu tambem, sem esperança,
Porém tranquillo,
Inda, ao sahir, vibrando a lança,
Em prol do Estylo !

Rio de Janeiro, Julho de 1886.

OLAVO BILAC.

TENHO FRIO E ARDO EM FEBRE!

Tenho frio e ardo em febre!
O amor me acalma e endouda! o amor me eleva e abate
Quem ha que os laços, que me prendem, quebre?
Que singular, que desegual combate!

Não sei que hervada frécha
Mão certeira e fallaz me cravou com tal geito,
Que, sem que eu a sentisse, a estreita brécha
Abriu, por onde o amor entrou meu peito.

O amor me entrou tão cauto
O incauto coração que nem cuidei que estava
Ao recebel-o, recebendo o arauto
D'esta loucura desvairada e brava.

Entrou. E apenas dentro,
Deu-me a calma do céu e a agitação do inferno...
E hoje... ai! de mim, que dentro em mim concentro
Dôres e gostos n'um luctar eterno!

O amor, Senhora, vêde:
Prendeu-me. Em vão me estorço, e me debato, e grito;
Em vão me agito na apertada rede...
Mais me embaraço quanto mais me agito!

Falta-me o senso. A esmo,
Como um cégo, a tactear, busco nem sei que porto.
E ando tão differente de mim mesmo,
Que nem sei se estou vivo ou se estou morto.

Sei que entre as nuvens paira
Minha fronte, e meus pés andam pisando a terra,
Sei que tudo me alegra e me desvaira,
E a paz desfructo, supportando a guerra.

E assim peno e assim vivo :
Que diverso querer ! que diversa vontade !
Se estou livre, desejo estar captivo ;
Se captivo, desejo a liberdade !

E assim vivo, e assim peno :
Tenho a bocca a sorrir e os olhos cheios d'agua !
E acho o nectar n'um calix de veneno,
A chorar de prazer e a rir de magua.

Infinda magua ! infindo
Prazer ! pranto gostoso e sorrisos convulsos !
Ah ! como dóe assim viver, sentindo
Azas nos hombros e grilhões nos pulsos !

Olavo Bilac.

JULGAMENTO DE PHRINEA

(A Valentim Magalhães)

Mnezarete — a divina e pallida Phrinéa —
Comparece ante a austera e rigida assembléa
Do Areopago supremo. A Grecia inteira admira
Aquella formosura original, que inspira
E dá vida ao genial cinzel de Praxiteles,
De Hyperides á voz e á palheta de Apelles.

Quando os vinhos, na orgia, os convivas exaltam
E das roupas, emfim, livres os corpos saltam,
Nenhuma hetére sabe a primorosa taça,
Transbordante de Cós, erguer com maior graça,
Nem mostrar, a sorrir, com mais gentil meneio,
Mais formoso quadril, nem mais nevado seio.

Estremecem no altar, ao contemplal-a, os deuses,
Nua, entre acclamações, nos festivaes de Eleusis...
Basta um rapido olhar provocante e lascivo:
Quem na fronte o sentiu, curva a fronte, captivo...
Nada eguala o poder de suas mãos pequenas:
Basta um gesto; e a seus pés roja-se humilde Athenas...

Vae ser julgada. Um véu, tornando inda mais bella
Sua occulta nudez, mal os encantos véla,
Mal a nudez occulta e sensual disfarça.
Cáe-lhe, espaduas abaixo, a cabelleira esparsa
Queda-se a multidão. Ergue-se Euthias... Fala,
E incita o tribunal severo a condemnal-a:

«— Eleusis profanou! E' falsa e dissoluta,
Leva ao lar a sizania e as familias enluta!
Dos deuses zomba! E' impia! é má!» — (E o pranto ardente
Corre nas faces d'ella, em fios, lentamente...)
«— Por onde os passos move, a corrupção se espraia
E estende-se a discordia! Heliostes! condemnai-a! —»

Vacila o tribunal, ouvindo a voz que o doma...
Mas, de prompto, entre a turba Hyperides assoma,
Defende-lhe a innocencia, exclama, exora, pede,
Supplica, ordena, exige... O Areopago não cede.
«— Pois condemnai-a agora! —» E á ré, que treme, a branca
Tunica despedaça, e o véu, que a encobre, arranca...

Pasmam subitamente os juizes deslumbrados,
— Leões pelo calmo olhar de um domador curvados:
Nua e branca, de pé, patente á luz do dia
Todo o corpo ideal, Phrinéa apparecia
Deante da multidão attonita e surpreza,
No triumpho immortal da Carne e da Belleza.

OLAVO BILAC.

RECORDAÇÃO FATAL

Destende essa mimosa envergadura,
Verso ! Leve, transpondo os altos montes,
Sóbe ! Assombra-te, acaso a terra impura ?
Mergulha, inteiro, nas celestes fontes !

Anima-te ! Esvoaça ! Olvida a escura
Gehena ! Choradas lagrimas não contes...
— Porque prantos cantar, se é em festa a altura ?
— Se ha, bengali, rosaes nos horisontes ?

Mas — ai ! triste galé ! — quer o poema
De amor dos sóes surprendas, quer a casta
Rola por tua voz soluce e gema,

Será comtigo a lugubre, a nefasta
Recordação, que arrasto como a ema
A aza partida pelo campo arrasta.

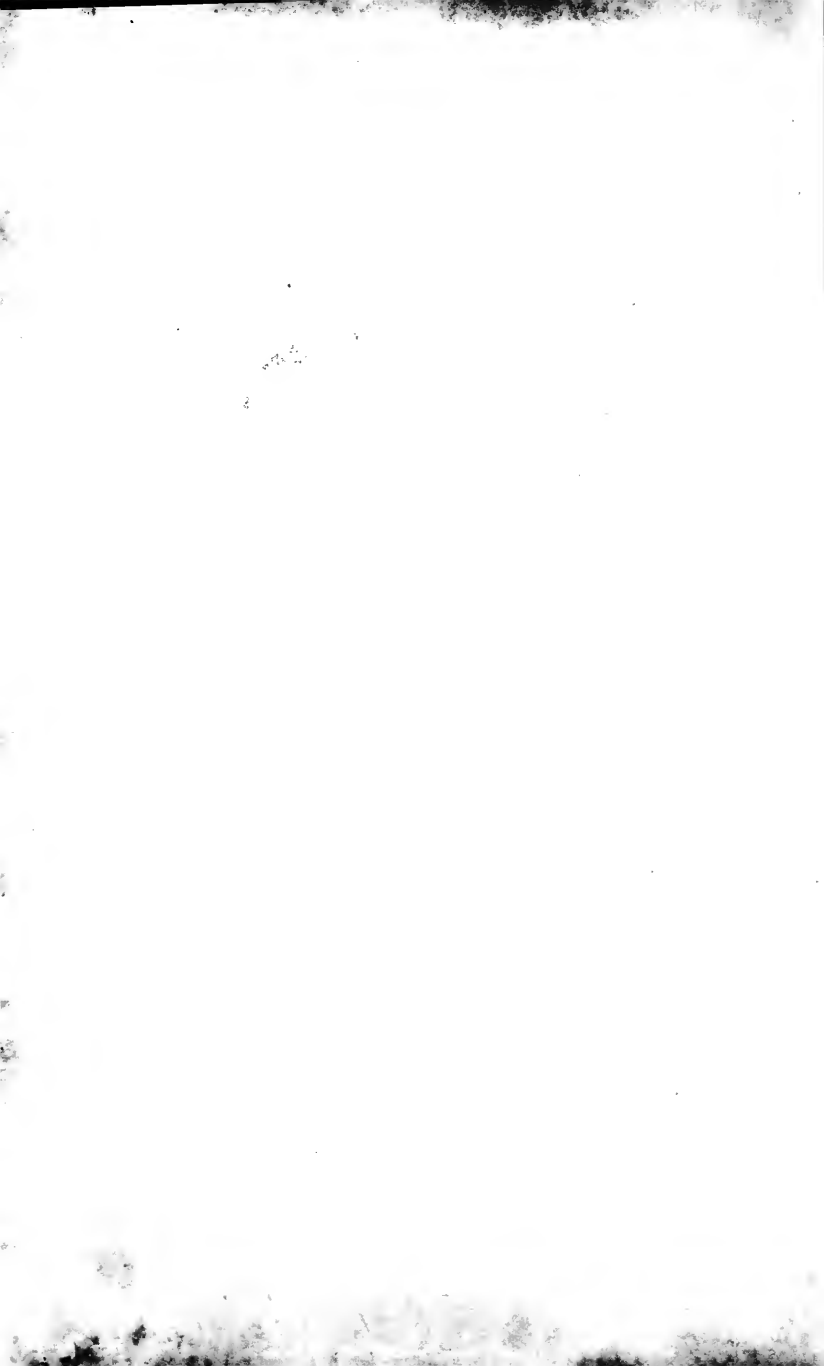
NARCISA AMALIA.

O ANOITECER

(A Adelino Fontoura)

Vê : esbrazea o Oceano na agonia
O sol ; aves em bandos destacados
Por ceus de ouro e de purpura raiados
Fogem... fecha-se a palpebra do dia...

Delineam-se além da serrania
Os vertices de chamma aureolados,
E em tudo em torno esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

RAYMUNDO CORREIA

Um mundo de vapores no ar fluctua ;
Como uma informe nodoa, avulta e cresce
A sombra, á proporção que a luz recúa...

A natureza apathica esmaece...
Pouco a pouco entre as arvores a lua
Surge trémula, trémula... Anoitece !

(Das *Symphonias*).

RAYMUNDO CORRÊA.

AS POMBAS...

Vae-se a primeira pomba despertada..
Vae-se outra... mais outra... emfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotôam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes ;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

(Das *Symphonias*).

RAYMUNDO CORRÊA.

A JUVENTUDE

(A Aluizio de Azevedo)

Do amor a vaga sensação primeira,
Primeiro alvor, diluculo da edade,
O brando rescender da virgindade,
Mais brando que o da flor da amendoeira;

O espirito, a belleza e a castidade
— Rara violeta que indizivel cheira;
A ingenua prece — musica fagueira —
Tudo que ha na mulher que mais agrade;

Tudo n'esta estação se atila e apura;
A moça sonha e o seu sonhar fulgura
No olhar de luz e de humidade cheio;

Da tez lhe fulge a transparencia rara,
E, qual fructo de neve, aponta a clara
Protuberancia olympica do seio.

(Das *Symphonias*).

RAYMUNDO CORRÊA.

MAL SECRETO

Si a colera que espuma, a dôr que mora
N'alma, e destroe cada illusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse ;

Si se pudesse, o espirito que chora
Vêr, atravez da mascara da face ;
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse !

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez, existe,
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!

(Das *Symphonias*).

RAYMUNDO CORREIA

SONHO TURCO

Nasah, o miseravel thracio, um dia,
Em vãos anhelos e ancias vãs se enfuna;
De um acceso cachimbo o fumo o embala...
(Mamuh reinava então) Nasah dormia;
E apparece-lhe em sonhos a Fortuna;
«Nasah, ergue-te e escuta!» Assim lhe falla—

«Eu darei vida a tudo o que anhelares,
Mesmo aos teus mais excentricos anhelos;
Sumptuosos, magnificos harens,
Parques cheios de caça, amplos pomares,
Castellos e castellos e castellos...
Vê: tudo isso aqui tens!

«Queres thesouros mais ?— A's tuas plantas,
Todo o Oriente gemmifero fulgura,
Queres sceptro e diadema ? — Cinge-os. Queres
Luxo e volupias ? — Eil-as taes e tantas :
Mulheres e cavallos, com fartura,
Bons cavallos e esplendidas mulheres.

«Queres mais ? — Dou-te prodiga, a mãos cheias,
As saphiras da Persia ; e, se o desejas,
Do fundo golfo os bancos de coral ;
Ouro fluido percorra as tuas veias ;
Seja ouro tudo o que tocares ; sejas
Um Midas oriental !

«Vês bazares, kiosques e mesquitas ?
Torres pyramidaes, que o musulmano
Sol, de aureas côres tinge e de sinopla ?
Largas praças e ruas infinitas,
Onde, á luz, ferve um formigueiro humano...
Vês ? E' Constantinopla !

«Eis a Sublime Porta, onde scintilla
O Crescente de prata; e o throno, eis, d'onde,
Já morto, acaba de tombar Mahmú!»
«Que nova eu ouço!» — diz Nasah, a ouvil-a —
«Sou eu hoje o Grão Turco?» — E ella responde:
«Hoje o Grão Turco és tu!»

Orna-lhe fulva pedraria o manto
Regio; tiram-lhe o plaustro resplendente
Nedias parelhas de possantes urcos...
Prostra-se o povo... Passa Allah? Nem tanto.
Passa um sultão apenas, simplesmente
O imperador dos turcos!

E elle, seguido de uma extensa linha
De janizaros, vae do esplendoroso
Céo de Byzancio sob o pallio azul;
E, entre festivas pompas, se encaminha
Para o mais rico, para o mais faustoso
Serralho de Stambul.

Entra : é só d'elle este serralho inteiro,
Guardam-n'o eunuchos mil de fronte baça,
E alfanjas mil a dardejar faiscas...
Entra, e acolhe-o um sussurro lisongeiro,
Lisongeiro sussurro, que perpassa
N'uma nuvem de flôres e odaliscas.

Uma é da Armenia ; com desleixo, estende
A negligente perna em molle e brando
Coxim... Olhos saudosos de Erivan ;
Olhos castanhos que a paixão accende ;
Languidos olhos humidos, boiando
Em luz ; gêmeos da estrella da manhan...

Outra é circassiana : a espalda, o busto
E as torres de marfim das pomas núas,
De fresca e rija carnadura, ostenta ;
Tronco de estatua, torso alvo e robusto,
Que em duas grossas pernas, como em duas
Firmes columnas de alabastro, assenta.

Outra é filha da Bosnia: arfa radiante;
Ou vingança, ou ciume, lhe guarnece
De lindas garras côr de rosa a mão;
Desde o entono do collo á roçagante
Cauda, rainha triumphal parece;
Collo de cysne, cauda de pavão...

Outra é nubia talvez; no olhar, que vibra,
Ha filtros infernaes, e estranhos gozos
Nos seios bronzeos, fartos e desnudos;
E ha em seu corpo o viço e a tenaz fibra
Dos vegetaes dos tropicos, lustrosos,
Lanceolados, rispidos e agudos...

Outra é mestiça — rara flôr do Egypto;
A par dos labios sensuaes, que osculam,
E a redondez feminea dos quadris,
Mostra um temperamento hermaphrodito;
Tem braços que os amantes estrangulam,
Musculosos, elasticos, viris...

Outra... São tantas! Tantas a enleval-o,
Mais, que as huris, formosas!
Nasah... Que digo?! O Grão Senhor delira!
Como polygamo e amoroso gallo,
A aza arrastando a innumeras esposas,
Nem sabe qual prefira.

A sultana qual é, d'entre essa turma
De captivas gentis? Qual mais ao grado
Será do Grão Senhor?
A eleita qual será, com que elle durma,
Como um céo de verão, todo estrellado,
Sobre uma varzea em flôr?!

N'isto, nos braços da visão aerea,
Subito acórda o miseravel thracio;
Foi-se a Fortuna que, mendaz, o engana...
Acórda, não sultão, mas na miseria;
Acórda, não em rutilo palacio,
Mas na humilde choupana.

«Mal hajas tu, mendaz Fortuna! Certo,
Que enorme dita, ou desventura enorme,
E' tudo um sonho!» — diz Nasah emfim —
«Tu fazes que Mahmú sonhe, desperto,
O que sonha um vil thracio, emquanto dorme,
E de ambos vives a zombar assim!»

(Das *Alleluias*).

RAYMUNDO CORREIA.

A ONDINA

Rente ao mar que soluça e lambe a praia, a Ondina,
Solto, ás brisas da noite, o aureo cabello, núa,
Pela praia passeia. A opalica neblina
Tem reflexos de prata á refracção da lua.

Uma velha goleta encalhada, a bolina
Rôta, pompeia no ar a vela, que fluctua
E, de onda em onda, o mar, soluçando em surdina,
Empola-se espumante, á praia vem, recúa...

E, surdindo da treva, um monstro auricrinito,
Toma-lhe a frente, avança, embargando-lhe o passo...
Ella tenta fugir, suffoca o choro, o grito ..

Mas o mar, que, espreitando-a, as ondas avoluma,
Roja-se aos pés da Ondina e esconde-a no regaço,
Envolvendo-lhe o corpo em turbilhões de espuma.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

MUSA IMPASSIVEL

O' Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gela o sorriso ao labio e as lagrimas estanca!
Dá-me que eu vá comtigo, em liberdade franca,
Por esse grande espaço onde o impassivel mora.

Leva-me longe, ó Musa impassivel e branca!
Longe, acima do mundo, immensidade em fóra,
Onde, chammas lançando ao cortejo da aurora,
O aureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me de vez, n'uma ascensão ardente,
A' deliciosa paz dos Olympicos-Lares
Onde os Deuses pagãos vivem eternamente.

E onde, n'um longo olhar, eu possa ver comtigo,
Passarem, atravez das brumas seculares,
Os Poetas e os Heroes do grande mundo antigo.

(Dos *Marmores)*.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

A MORTE DO AVÔ

(A Valentim Magalhães)

Finou-se no começo da ventura
Que lhe sorria no primeiro neto,
O seu Tim-tim, alma celeste e pura.

Ai! que não ha nenhum prazer completo,
E nem ha goso que não seja um dia
De uma amargura subita repleto!

Quando o afagava, quando lhe sorria
Parece que o seu rosto illuminava
O clarão de uma olympica alegria.

Todo o seu busto rigido vergava
Para beijar o filho do seu filho,
Que tão profundamente idolatrava.

Via-o da vida pelo immenso trilho,
E nem sonhava que talvez pudesse
A Dor cravar-lhe o rabido colmilho.

O seu bondoso coração, parece
Que pelo neto trefego e ruidoso
Aos ceus erguia sempre intima prece.

«E' lindo como um cravo!», radioso
Disse-me um dia, como se previsse
Já ser aquelle o derradeiro goso.

E não sei que ternura e que meiguice
Na sua voz havia n'esse instante,
Que pareceu ser musica o que disse!

E a sua falla, grave e bemsoante,
Toda mellifluamente concertada
Para fallar ao tenro e branco infante,

Parecia planger uma ballada,
Um canto estranho, uma aria maviosa,
De infinita doçura repassada.

E nos seus bellos sonhos cor de rosa
Já o via crescido e adolescente
Seguir da vida a estrada luminosa.

Via-o depois luctar, nobre e valente,
Nas eternas conquistas da Justiça,
Cheio de fogo, sobranceiramente;

Via-o surgir intrépido na liça,
Ateando o pharol da Liberdade
E do Direito a alampada mortiça.

E então volvia, cheio de saudade,
O olhar ao tempo em que elle, inda creança,
Dava os vagidos da primeira edade...

E fugiu e voou tanta esperança!
Do seu netinho o luminoso espelho
Resta pedaços feito na lembrança!

Tu, que ainda tens o olhar fundo e vermelho,
Vem as tuas maguas suavisar commigo:
Para chorar a morte do bom velho

Eu tambem tenho lagrimas, amigo.

4 de Abril de 83.

FILINTO DE ALMEIDA.

BALLADA

Por noite velha, no Castello,
Vasto solar dos meus avós,
Foi que eu ouvi, n'um ritornello,
Do pagem loiro a doce voz.
Corri á ogiva para vel-o,
Vitraes de par em par abri :
E ao ver brilhar o meu cabello,
Elle sorriu-me, e eu lhe sorri.

Venceu-me logo um vivo anhelo,
Queimou-me logo um fogo atroz ;
E toda a longa noite velo,
Pensando em vel-o e ouvil-o a sós.
Triste, sentada no escabelo,
Só com a aurora adormeci...
Sonho, e no sonho, haveis de crel-o ?
Inda o meu pagem me sorri !

Seguindo a amal-o com disvelo,
Por noite velha, um anno após,
Termina emfim o meu flagello,
Felizes fomos ambos nós...
Como isto foi nem sei dizel-o!
No collo seu desfalleci...
E alta manhã, no seu morzelo
O pagem foge... e ainda sorri!

Dias depois, do pagem bello,
Juncto ao solar onde eu o ouvi,
Ao golpe horrivel do cutello,
Róla a cabeça — e inda sorri!

1895.

FILINTO DE ALMEIDA.

A CIDADE DA LUZ

Vós que buscais a senda da esperança,
Entrai : aqui ha mundos luminosos
N'um céu, que a mão, por mais pequena, alcança.

A alma aqui se refaz de ethereos gozos ;
Vindes para o paiz da primavera,
Vós, que deixais os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que sahireis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.

Almas, das trevas lúgubres captivas,
Abri as vossas azas rutilantes
Entrai, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas d'estes pórticos gigantes
Haveis de ler uma inscripção, que alente
Os vossos vôos inda vacillantes.

E' aqui o paiz do amor ardente.
Quem entra, leva um peso aos pés atado,
Como o mergulhador do mar do Oriente,

Que sobe á tona leve e festejado,
E vem de tantas pérolas coberto,
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um eden no deserto,
Fazer um sol de um monte de granito,
E para vêr melhor o céu de perto,

Encontrar uma escada no Infinito,
Entrar pela estellifera voragem,
Ser razão o fanal, verdade o mytho,

E armada de tenaz, feroz coragem,
Arrasando os enigmas da vida,
Cavar nas trevas lúcida passagem...

A isto esta cidade vos convida.
Entrai; por mais que a noite em vós se note
Tereis um astro á frente na sahida.

Da cidade moderna é luz o mote,
Que na porta da entrada arde e flammeja.
Entrai! a escola é cathedral, igreja;
Hostia — sciencia : o mestre — sacerdote.

LUIZ DELFINO.

AURORA

— «E' tarde e sopra a viração tão forte !
Vossa Excellencia expóe-se a algum sereno...
Além d'isso está humido o terreno
E traz, diz o annexim, desculpa a morte.»

— «Obrigada, senhor, mas não se importe :
Talvez cure um veneno outro veneno ;
Eu sou como o esvahido som de um threno
Que, muito antes do fim, o leva o norte.»

Acabando, tomou-a a tosse rouca
Levou ligeiramente o lenço á bocca
E manchado o tirou de um sangue rubro.

Riu-se e tornou: «Não vê a boa nova?
Olhe, eu já oiço a enchada abrir-me a cova
E entre as nevoas da morte o sol descubro!»

LUIZ DELFINO.

A SULTANA

Foi festa e grande em toda a Cachemira,
Quando chegou, montada no elephante.
Viu-se em leve sandalia de saphira
O seu pé de uma alvura deslumbrante.

Colhendo as sedas, sua mão ferira
Com luz nevada a multidão, deante
Da qual o rosto apenas descobrira
Na sombra do riquissimo turbante.

Mas quando viram seus nevados seios,
Brancos, riscados de azulados veios,
C'roados de uma auréola de cabellos,

— Tenues fios de estrella que irradia...
Para não offendel-a á luz do dia
Fugiram d'ella ao trote dos camellos.

LUIZ DELFINO.

AS TRES FORMIGAS

(A Machado de Assis)

Allons, la belle nuit d'été...
A. DE MUSSET.

Movendo os pés côr de brasa,
Foram as tres, com cautella,
Subindo o muro da casa
De D. Estella.

— Arriba ! diz a primeira.
— Mais devagar... diz com siso
Segunda. Diz a terceira :
— Sei onde piso.

Noite fechada, propicia
A' idéa, ao plano que as leva...
Nem de uma brisa a caricià !
Silencio e treva !

De prompto um grillo de um canto;
— Onde ides, minhas amigas?
E um calefrio de espanto,
Nas tres formigas.

Ah!... Mas, sereno e encantado,
Um rosto assoma á janella:
O rosto puro e adorado
De D. Estella!

Tri... tri... rufla as azas, geme
O grillo. E pernalta aranha
Na trama de ouro, em que treme,
Quasi o apanha.

E agora se atemorisam
As tres. E' tudo embaraços!
E a cal sómente que pisam
Lhes ouve os passos.

E uma após outra se encaram
Tremendo; ora hesitam, ora
Conversam baixinho, param
Por mais de uma hora.

Subito o muro fracassa
Trovão de vidros, que as géla...
Descêra a brusco a vidraça
De D. Estella.

— Melhor é voltarmos, logo
Uma aconselha, em segredo;
Outra abre os olhos de fogo,
E é toda medo.

Terceira chora, encolhida:
— Tão alto! já estou cansada!
Meu Deus, com certeza a vida
Não vale nada.

Mas sobem, que é necessario
Subir. Jesus, o bemquisto,
Subiu tambem seu calvario,
E era o Christo!

— Janella, emfim! n'um alento
Exclama a que mais anhela
Primeira ser no aposento
De D. Estella.

— Por esta frincha... — Por esta...
— Melhor.... — Entremos. — Avante!
E uma olha, analysa a fresta,
E rompe adeante.

Seguem-n'a as duas. Estreito
E' o trilho. Vão. Tal n'um berro
Vae por um tunnel direito
Um trem de ferro.

Eil-as estão da outra banda,
Na alcova. Tudo, de em roda,
Miram, á lampada branda,
Da alcova toda.

E vêm, por entre os adornos
De um leito elegante, a bella
Fronte, o perfil, os contornos
De D. Estella.

Azul celeste a parede
Sobre o papel que a reveste...
E é toda a camara, vêde:
Azul celeste.

Tenda de neve — a cortina;
Dois bustos, um ramilhete
Além; descalça botina
Sobre o tapete.

N'um quadro de luzidio
Ebano, um vulto guerreiro :
Perfil severo e sombrio
De cavalheiro

De Hespanha ; olhar atrevido,
Espada á cinta, e escarcella...
— E' com certeza o marido
De D. Estella.

E o espelho... como scintilla !
Parece de um lago a nua
Face que leve se anila
Com a luz da lua.

No toucador como esparsa
Ha tanta cousa ! um diadema,
Alvas pennugens de garça...
Todo um poema !

E um vaso com a mais festiva
Das rosas! — Meu Deus, acaso
Ha rosa tambem que viva
Dentro de um vaso?!

Eil-as, á flor já se atiram
As tres formigas... Ai! d'ella,
A flor, que os labios vestiram
De D. Estella!

Descem o muro. Profundo
Silencio. Tudo parece
A miniatura de um mundo
Que se amortece.

Sobem os moveis. No tecto
Nem sombra de aza perdida
Do mais pequenino insecto...
Tudo sem vida!

Chegam á rosa. Que altivo
Seio encarnado! Que encanto
N'esse encarnado lascivo
Que tem no manto!

E uma se adeanta animosa,
Mais esta, após, mais aquella...
Ai! rosa, querida rosa
De D. Estella!

Correm-lhe as petalas. Uma
Desce-lhe ao póllen que toma,
Da bocca aos pés se perfuma
Com seu aroma.

Enchem-se de ouro, que é de ouro
Su'alma. Sedas desatam
Que a prendem. Vida, thesouro,
Tudo arrebatam.

Tudo revolvem, por tudo
Passam, n'um tremulo gyro,
Com seus trophéos de velludo
Que lembra o tyro.

E vão a fugir, com o geito
Do que em roubar se desvéla...
Mas n'isto estremece o leito
De D. Estella.

E' dia. A dona da alcova
Já está de pé: e, anciosa.
Porque máo sonho remova,
Vae ver a rosa.

Toma-a do vaso ás mãozinhas;
Mas, ao beijal-a, a Senhora
Descobre as tres formiguinhas,
E sopra-as fóra.

— Ah! que tufão repentino!
As tres, no ar, na anciedade
Da queda, exclamam sem tino:
— Que tempestade!

Longe, bem longe, erradias,
Cahiram. Nem se mexeram
De espanto quasi dous dias...
Depois morreram.

Eis das formigas o caso.
A rosa... falle por ella
Outra que é nova no vaso
De D. Estella.

(Dos *Sonetos e Poemas*).

ALBERTO DE OLIVEIRA.

SABOR DAS LAGRIMAS

(A Silvestre de Lima)

A bella grega Hermé, que vai captiva,
Não chora, não,—mas seu olhar revêde:
Vereis que d'elle amor brota e deriva,
Amor que a prende na ineffavel rêde.

Quando o deserto vem e a vista o mede
Tão grande! Hermé, que á voz dos mais se esquiva,
—«Dá-me tu de beber, que eu tenho sede»—
Diz ao que perto tem, que amor lhe aviva.

Filho da mesma terra, o prisioneiro,
Bello como ella, — em roda olha o caminho...
Agua não vê, mas chora, e o derradeiro

Pranto dá-lhe a beber na mão tomado...
E ella ao sorvel-o: «Ainda é melhor que o vinho
Bebido em grego cyatho doirado!»

(Das *Meridionaes*).

ALBERTO DE OLIVEIRA.

O LEQUE

(A Alfredo Souza)

Era um leque real ; obra de eximio artista,
Mimo, talvez, de um Deus. A' sua estranha vista,
Diante da alma, irisado em pedras multicores,
Em crystaes, em rubins, em perolas,—acceso
Em estrellas.—abrindo as azas de ouro ao peso
De uma gruta de flores.

Errava esplendoroso um sonho : a phantasia.
Louca e lubrica, os céus e os mares investia
E, no sol e no azul das aguas, luminosa,
Como um passaro doudo, a um tempo revoando
Vaga, incerta, febril, mergulhava cantando
As azas côr de rosa.

Era o leque, talvez, que os Elfos agitavam
N'essa noite em que á lua errantes celebravam
As nupcias de Titannia, — a loura ; arrebatado
Fôra, talvez, ás mãos da Amphytrite marinha,
Quando as redeas de prata em largo mar sustinha
Ao plaustro illuminado.

Dormira um dia á flôr do regaço tranquillo,
Do collo esculptural da *serpente do Nilo*,
De Cleopatra nua, — emquanto a aragem freme
Na auriphrygiata vela, e, á frauta que resôa,
Rasga um sulco no mar com a refulgente prôa
A luxuosa trireme.

Na brilhante armação de nacar levantino
D'esse leque o cinzel de um genio peregrino
Incrustava, arrojado, em scintillante estemma,
A alma inteira ; o coral da illusão, a amethysta
Do sonho, a gloria, tudo, allucinando a vista,
Em radiante poema.

Via-se alli n'aquelle artistico relevo
A Loucura; a Paixão, no primeiro enlevo,
Abre o olhar de topazio, enfebrecida logo
Rutíla em rubro mar de purpuras, abrasa,
Arde, queima, incendêa, alando á ponta da aza
Os seus rubins de fogo;

O Amor chora e sorri, e a lagrima que escalda
E' um diamante suspenso ás mãos de uma esmeralda;
Logo a Melancolia os olhos scismadores
Ergue; vê-se atravez de uma turqueza a Magua;
Geme a Saudade e aos pés de um branco pingo d'agua
Brota um mundo de flores.

A pagina de seda aos olhos representa
Uma gruta. E' na Grecia. Em vaga luz que augmenta,
Oriental, entre a rama implexa, destacando
O fundo, linha a linha,—uma estranha figura
Está, com pés de cabra, em meio da espessura
Dos myrtos retouçando.

Perto a lympha, — um sonoro e tremulo, arrufado
Fio de viva prata, em leito nacarado
De esparsas conchas. Talha o crystallino veio
Roseo pé, — é uma deusa. A corrente fendida
Docemente borbulha, em frouxa escuma erguida
E recurvado seio.

Flavo e crespo ondulando o rutilo cabello
Cae da Nayade, — é bella! — Esplendido modelo,
Attrae, fascina o collo, um marmore que cega,
E onde fresca resalta a graça primitiva
Que, com um raio de amor, a pedra inerte aviva
Da estatuaria grega.

Sente-se então no leque, ante a ideal pintura,
Um quê jámais expresso, uma ardente loucura...
Lume flagrante expira, absorto e deslumbrado,
O olhar; de chispa em chispa, o desejo incendido
Como um facho, atravessa em musico alarido
O organismo extasiado...

Mas a um lado, afastando o virente embaraço
Dos canniços de ao pé, surge um verçudo braço :
E eis a tremula voz de uma frauta argentina
Começa a despertar o silencio. Encantada,
Repete a gruta em peso a musical toada,
A estrophe crystallina.

Volve os olhos então a Nayade medrosa :
— Que encantado gemer, que musica amorosa
E' esta ? Indaga... E n'isto a forma inteiramente
Surge de um velho deus, de Pan... Como um sorriso,
Fecha o quadro o olhar cubiçoso, indeciso,
E um gesto indifferente.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

A VINGANÇA DE CAMBYSES

Disseram — diz o rei a Prexaspes — que o vinho
Sobe presto á cabeça em denso torvelinho
De vapores, e a febre, o delirio produz,
Que irradiam no olhar uma sinistra luz.
Ou, pouco a pouco, pelo organismo se entorna,
Qual onda de torpôr, voluptuosa e morna?
Disseram; e tu tens a ousadia de vir
Em face de teu rei palavras repetir
De estultos, e affirmar que o vinho afrouxa braços
Que fazem, como os meus, os reinos em pedaços?

Ao contrario; verás; (e bebedo entesou
No arco a flecha) porém é preciso que aponte
Um alvo; — o coração de teu filho.
E atirou,
Da creança, que n'elle o doce olhar fictava,
— Olhar que o ethéreo azul do infinito espelhava, —
Varando lado a lado o peito e o coração.

E o pae disse, curvando humildemente a fronte:

«— Nem de Apollo é mais firme e mais certeira a mão.»

1888.

JULIA CORTINES.

SOLEDADE

Poeta, dentro de ti, desmesurado e arcano,
Ou se cava, ou se empóla, ou se espedaça o oceano
De tua alma, que exhala um continuo clamor,
— Brados de imprecações e soluços de dôr!

N'elle canta e suspira a languida sereia
Do Amor; a Magua geme; a Colera estrondeia;
E a essas vozes se prende a dolorida voz
Da Saudade, chorando o que ficou após...

E em torno d'esse mar, que ulula, e chora, a guaia,
E que o vento revolve e a aresta dos escolhos
Rasga, do mundo vês a indifferente praia...

E acima d'elle vês a abobada infinita
Do céu placido e azul, onde o esplendor dos olhos
Das estrellas, sereno e distante, palpita...

JULIA CORTINES.

INDIFFERENTE.

E vão assim as horas ! — Vão fugindo
Um após outro os dias voadores,
Ao tumulo do olvido conduzindo
As alegrias como os dissabores.

O sonho agita as azas multicores,
E vae-se, e vae-se rapido sumindo,
Emquanto a vaga quírula das dôres
Soluça, e rola pelo espaço infindo...

A mim, porém, a mim, a mim que importa,
A mim, cuja esperança ha muito é morta,
Que o tempo, como um rio que se escôa,

Nos arrebate as illusões que temos ? !
— Deixo em descanço os fatigados remos,
E que o barco da vida boie á tôa.

1887.

JULIA CORTINES.

FAUST

(A Valentim Magalhães)

O livido Alchimista, á morna claridade
Da sonhadora luz de uma lampada exotica,
Scismava como Christo, em torva anciedade,
Na camara senil de architectura gothica.

Entre os livros de Hermés, aberto um alfarrabio,
Ante o turvado olhar, voejando as mariposas,
Na attitude febril de um saltimbanco, o sabio
Prescrutava o segredo hermetico das Cousas..

De um lado o microcosmo, onde dos mundos a alma
Se agita, e do outro sobre uns signaes cabalisticos,
Uma caveira ri-se ao luar que lhe espalma
Na fronte erguida a luz dos devaneios mysticos.

Sonha o sabio allemão com minotauros, grifos,
E evoca do Chaldeu a mythica magia ;
Emquanto, em cima, paira entre mil hieroglifos
O vulto de Satan na abobada sombria.

Na espelhenta parede humedecida, d'onde
Pendem drogas lethaes e resequidos ramos,
Divisam-se iniciaes de algum antigo conde
E o rugoso perfil do austero Nostradamus.

Lá fóra, o ethereo azul se illumina, arqueado
Como um sonho a pairar por sobre as cathedraes,
Que no somno do Tempo escondem o sagrado
Deposito senil dos tumulos reaes.

Nos alamos perpassa a viração tranquilla,
Cómo a sombra fugaz de uma Walkiria pallida,
E sobre o azul vapor dos pincaros scintilla
A lua, a rebentar, esplendida crysalida.

Um bando de aldeões crestados pelo dia
Em banhos de luar esquecem as fadigas,
Expandindo em canções a rustica alegria,
E esperando a sasão fecunda das espigas;

Mas não lhe importa, ao velho, ao sabio misanthròpo
Que o mundo se divirta e que o trabalho cante.
A elle, que só vive a ver pelo horoscopo
O Nada universal, abrindo a guela hiante...

O' Fausto, sonhador Quixote da sciencia,
Quando buscavas ler no livro do Futuro,
Nos antros da Materia, o verbo da Existencia,
Mais absurdo que tu, mais sybillino e escuro,

Talvez no seu jardim, mais bella das mulheres,
Entre os risos azues da Natureza nua,
Regasse a Margarida os brancos malmequeres,
Que depois desfolhou por ti, á luz da lua.

(Dos *Contemporaneos*).

AUGUSTO DE LIMA.

AS LAGRIMAS DO REGATO

(A Alberto de Oliveira)

Na abobada sem sol da região dos fosseis,
O regato calcareo, os seus meandros doceis,
Desenha pela vario e tortuoso gyro.
O feldspatho irisado, e severo porphyro
Os blócos colossaes do esculptural basalto,
Banha, circumda e enflora, e vae de salto em salto,
E vae de curva em curva, o barathro descendo,
Do arboreo crystal fluido os fios estendendo...
Um d'élles atravessa a gorja petrea e ossuda
Do elephante primévo, outra em lago se muda :
Este vae esmaltar os veios de pyrite,
Aquelle em gotas cae da dura stalactite,
Como o leite que flue de exuberante poma,
Este outro de um repucho a esparsa forma toma,
Mas todos vão descendo em impeto fremente,
Porque descer é sempre a sorte da corrente

E o regato viajor no abysmo solitario,
Depois de completar na terra seu fadario,
Lembra-se com saudade, o misero e mesquinho !
Do tempo em que tocava a roda de um moinho ;
Em que ouvia de tarde as amorosas queixas,
Dos salgueiraes banhando as luridas madeixas
E do sol reflectindo o disco luminoso.

Quem lhe déra voltar a esse viver ditoso !
E no silencio, então, das lagrimas supremas,
Vae-se crystalisando em perolas e gemmas...

(Dos *Contemporaneos*).

AUGUSTO DE LIMA.

O INQUISIDOR

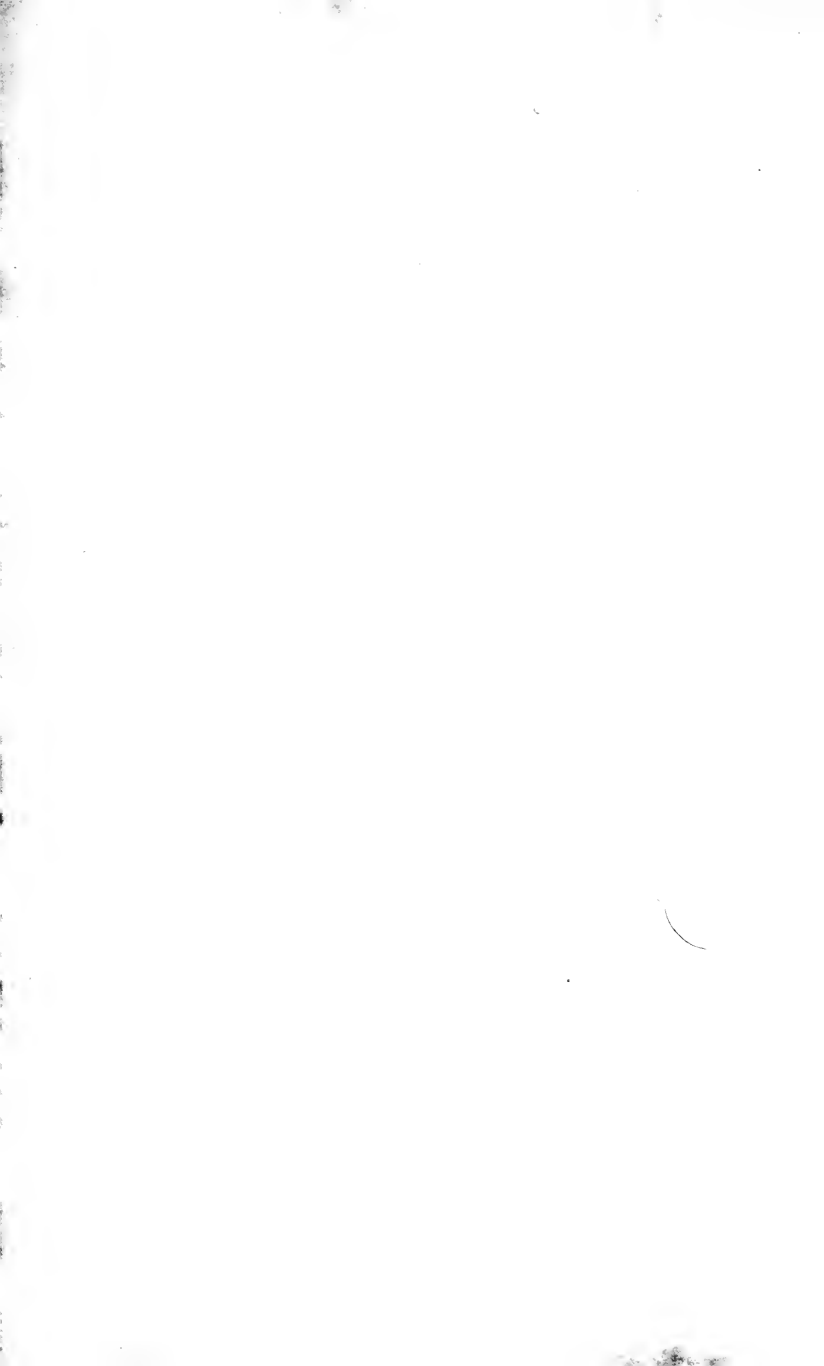
(A Léo de Affonseca)

O grande Inquisidor escreve á luz de um cyrio :
Corre do seu tinteiro o sangue do martyrio.
Subito, uma mulher acerca-se da meza
E prostra-se : «Senhor ! um dia a natureza,
«Bradará por meu filho, a victima innocente,
«Que ámanhã vai ser posta á morte iniquamente !
«Da sentença riscai, com generoso traço,
«O confisco, o pregão, o anathema e o baraço ;
«E mandai demolir a forca que abre a cova
«A' decrepita mãe, á esposa ainda nova
«E a tres filhos, Senhor, antes que Christo adora ;
«A maldição não tisna, é certo, a luz da aurora,
«E nem póde manchar a fronte encanecida,
«Que a tarde da velhice é a aurora da outra vida.
«Como Xerxes punindo o mar com ferro em braza,
«Em vão buscaes cortar a inaccessivel aza

«Do pensamento: — o ideal é um lucido oceano
«E uma invencivel aguia o pensamento humano;
«Mas, se preciso for, em nome d'elle abjuro
«A razão, a sciencia, os astros, o futuro.»

Fez-se solemne pausa; e com accento triste
Fala o grande juiz: «Pois bem! mulher, feriste
«A fibra paternal do Inquisidor austero;
«Volta tranquilla ao lar, pois choraste, e não quero
«Espalhem os clarins da vil maledicencia
«Que a justiça de Deus mais póde que a clemencia.
«Acolhi teu clamor humilde e o vão perdôo,
«Vai na paz de Jesus, por Elle te abençôo;
«Quanto a teu filho amado, illeso das mais penas,
«Ha-de ser, para exemplo, esquartejado apenas.»

Augusto de Lima.

RODRIGO OCTAVIO

INSOMNIA

(A Coelho Netto)

Já vae a noite em mais de meio. A aragem
Tremula corre no juncal sombrio,
Que reveste com a safara folhagem
As ribanceiras humidas do rio.

Noite medonha, pavorosa, enorme.
No ceu, nem uma luz, e nem um canto
Na terra; o mar, sómente, que não dorme,
Ruge na praia enchendo-me de espanto.

Eu não posso dormir ; um pezadello
De minha alma terrivel se apodera ;
Ora essa virgem que chorando anhela,
Rosada e loira como a primavera ;

Ora a visão d'outrora, me apparece,
De um inferno phantastico de horrores,
Que enche minha alma, pouco a pouco, e cresce
Com varios sons, com variadas côres.

E não finda esta noite atterradora,
Cheia de assombros, pavorosa, enorme,
E eu choro e velo e só commigo chora
E vela, o grande mar que nunca dorme.

RODRIGO OCTAVIO.

LYRA AZUL

Flor das flores, formosa entre as formosas,
Luz dos meus olhos, luz da minha vida,
Enches minha alma, tenebrosa ermida,
Do perfume selvatico das rosas!

Tuas langues pupilas luminosas
Curam-me a dôr, se tenho a alma ferida,
E a tua voz me é como a voz perdida
De uma ave, pelas selvas silenciosas.

Musa do meu amor, minha camêna,
Dêem-me teus olhos, todo o sempre, o allivio
Das minhas maguas, dêem-me a paz terrena !

Inspira-me, que é teu todo o meu canto,
E guarda-o bem no teu regaço niveo,
O' flor das flores, ó meu doce encanto !

RODRIGO OCTAVIO.

O REBELDE

(A Guerra Junqueiro)

E' um lobo do mar ; n'uma espelunca
Mora á beira do Oceano, em rocha alpestre,
Ira-se a onda, e, qual tigre silvestre,
De mortos vegetaes a praia junca.

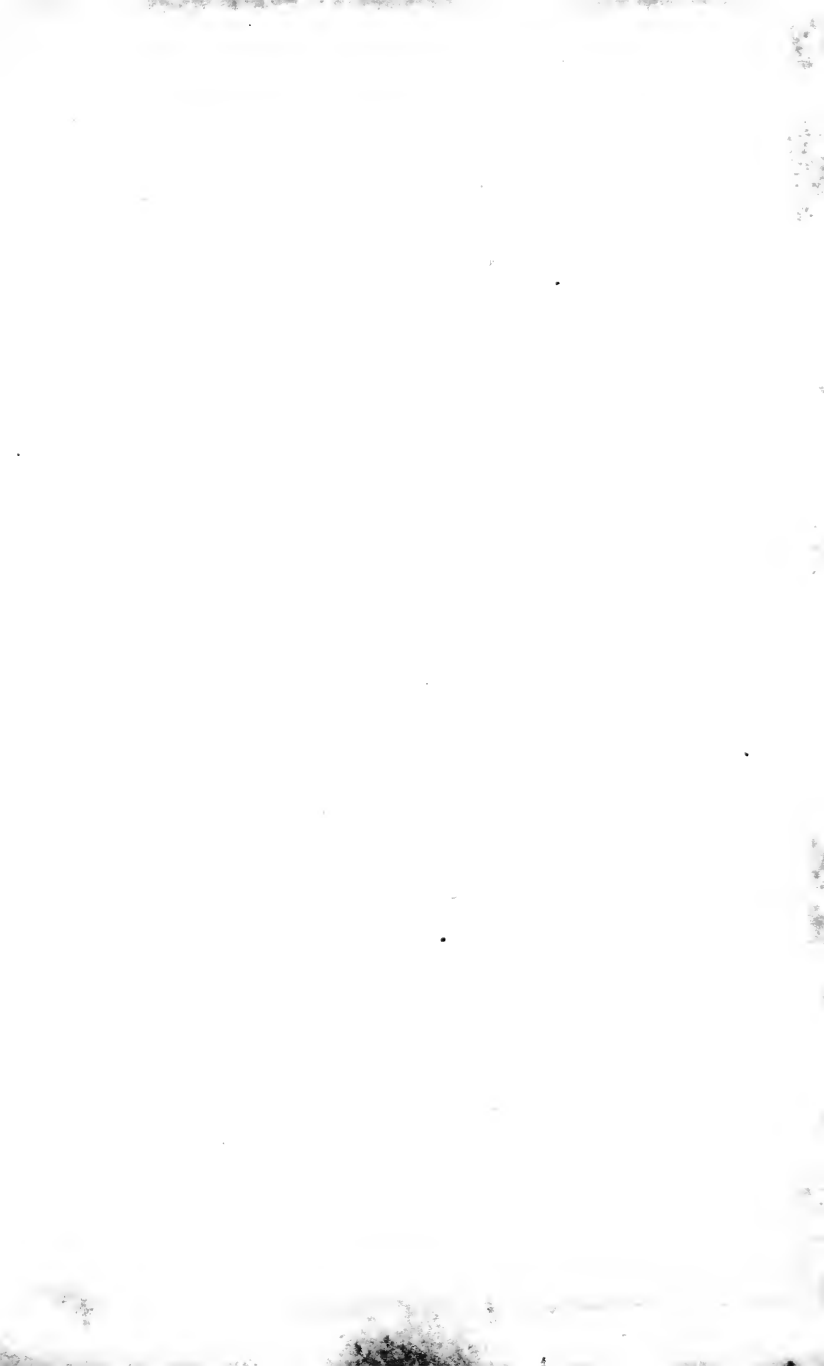
E elle, olhando, como um velho mestre,
O revoltoso que não dorme nunca,
Recurva o dedo, como garra adunca,
Sobre o cachimbo, unico amor terrestre.

Então, assoma-lhe um sorriso amargo...
E' um rebelde tambem, cerebro largo
Que odeia os reis e os padres excommunga.

Dorme sem rezas, a palhoça torta...
Enorme cão feroz guarda-lhe a porta:
O velho mar soturno que resmunga.

(Das *Vergastas*)

1878.

LUCIO DE MENDONÇA.

LUCIO DE MENDONÇA

O CONSORCIO MALDITO

(A Rangel Pestana)

Elle é um rude sujeito honrado e generoso.
Forte e trabalhador. Ella é toda franzina;
E' de antiga nobreza; e é da raça felina
O seu mavioso gesto electrico e nervoso.

Jura-lhe amor, e tem-lhe um odio rancoroso,
Sobre o peito do athleta o régio busto inclina,
E mette-lhe no bolso a mão fidalga e fina
E despoja-o. E elle, o bom e cego esposo,

Deixa-se despojar, e trabalha, calado.
Ella com uns padres vis anda de mancebia,
E, fartos, riem d'elle, o enorme desgraçado.

Ella é a Messalina, a barregã sombria,
Elle, um trabalhador estupido e enganado.
— Elle chama-se — Povo, e ella — Monarchia.

(Das *Vergastas*).

LUCIO DE MENDONÇA.

A MORTE DO CZAR

(A Candido Barata)

Odiar os tyrannos é amar os povos.

VICTOR HUGO.

Graças! louvado seja o braço nihilista
Que acertou afinal!
Matou-se a velha féra, o abutre da conquista,
O urso imperial!

E' bom que estes velhacos,
Estufados de orgulhos e reis pelo terror,
Vejam que custa pouco a reduzir a cacos
Um grande imperador.

Martyres que jazeis nos gêlos da Siberia,
Polacos, exultae!
O' Pestel! Ryieief! a região funerea
Com urrahs atroae!

Aquelle real patife
Era um devorador de carne humana: então
Applicaram-lhe em cheio a pena de Talião:
Fizeram d'elle um bife.

Mas dizem: Libertou milhões de servos. Sim!
Ganhou em cada servo um novo tributario:
Libertou em favor do imperial erario.
Graça de rei, por fim!

Acabou de pregar uma nação na cruz,
Depois esbofeteou-a!
E a Polonia morreu — estrangulada leôa!
Assim tivesses, czar! mil vidas para o obuz!

Tu quizeste encerrar o Futuro e a Esperança
N'um circulo de ferro — a corôa. Afinal,
Pagaste menos mal
O teu êrro infantil, decrépita criança!

A Russia, sacudindo o secular quebranto,
Livre e grande entrará na união fraternal
Dos Povos. Entretanto,
Apodrece p'ra ahi, pedaço de animal!

(Das *Vergastas*).

1881.

LUCIO DE MENDONÇA.

ALICE

Imagina um sorriso de creança,
Todo candura, e junta-lhe a meiguice
De um sorriso de mãe; e tens ideado
O sorriso de Alice.

Imagina um olhar — mysterio e sonho,
Cheio de luz, de gloria, de doidice...
Com a seducção dos olhos da mãe d'agua,
E tens o olhar de Alice.

Imagina uma grave melodia,
Tão doce como nunca mais se ouvisse,
Como nunca se ouviu na terra ainda;
E tens a voz de Alice.

Já viste como o cysne fende o lago ?
Como deslisa a névoa na planicie ?
Como anda na clareira a pomba-rola ?
E' ver o andar de Alice.

Olha a macia pétala corada
De rosa que de todo não abrisse...
O mimo da conchinha nacarada,
E' a bocca de Alice.

Se um dia visses no alcantil dos cerros
A immaculada neve que cahisse,
Verias, ai de mim ! do que é formado
O coração de Alice.

(Das *Alvoradas*).

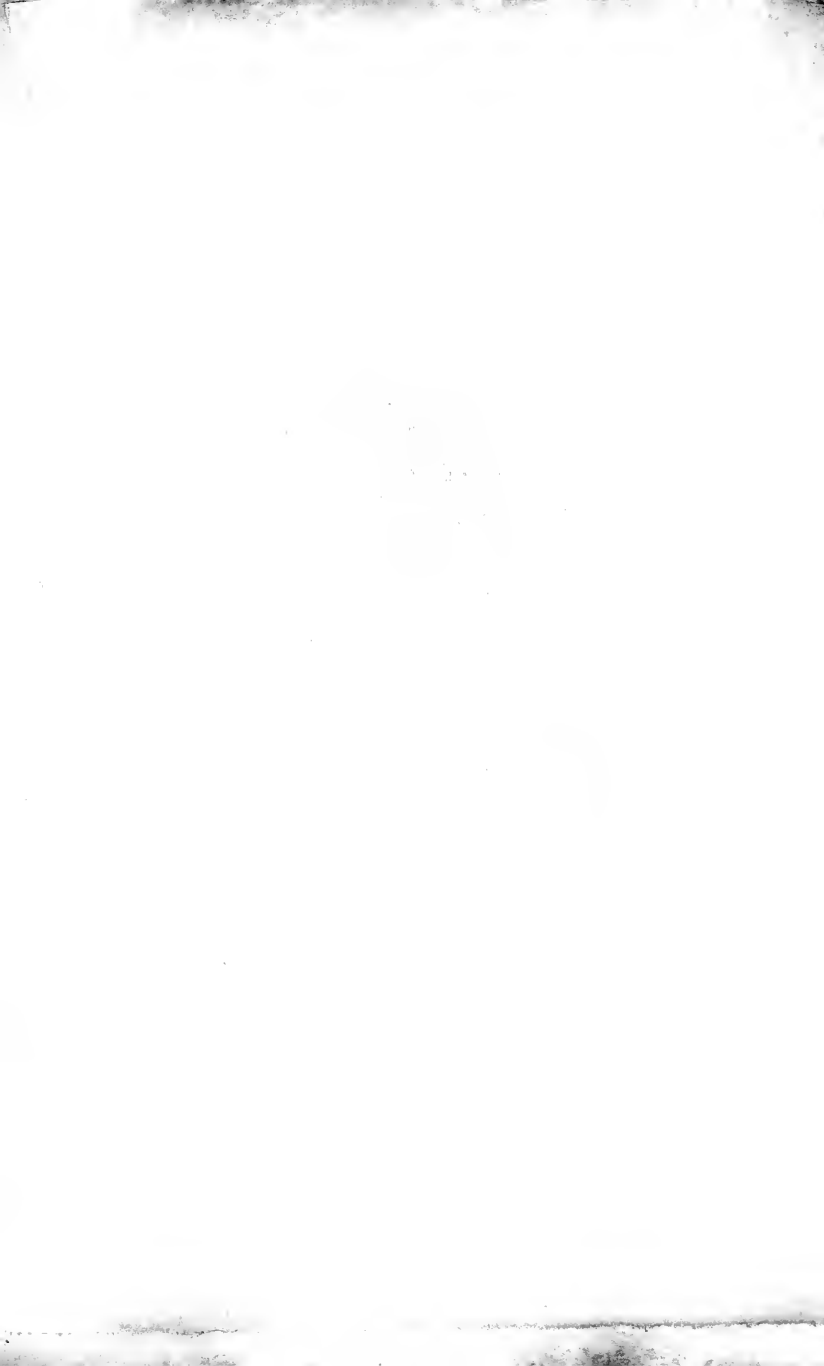
LUCIO DE MENDONÇA.

NOIVADO

(A. J. M. de Andrade Figueira

I

Da egreja na extensa nave
Ledo o cortejo se extende :
— Em todo o rosto, suave,
Meiga alegria resplende.
Repica o sino. No espaço
Pendura a noite pingentes
Como faceiro atavio ;
E as trévas soltam-se a passo
Tal como as franjas pendentes
D'um reposteiro sombrio.

Envolta em véos de noivado
A moça do noivo ao lado

AFFONSO CELSO JUNIOR

Em scisma incerta revoa
Do regosijo ao temor;
E o moço, ao ver-lhe a corôa,
Que cinge á coma os negrumes
Quasi que sente ciumes
Dos aconchegos da flor.

II

Abrem os olhos os cirios;
Vóga a malicia nos ares;
A noiva deita uns olhares
Que põem o noivo em delirios.

O padre emfim se approxima
Latinas rezas murmura,
E, pondo a estóla por cima,
Nas suas as mãos segura
Do par ancioso e contricto:
— A da noiva prende o moço
E ella em doce alvoroço
Repete as phrases do rito.

Chega-se a turba ao altar
Para á porfia sondar
Do par ditoso o futuro:
Sómente n'um canto, occulto,
Fica de pé negro vulto...

III

—Ouve-se alguem soluçar!...
....

IV

Soam vivos cumprimentos;
O noivo, louco, fremente,
Póde abraçar finalmente
O sol dos seus pensamentos...

Folgae, creanças, folgae:
Quanta doirada promessa,

Cedo morta no passado,
No existir que hoje começa
Nascer-vos risonha vae!...
— A vida murcha depressa:
Gosai, pois, vosso noivado
Folgae, crianças, folgae!

V

E' tarde... Ha muito da festa
Na tréva o brilho afogou-se.
Só uma luz peregrina,
Que em zelos talvez se mova,
Da janella pela fresta
Côa um luar calmo e doce...
Era a luz da lamparina
Dos desposados na alcova...

Dentro, na paz do descanço,
Havia um tenue rumor,
Que silvava manso... manso...
Como um segredo de amor

Mas, ai ! n'essa hora encantada ;
Na rua, sobre a calçada,
Alguem jazia de bruços....
E, inerte, como na egreja
O vulto negro, — forceja
Para abafar uns soluços.

S. Paulo. — Agosto — 1878.

(Das *Telas Sonantes*)

AFFONSO CELSO.

ESBOÇO

(A Gaspar da Silva)

I

Descêra o panno. O drama
Accendera febril no intimo das almas
Do enthusiasmo a chamma.
— Fôra ardente e brutal o derradeiro arranco ;
Da multidão o applauso arrebentára franco
N'uma doida explosão phrenetica de palmas.

A funda commoção, a pallidez violenta,
Haviam transtornado as linhas regulares
Da joven opulenta
Ao rosto encantador :
Indeciso oscillava o medo em seus olhares,
N'uns mysticos assombros,
E a breve mão que a capa accommodava aos hombros
Trahia as contracções nervosas do tremôr.

No emtanto era bizarro
Da phantastica peça o imaginoso enredo ;
Mas, sensivel, a dama estava impressionada,
E, cheia inda de medo,
Tremendo entrou no carro
Que rapido rolou nas pedras da calçada.

II

Chegou á casa. A' porta
D'ella achava-se á espera um servidor antigo
De pé, junto ao portal :
— Passára a commoção ; de somno estava morta ;
No leito, em quente abrigo,
Urgia-lhe transpôr do somno o doce umbral.

Mas o servo que tem ? a moça, quando apeia,
Vê-lhe o rosto senil com pallidez atroz :
— Que tem ?... Seu peito anceia...
— Que tem ?... Treme-lhe a voz...

Dias antes, ai d'elle ! o filho que enfermára
Em misero casebre,
— Nos delirios crueis de prostradora febre
De tarde agonisára.

E o pobre pae, fiel á obrigação que tinha
De á senhora esperar a volta em hora incerta,
Alli ficado havia,
Deixando o filho, além, na casa, então deserta,
A estorcer-se talvez, da morte já visinha
Nos espasmos lethaes da livida agonia!...

III

A moça que, do palco ao drama imaginario,
Havia arfado tanto,
Soube reter o pranto
Perante o drama vivo, honrado e solitario!
— Soltou um ah! de gelo, e, como a olhasse o velho
Pedindo-lhe talvez no transe algum conselho,

Disse, com abandono,
De indifferença cheia,
— Que podia ir velar ao filho o extremo somno,
Mas que fosse primeiro á mesa pôr a ceia!...

S. Paulo. — Março — 1878.

(Das *Telas Sonantes*).

AFFONSO CELSO.

A' LUZ MERIDIANA

Rebrílha agora a luz do meio-dia.
Vai pelo céo o sol incandescente,
Como um globo de ferro em chamma, ardente,
Suspenso sobre a terra que incendia.

A viração é quente: Sob a enorme
Calmaria, que inunda o largo espaço
Parece que, prostrada de cansaço,
A natureza inteira arqueja e dorme.

Somente, em meio á mata extenuada
A' torrida avidez canicular,
Escutam-se as cigarras a cantar
N'uma continua, estridula toada.

O mais é quieto. Além, pelas pastagens,
Sob as frondosas arvores deitado,
Rumina calmo e silencioso o gado
As nutritivas, limpidas hervagens.

As aves tristes, distendendo as azas,
Abrem os bicos calidos nos ares;
E as florestas viçosas, seculares
Pendem as ramas para o solo em brazas.

A escravatura impavida, possante
Fére, no entanto, os troncos viridentes,
E os golpes rijos, fortes, estridentes
Vão resoar no matagal distante.

Os altaneiros cedros, dos machados
A's pancadas tremendas, victoriosas,
Oscillam sobre as bases vigorosas,
Como enormes colossos abalados.

N'uma attitude pasma, irresoluta,
As altas cordilheiras aprumadas,
Parecem hirtas, quedas, assombradas
A contemplar os transes d'esta lucta.

Gotteja o suor. Os membros alagados,
Volteando em meio á calidez intensa,
Têm os lampejos de uma espada immensa
Do sol exposta aos raios inflammados.

Declina o dia. O peso da fadiga
E o causticar do fervido mormaço
Amortecendo vão o ferreo braço
Aos luctadores que o terror fustiga...

Porém não param nunca. Os largos eitos
Vão attestando essa batalha ardente,
Expostos resignada, heroicamente
A' viva luz os abrazados peitos.

....

Um comboio febril do sul no rumo
Surge ness'hora; a maquina pujante
Solta ao passar um grito retumbante,
Vomitando no ar nuvens de fumo

A exhausta multidão, parando o braço,
Volta o tristonho e luminoso olhar,
E esquece-se da sorte a contemplar
A aguia negra e viril de ferro e aço.

(Da *Escravidão*).

SILVESTRE DE LIMA.

INTIMOS

I

Estes, que passam o viver contentes,
Não amaram, e, se amam, são felizes,
Não sentiram ainda as cicatrizes
De amor que aos outros tornam descontentes.

Horas tristonhas, horas inclementes,
São as que têm na dor fundas raizes,
Fazendo de felizes infelizes
Creaturas sem sol, sem beijos quentes.

Quantas vezes o olhar do bem amado
Entra em nóssa alma como um raio puro.
E espalha em nós um goso não gosado!

Mas tambem, se o perdemos, tudo escuro;
Fecha-se o coração triste, maguado,
Maguadamente erramos sem futuro!

II

Das saudades as flores desfolhando
Vamos nós, minha flor, uma por uma,
E que este doce desfolhar resuma
Tudo o que o nosso amor vive lembrando.

Quantas vezes por ti e em ti pensando
Sinto que aroma ignoto me perfuma
E que a minh'alma, como leve pluma,
Meu pensamento a ti vai transportando!

De estrella a estrella o meu olhar vagueia,
Sómente encontra a luz, a claridade,
No teu formoso olhar que me incendeia.

Vem, meu amor, á minha soledade !
Vem ! Minha vida turbida prateia,
E nunca mais vivamos de saudade !

Alfredo de Souza.

VINGANÇA

De outro, talvez, n'um impeto amoroso
Bebes do amor o capitoso vinho,
E n'est'hora o teu seio faz-se um ninho,
Onde cantam os passaros do goso.

E o mancebo infeliz, que hoje ditoso
Se julga de possuir-te, o seu caminho
Bello e florido vê : o doce arminho
Do amor lhe roça o peito venturoso.

E's-lhe perjura, emtanto. O pensamento
Vive-te sempre atado na lembrança
Das nossas horas de contentamento.

Buscas em vão fugir a tal provança,
E emquanto o proprio goso é o teu tormento,
Ri-se em minh'alma a furia da vingança.

1889 — Agosto.

ALCIDES FLAVIO.

VAGA PERFIDA

O amôr é a vaga impetuosa e ardente
Que os descuidados corações alaga
Triste d'aquelle que a enganosa vaga
Uma vez embalou na espuma quente.

Na flôr azul da perfida corrente
O coração de gozos se embriaga
Mas, quando menos se apercebe, sente
Que o pego se abre e o descuidoso traga.

Depois, na calma que tardia volta,
Feliz do que na vaga inda revolta
Póde inteiro surgir, embora exangue,

Que o mais commum, é ser despedaçado,
Sem deixar, para sempre sepultado,
Mais do que um rastro n'agua, um só — de sangue.

GERVASIO FIORAVANTI.

REMINISCENCIA

Foi aqui, bem me lembro. A terra ainda ardente
parece crepitar ao sol d'aquelle dia.
Este cedro de pé, além a penedia,
batida das caudaes do rio eternamente ..

Que tepidez tão doce aquella ! Lentamente,
derramaste tua alma .. O que eu mudo, soffria
te revelei tambem... E da amplidão sombria
vimos descer a noite, o sol cair no poente.

Este ceu tão azul, de limpida saphira,
além com o verdor do páramo se unindo,
do páramo onde, mansa, a jurity suspira...

N'estes galhos em flôr, n'essas cousas que vejo
esparsas na amplidão do firmamento infindo,
ainda canta o som do teu primeiro beijo.

(Das *Brumas*).

ANTONIO DE OLIVEIRA.

ORIENTALIS VISIO

D'essas ilhas em flor dos gregos mares,
De céo radiante e fulgidas areias,
Onde o incenso dos myrtos e os luares
Se transfundem no canto das sereias ;

De Cós, de Paros, de uma d'essas ilhas,
Edenicas regiões de humanas fadas
Onde, da natureza as maravilhas
Têm a feição das cousas encantadas ;

Talvez do ninho da mimosa Haydéa,
Cujo idylio de amor, embala a ideia
D'este mundo, n'um sonho cambiante...

Foi que ella veiu um dia ás nossas plagas,
De manso, abrindo o seio azul das vagas
N'um bergantim de nacar, do Levante.

CASTRO RABELLO JUNIOR.

RENASCIMENTO

I

Manhã de outomno esplendida e sonora,
Das andorinhas o festivo bando,
Serenamente pelo espaço afóra,
Azas abertas, vôa gorgeiando.

Do regaço de purpura da aurora,
Como uma enorme flor desabrochando,
O sol, os altos pincaros colora
A loira cabelleira desnastrando.

Ha um sussurro de intimos segredos,
Um não sei que de ingenuo e de maguado
Entre as flores dormentes das balsedos.

Até minh'alma escura e tenebrosa
Hoje parece ter resuscitado
Na quente luz d'esta manhã radiosa.

II

Sinto que volta ao ninho êrmo e deserto
Do meu peito a ave branca da alegria
E o coração em nevoas encoberto
Ri... elle que ha tanto já não ria.

Como de um sonho lugubre desperto,
De uma longa e profunda lethargia,
Meu pensamento vacillante e incerto
Revive ao sopro bom da phantasia.

Sinto a alegria louca das crianças,
Cantam-me n'alma os passaros risonhos
Das minhas quasi mortas esperanças !

Ah ! quem me dera assim eternamente
Viver ao som da musica dos sonhos
Na doce paz monotona de um crente !

THEMISTOCLES MACHADO.

PROSAS ESCOLHIDAS

JULIA LOPES D'ALMEIDA

A CAÔLHA

A caôlha é uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados, largos nos cotovellos, grossos nos pulsos ; mãos grandes, ossudas, estragadas pelo rheumatismo e pelo trabalho ; unhas grossas, chatas e cinzentas, cabello crespo, de uma côr indecisa entre o branco sujo e o louro grisalho, d'esses cabellos cujo contacto parece dever ser aspero e espinhento ; bocca descahida, em uma expressão de despreso ; pescoço longo, engelhado, como o pescoço dos urubús ; dentes falhos e cariados.

O seu aspecto infundia terror ás crianças e repulsão aos adultos ; não tanto pela sua altura e extraordinaria magreza, mas porque a desgraçada tinha um defeito horrivel : haviam-lhe extrahido o olho esquerdo : a palpe-

bra descera mirrada, deixando comtudo, junto á lacrymal, uma fistula continuamente porejante.

Era essa pinta amarella sobre o fundo denegrido da olheira, era essa distillação incessante de pús que a tornavam repulsiva aos olhos de toda a gente.

Morava em uma casa pequena, paga pelo filho unico, operario em uma officina de alfaiate; ella lavava roupa para os hospitaes e dava conta de todo o serviço da casa, inclusive cozinha. O filho, emquanto era pequeno, comia os pobres jantares feitos por ella, ás vezes até no mesmo prato; á proporção que ia crescendo, ia-se-lhe a pouco e pouco manifestando na physionomia a repugnancia por essa comida, até que um dia, tendo já um ordenadosinho, declarou á mãe que, por conveniencia do negocio, passava a comer fóra...

Ella fingiu não perceber a verdade, e resignou-se.

D'aquelle filho vinha-lhe todo o bem e todo o mal.

Que lhe importava o desprezo dos outros, se o seu filho adorado lhe apagasse com um beijo todas as amarguras da existencia?

Um beijo d'elle era melhor que um dia de sol, era a suprema caricia para o seu triste coração de mãe! Mas... os beijos foram escasseando tambem, com o crescimento do Antonico! Em criança elle apertava-a nos bracinhos e enchia-lhe a cara de beijos; depois, passou a beijal-a só na face direita, aquella onde não havia vestigios de doença; agora, limitava-se a beijar-lhe a mão!

Ella comprehendia tudo e calava-se.

O filho não soffria menos.

Quando em criança entrou para a escola publica da freguezia, cemeçaram logo os collegas, que o viam ir e vir com a mãe, a chamal-o — *o filho da caôlha.*

Aquillo exasperava-o ; respondia sempre :

— Eu tenho nome !

Os outros riam-se e chacoteavam-no ; elle queixava-se aos mestres, os mestres ralhavam com os discipulos, chegavam mesmo a castigal-os, mas a alcunha pegou. Já não era só na escola que o chamavam assim.

Na rua, muitas vezes, elle ouvia de uma ou de outra janella dizerem : «Olha o filho da caôlha ! Lá vae o filho da caôlha ! Lá vem o filho da caôlha !»

Eram as irmãs dos collegas, meninas novas, innocentes e que, industriadas pelos irmãos, feriam o coração do pobre Antonico cada vez que o viam passar !

As quitandeiras, onde ia comprar as goiabas, bananas ou tamarindos para o *lunch*, aprenderam depressa a denominal-o como os outros, e, muitas vezes, afastando os pequenos que se agglomeravam ao redor d'ellas, diziam, estendendo uma mancheia de araçás, com piedade e sympathia :

— *Tá hi*, isso é pr'a *o filho da caôlha.*

O Antonico preferia não receber o presente a ouvil-o acompanhar de taes palavras ; tanto mais que os outros, com inveja, rompiam a gritar, cantando em côro em um estribilho já combinado :

— Filho da caôlha, filho da caôlha !

O Antonico pediu á mãe que o não fosse buscar á escola, e, muito vermelho, contou-lhe a causa: sempre que

a viam apparecer á porta do collegio os companheiros murmuravam injurias, piscavam os olhos para o Antonico e faziam caretas de nauzeas!

A caôlha suspirou e nunca mais foi buscar o filho.

Aos onze annos o Antonico pediu para sahir da escola; levava a brigar com os condiscipulos, que o intrigavam e malqueriam. Pediu para entrar para uma officina de marceneiro. Mas na officina de marceneiro aprenderam depressa a chamal-o como no collegio.

Além de tudo, o serviço era pezado e elle começou a ter vertigens e desmaios. Arranjou então um logar de caixeiro de venda; os seus ex-collegas agrupavam-se á porta, insultando-o e o vendeiro achou prudente mandar o caixeiro embora, tanto mais que a rapaziada, ia-lhe dando cabo do feijão e do arroz expostos á porta nos saccos abertos! Era uma continua saraivada de cereaes sobre o pobre Antonico!

Depois d'isso passou um tempo em casa, ocioso, magro, amarello, deitado pelos cantos, dormindo ás moscas, sempre zangado e sempre bocejante! Evitava sahir de dia e nunca mais, nunca, acompanhava a mãe; esta poupava-o; tinha medo que o rapaz em um dos desmaios, lhe morresse nos braços, e por isso nem sequer o reprehendia! Aos dezeseis annos, vendo-o mais forte pediu e obteve-lhe a caôlha um logar em uma officina de alfaiate. A infeliz mulher contou ao mestre toda a historia do filho e supplicou-lhe que não deixasse os aprendizes humilhal-o; que os fizesse terem caridade!

Antonico encontrou na officina uma certa reserva e

silencio da parte dos companheiros. Quando o mestre dizia: «Sr. Antonico», elle percebia um sorriso, mas occulto, nos labios dos officiaes; porém a pouco e pouco essa suspeita, ou esse sorriso, se foi desvanecendo, até que principiou a sentir-se bem alli.

Decorreram alguns annos e chegou a vez do Antonico apaixonar-se.

Até ahi, em uma ou em outra pretenção de namoro que elle tivera, encontrára sempre uma resistencia que o desanimava, e que o fazia retroceder sem grandes maguas. Agora, porém, a cousa era diversa: elle amava! amava como um louco a linda moreninha da esquina fronteira, uma rapariguinha adoravel, de olhos negros como velludo e bocca fresca como um botão de rosa. O Antonico voltou a ser assiduo em casa e expandia-se mais carinhosamente com a mãe; um dia, em que viu os olhos da morena fixarem os seus, entrou como um louco no quarto da caôlha e beijou-a mesmo na face esquerda, em um transbordamento de esquecida ternura!

Aquelle beijo foi para a infeliz uma inundação de jubilo! tornava a encontrar o seu querido filho! poz-se a cantar toda a tarde, e n'essa noite, ao adormecer, dizia comsigo:

—Sou muito feliz... o meu filho é um anjo!

Entretanto o Antonico escrevia, em um papel fino, a sua declaração de amor á vizinha. No dia seguinte mandou-lhe cedo a carta. A resposta fez-se esperar. Durante muitos dias o Antonico perdia-se em amargas conjecturas.

Ao principio pensava :

«E' o pudor». Depois começou a desconfiar de outra causa : por fim recebeu uma carta em que a bella moreninha confessava consentir em ser sua mulher, se elle se separasse completamente da mãe ! Vinham explicações confusas, mal alinhavadas; lembrava a mudança do bairro; elle ali era muito conhecido por *filho da caôlha*, e bem comprehendia que ella não se poderia sujeitar a ser alcunhada em breve de — *nóra da caôlha*, ou cousa semelhante !

O Antonico chorou. Não podia crêr que a sua casta, nova e gentil moreninha tivesse pensamentos tão praticos !

Depois, o seu rancor voltou-se para a mãe.

Ella era a causadora de toda a sua desgraça ! Aquella mulher perturbara a sua infancia, quebrara-lhe todas as carreiras e agora o seu mais brilhante sonho de futuro, sumia-se deante d'ella !

Lamentava-se por ter nascido de mulher tão feia, e resolveu procurar meio de separar-se d'ella ; considerar-se-ia deshonrado continuando sob o mesmo tecto ; havia de protegel-a de longe, vindo de vez em quando vel-a, á noite, furtivamente...

Salvava assim a responsabilidade do protector e, ao mesmo tempo, consagraria á sua amada trigueirinha a felicidade que lhe devia em troca do seu consentimento e amor...

Passou um dia terrivel ; á noite, voltando para casa, levava o seu projecto e a decisão de o expôr á mãe.

A velha, agachada á porta do quintal, lavava umas

panellas com um trapo engordurado. O Antonico pensou:
—A dizer a verdade eu havia de sujeitar minha mulher a viver em companhia de... uma tal criatura? Estas ultimas palavras foram arrastadas pelo seu espirito com verdadeira dôr. A caôlha levantou para elle o rosto, e o Antonico, vendo-lhe o pús na face, disse:

— Limpe a cara, mãe...

Ella sumiu a cabeça no avental; elle continuou:

— Afinal, nunca me explicou bem a que é devido esse defeito!

— Foi uma doença, respondeu suffocadamente a mãe; é melhor não lembrar isso!

— E' sempre a sua resposta: é melhor não lembrar isso! porque?!

— Porque não vale a pena; nada se remedeia...

— Bem! agora escute: trago-lhe uma novidade. O patrão exije que eu vá dormir na vizinhança da loja... Já aluguei um quarto; a senhora fica aqui e eu virei todos os dias saber da sua saude ou se tem necessidade de alguma cousa .. E' por força maior; não temos remedio senão sujeitar-nos!...

Elle, magrito, curvado pelo habito de costurar sobre os joelhos, delgado e amarello como todos os rapazes criados á sombra das officinas, onde o trabalho começa cedo e o serão acaba tarde, tinha lançado n'aquellas palavras toda a sua energia, e espreitava agora a mãe com olhar desconfiado e medroso.

A caôlha levantou-se, e, fixando o filho com uma expressão terrivel, respondeu com doloroso desdem:

— Embusteiro ! o que você tem é vergonha de ser meu filho ! Saia ! que eu tambem já sinto vergonha de ser mãe de semelhante ingrato !

O rapaz sahiu cabisbaixo, humilde, surpreso da attitude que assumira a mãe, até então sempre paciente e cordata ; ia com medo, machinalmente, obedecendo á ordem que tão feroz e imperativamente lhe dera a caôlha.

Ella acompanhou-o, fechou com estrondo a porta, e, vendo-se só, encostou-se cambaleante á parede do corredor e desabafou em soluços.

O Antonico passou uma tarde e uma noite de angustia.

Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar á casa ; mas não teve coragem ; via o rosto colerico da mãe, faces contrahidas, labios adelgaçados pelo odio, narinas dilatadas, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até ao fundo do coração, o olho esquerdo arrepanhado, murcho— e sujo de pús; via a sua attitude altiva. o seu dedo ossudo, de nós salientes, apontando-lhe com energia a porta da rua ; sentia-lhe ainda o som cavernoso da voz, e o grande folego que ella tomára para dizer as verdadeiras e amargas palavras que lhe atirára ao rosto ; revia toda a scena da vespera, e não se animava a arrostar o perigo de outra semelhante.

Providencialmente, lembrou-se da madrinha, unica amiga da Caôlha, mas que, entretanto, raramente a procurava.

Foi pedir-lhe que interviesse e contou-lhe sinceramente tudo o que houvera.

A madrinha escutou commovida ; depois disse :

— Eu previa isso mesmo. quando aconselhava tua mãe a que te dissesse a verdade inteira ; ella não quiz, ahi está !

— Que verdade, madrinha ?

— Hei de dizer-t'a perto d'ella, anda, vamos lá !

Encontraram a caôlha a tirar umas nodoas do fraque do filho ; queria mandar-lhe a roupa limpinha. A infeliz arrependera-se das palavras que dissera e tinha passado toda a noite á janella, esperando que o Antonico voltasse ou passasse apenas... Via o porvir negro e vasio e já se queixava de si ! Quando a amiga e o filho entraram, ella ficou immovel; a surpreza e a alegria amarraram-lhe toda a acção.

A madrinha do Antonico começou logo :

— O teu rapaz foi supplicar-me que te viesse pedir perdão pelo que houve aqui hontem, e eu aproveito a occasião para, á tua vista, contar-lhe o que já deverias ter-lhe dito!

— Cala-te ! murmurou com voz apagada a caôlha.

— Não me calo tal ! Essa pieguice é que te tem prejudicado ! Olha, rapaz, quem cegou tua mãe... foste tu !

O afilhado tornou-se livido, e ella concluiu :

— Ah, não tiveste culpa ! eras muito pequeno quando um dia, ao almoço, levantaste na mãosinha um garfo ; ella estava distrahida, e antes que eu podesse evitar a catastrophe, tu enterraste-lh'o pelo olho esquerdo. Ainda tenho no ouvido o grito de dôr que ella deu.

O Antonico cahiu pesadamente, de bruços, com um

desmaio ; a mãe acercou-se rapidamente d'elle, murmurando tremula :

— Pobre filho ! vês ? era por isto que eu não lhe queria dizer nada !

Julia Lopes de Almeida.

A PARTILHA

Cantava e as lagrimas rolavam-lhe em dois fios ao longo da face magra e pallida. Soffria, mas, como era preciso que o pequenito adormecesse, cantava, indo e vindo, devagar, embalando nos braços a creança. O mais velho, tres annos, olhava sorridente e, de quando em quando, cantarolava: «Estou com fome, mamã. Estou com fome...» E o pequenito, insomne, olhava-a, muito esperto, a boquinha collada ao peito. «Estou com fome, mamã...» cantarolava o outro.

Ia alta a manhã mas, se o sol alegrava o quintalejo, que tristeza em casa! Viuva, thysica, desfigurada pela molestia e pela fome, timida de mais para pedir esmolas, que havia de fazer a desgraçada? «Estou com fome, mamã....» cantarolava o mais velho.

— Espera, filho; espera.

Como o pequenito adormecesse a mãe foi, pé ante pé e deitou-o sobre um fofo colchão de pannos, a um canto da casa; e o mais velho, seguindo-a, cantarolava sempre: «Estou com fome, mamã...»

— Não faças bulha, filho; espera. E, acenando-lhe, correu á cozinha mas, que havia de fazer?

*

* *

Ardia, no fogão, a derradeira acha e a mãe, os olhos rasos d'agua, pôz-se a soprar a lenha para ateiar o lume emquanto o filho, que se lhe agarrára ás saias, cantarolava: «Minha mãesinha! Minha mãesinha!» contente com vêr que a chaleirinha fumava. Mas, á meza quando a mãe lhe apresentou a tigella e o pedacinho de pão da vespera, o pequeno fitou-o com espanto.

— Só café, mamã?

— Só, meu filho.

O pequeno, levando a colher á bocca, foi repellindo a tigella, com um beicinho, prestes a chorar.

— Não chores! olha que vás acordar o maninho. Espera. E, desabotoando o corpinho tirou o peito farto, pojado de leite e espremeu-o, trincando os labios descorados por onde as lagrimas corriam fio a fio e, entregando a tigellinha ao filho: — Toma! e não faças bulha. E o pequeno, arregalando os olhos, satisfeito: «Agora sim! Agora sim!» pôz-se a cantarolar.

Baixinho então ella lhe disse:

— E não peças mais, ouviste? o outro é para o maninho.

E foi, pé ante pé, espiar o filho que dormia.

COELHO NETTO.

O BAPTISMO

Espinhos das asperas montanhas, tojos e penedias dos caminhos virgens iam-lhes tomando aos poucos os vestidos. Quasi nús, os pés em sangue, os cabellos crescidos, ora dormindo á plena luz das candidas estrellas, nos altos cimos frios, ora invadindo as cavernas molhadas — ella, encolhida, a rezar, no fundo do abrigo escuro ; elle, de ronda fóra, escutando os rumores da floresta e os farfalhos das folhas, na espectativa sempre de uma lucta bravia com a féra, dona e senhora da humida caverna.

Andavam errantes, fugindo á vingança de um fidalgo austero — simplesmente porque ella era a primogenita do nobre e elle apenas trovador.

Fugiam porque os corações peccaram, amando-se.

O que lhes dava algum allivio nas horas de maior tristeza era o sorriso da creança que, ora a mãe levava ao collo junto ao seio, ora o pae acariciava muito apertada ao coração

N'essa jornada amorosa atravéz dos desertos não batidos viviam como barbaros — nutrindo-se de fructos, menos a creancinha ; para essa havia sempre leite.

*

* *

Uma noite, parando n'um arido e esteril monte, nú e sêcco, a mãe desventurada notou que o filho estremecia Um presentimento tragico agitou-a:

— Depressa, Alcindor... Depressa! Agua! Agua! meu amor, que o pequenino morre!

— Agua! — exclamou o trovador, correndo olhares anciosos por todo o monte calvo.

— Sim! Depressa! Depressa... para baptisal-o!

A creancinha agonisava á luz dos cirios pallidos do ceu.

Alcindor desceu o monte aos saltos e ganhou a floresta da aba, em demanda de um rio ou de uma fonte onde apanhasse um poucochinho d'agua.

Pobre Alcindor!

Não havia na floresta um veio! Em toda a redondeza nem signal de arroio!

*

* *

Meia hora depois o trovador errante voltou com uma folha verde, vagaroso, passo a passo, para não perder o precioso achado.

— Edwiges, aqui tens. Toda a agua que encontrei na selva: — duas gottas de orvalho n'uma folha...

— E' tarde, Alcindor... o pequenino foi-se!

— Sem baptismo! pagão! ?

— Descança! baptisei-o. Tu não achaste fonte na floresta, eu achei-a bem perto. Olha, molhei-o todo.

— E onde descobriste a fonte, amor?

— No coração: — baptisei-o com lagrimas.

COELHO NETTO.

MÃE CABOCLA

I

Pelos fins do anno de 1868, ao pino d'um meio-dia abrazador, ouviam-se pelas ruas quasi desertas da pobre povoação de X., em S. Paulo, uns gritos descompassados.

A uma esquina do largo da Matriz, o caixeiro da botica chegou á porta, dobrando pausadamente, a pequeninas dobras, com os dedos amestrados no officio, a carapuça d'um frasco, de papel de xadrezinho azul ferrete. Duas caras pallidas de lojistas em chinellos vieram ás portas entrefechadas por causa do calor excessivo. Que alvoroço!

— Que bebado é esse? perguntou de dentro da botica, para o caixeiro, o velho pharmaceutico, entreparando com o copo dos dados suspenso, sobre o taboleiro do gamão, a que se batia com o vigario, impacientado, este, pela interrupção, que o vinha apanhar de mau humor, com duas pedras expostas!

— E' uma mulher, que eu não conheço, respondeu voltando, o rapazinho.

Uma velha, a Sinh'Anna dos gatos, assomou, sorrateira á sua empannada encardida.

E no largo continuavam os clamores incessantes, uivados, a perturbar o silencio dormente do logarejo.

Afinal, mais por amor da partida, em tão má hora suspensa, determinou o vigario a chegar á porta. Era um velhinho, beiços finos e sorvidos, olhos pequeninos e sornas. Vestia uma batina surrada e curta, abaixo da qual appareciam as pernas das calças, de algodão mineiro, com listas amarellas.

Quando o vigario olhou para o largo, viu, defronte do grande sobrado, todo fechado n'esse instante, do commendador João Cancio, uma estranha figura de cabocla, alta, magra, a estorcer-se como uma jararaca no fogo, desmanchando-se em gestos epilepticos, com o punho secco extendido para o casarão silencioso, a ulular: — Justiça do céu! justiça de Deus! esse perverso deshonrou minha filha! Gente pobre n'esta terra é cachorro; não acha lei! não acha auctoridade! Mas eu hei-de gritar até Deus me ouvir, que deshonraram minha filha! minha filha que estava p'ra casar! Eu vi! vi, com os meus olhos, a coitadinha sahir chorando do quarto d'esse commendador do inferno, que deshonrou minha filha! justiça de Deus me valha! justiça do Céu!

E repetia a phrase com uma insistencia de monomaniaca, contorcia-se de dôr desesperada, espumava de odio impotente, contando, entre uivos de imprecações, o escandaloso caso do estupro de sua filha, da sua Joanninha, que estava p'ra casar, que viera ao arraial, cha-

mada pela madrinha, a mulher do commendador, e que este arrastára á força para o quarto, onde a violentára, emquanto ella, a mãe, enganada, esperava á porta da rua, até que aos lamentos da victima subiu como doida as escadas e veiu receber nos braços a pobresinha já perdida. Então, o commendador a enxotára a pontapés e mandara levar a filha para a roça, por um escravo.

— E era seu padrinho d'ella! continuava a cabocla; baptisou a minha Joanninha á vista de Deus, p'r'agora atirar com ella no mundo! Este assassino! este diabo do inferno! Deus ha de me vingar, demonio! A justiça do céu ha de me escutar algum dia!...

E aquella dôr inculta, aquella paixão bruta e grande trazia-lhe á bocca tremula os éstos do coração revolto. Eram rugidos terriveis, de leôa, de mãe!

Então, o vigario, vendo que era com o compadre João Cancio, o commendador, chefe do partido conservador na freguezia, chamou pelo Anacleto, um mulataço membrudo, que o acompanhava sempre, como guarda-costas, para as suas brejeirices de velho. O Anacleto acudiu da cosinha, onde estava a conversar maroteira com uma crioula da casa, que era, sabidamente, rapariga do vigario — e mais d'elle.

Desde que o viu perto, o padre Luiz, o vigario, intimou-lhe no tom peremptorio de quem manda uma vez só:

— Toque até fóra do arraial aquella bruxa! e se ainda fôr abrindo a bocca pela rua, parta-lhe a cabeça ao meio! Cachorra!

Anacleto bamboleou o corpo vigoroso, de cão-de-fila

bem tractado, e a passo gingado, arrastando pelas pedras o grosso mangoal de peroba, chegou-se á cabocla e poz-lhe a mão no hombro :

— Marche ! e não me abra o bico, que lhe racho esse caco velho !

A velha estremeceu toda, encolheu-se como um bicho timido ; a furia, a dôr enorme, a vergonha, o desespêro de mãe fundiram-se n'um medo vil, que rebentou em chôro.

O Anacleto agarrou-a pelo braço magro e a foi puxando, sacudida de soluços, mas já sem palavra que se ouvisse.

II

D'ahi a dois dias, enterrava-se no cemiterio de X. o cadaver da Joanninha, que appareceu morta em casa, sem se saber como, dizendo uns que fôra a propria mãe que a matara, por causa de ter cedido ao commendador, e murmurando outros que fôra este que mandára acabar com ella, para pôr termo ao fallatorio de certa gentinha. Isto é mais provavel, porque nunca se soube ao certo, nem se tractou de saber.

O que é verdade, é que do lado esquerdo do rustico cemiterio se levantou mais uma cruz de páu, e debaixo d'ella começou a apodrecer o corpo de Joanninha.

III

Era outra vez um fim de anno, no mesmo largo da matriz do arraial paulista. O sol canicular, que alli dardeja nos intervallos das grandes chuvas, queimava as calçadas da rua.

Passava pouco do meio-dia. A' porta do sobrado do commendador João Cancio reuniam-se grupos consternados, e lá de dentro e de cima ouviam-se gemidos de chôro.

Em frente da matriz, ao pé do cruzeiro, seccava ainda ao sol uma poça de sangue; alli fôra que, minutos antes, um rapazinho do logar, o Zé Miguel, bom aprendiz de selleiro, matára o commendador João Cancio com duas facadas no peito.

Zé Miguel teria vinte annos: era orphão, afilhado e protegido do Lima, um cobrador do Rio que costumava apparecer em X., onde mal o toleravam porque era um desbragado contra o commendador, a quem dizia todas as liberdades. Ora o diabo do maluco, o herege do Lima, como lhe chamavam, gostára do Zé Miguel inda menino, por achal-o vivo e malcriado, que é a fórma apreciavel da independencia dos pequenos, dizia o Lima, e dera a mão ao rapaz, mettêra-o na eschola e, depois, de aprendiz de selleiro, e ainda uns dois mezes antes tractára um bom casamento para elle, com uma tal Amelia, filha de uns pequenos lavradores de perto do arraial. Mas succe-

deu que o commendador engraçou tambem com a Amelia, e attrahiu-a á casa, e o fim das contas foi o Zé Miguel metter-lhe as duas facadas.

Recolheram o Zé Miguel á cadeia do logar, muito maltractado da bordoeira que pelas ruas foi apanhando da gente do commendador e do vigario. D'ahi a um mez entrou em julgamento do jury e foi condemnado á pena capital.

IV

No outro dia depois do assassinato, grande concurso de povo foi levar ao cemiterio o corpo do commendador João Cancio.

Houve acompanhamento de musica, e junto á cova o vigario, com tremulos dramaticos na voz, celebrou as virtudes d'aquelle seu bem amado parochiano, pae da pobreza... amigo do seu amigo... e a quem X. devia... a fortuna de possuir uma egreja... com duas torres tão... tão...

Como o qualificativo estava rebelde e o sol quente :

— Magnificas, assoprou o sachristão.

—...bem acabadas ! concluiu o orador sagrado, achando emfim.

Quando já vinham sahindo do lugubre recinto, notou um, mais bisbilhoteiro, uma estranha bandeirola verme-

lha, d'um vermelho escuro e manchado, sobre uma cova antiga, do lado esquerdo do cemiterio.

— Que diabo de coisa é aquella ? !

Foram uns tres ou quatro vêr. Era, enrolado nòs braços da cruz da sepultura, um lenço embebido em sangue já secco.

Ninguem comprehendeu desde logo, mas, com o contar e recontar, chegou o caso aos ouvidos da Sinh'Anna dos gatos, e esta pôde explicar que, na vespera, dia em que ella não arredara de ao pé da empannada, pouco depois da desgraça, tinha visto uma cabocla velha, alta, muito magra, agachar-se no largo, juncto á poça do sangue do commendador; e molhar n'elle um lenço, o qual depois tornára a metter no seio. Era, provavelmente, o mesmo lenço.

Provavelmente.

Lucio de Mendonça.

JOÃO MANDY

A Valentim Magalhães

I

Todo aquelle março foi mez de chuvas abundantes; nem um dia brilhou o sol, e as raras estiadas, de luz pallida e fosca, descobriam, ao pé da casa do barqueiro, poucas braças da estrada coberta de lama, entre os campos esfumados pelo nevoeiro; alguns passos para baixo, era este rasgado pelos galhos altos dos ingázeiros que orlavam o rio; e alli a agua barrenta, volumosa, transbordando para as margens, rolava marulhando.

Já as primeiras sombras do anoitecer vinham aggravando a desconsolada melancolia da tarde, quando das bandas de Pouso Alegre veio chegando, ao passo miudo de uma besta viageira, um individuo bem apessoado, com polainas de borracha sobre as botas, capa impermeiavel

no chapéu e outra côr de cinza, que o abafava desde o pescoço até abaixo dos joelhos.

Seguia-o, pouco atraz, um caboclinho, conduzindo adeante do sellote a mala de roupa do patrão.

Ao tropel dos animaes, appareceu á janellinha da extrema esquerda da casa o busto d'uma bonita mulher morena, cujo cabello negrissimo emmoldurava uma testa admiravel, pensativa e tranquilla; mas a grande maravilha d'aquelle rosto acabadamente mineiro, eram os olhos, amplos, luminosos, idyllicos, tão afogados em ternura que se diriam lampadas mysteriosas accesas por magia divina para alumiar os momentos supremos da paixão.

Parece que o viajante conhecia já todo o ardente prestigio d'aquellas joias, pois n'um relance d'olhos namorados bebeu-lhes a luz ternissima; e, ao calor do aereo beijo, uma onda de rubor delicioso invadiu a doce pallidez da face morena.

Estacando a besta á porta, apenas fechada por uma meia cancellinha de grade, apeou o cavalleiro, confiando ao pagem as rédeas molhadas; e, destaramellando a cancella, penetrou na saleta da casa, de telha vã, e sacudiu no chão de terra batida as botas encharcadas.

Tirava-lh'as o caboclinho, puxando-as com o esforço e o movimento ondulado que tal empreza requer, e já do interior chegava uma negrinha trazendo, na bandeja mais nova da casa, duas chicaras azues, d'onde se evolava a fumaça cheirosa do bom café coado de fresco.

Sorveu o viajante os goles saborosos, sacou do bolso

um charuto e, reclinando-se na cama a que estava sentado, um velho catre a que as taboas do forro haviam sido substituidas por uma rêde de correias, entrou a enviar fumaçadas vagarosas para os altos caibros do tecto, d'onde pendiam as bambinellas do piemnã.

Veio luz para a sala, e a toalha de algodão, estendida na mesa, annunciou agradavelmente o jantar.

O rapaz, que era o viajante, com as suas oito leguas por um dia de chuva e estradas homicidas, cochilava beatificamente, quando a mesma portadora do café o chamou para o jantar.

Estava na sobremesa, a classica tijellinha de leite denso e amarellado, com farinha de moinho, como lá chamam ao fulá torrado, e já cabeceava de somno, quando entrou de fóra um robusto homem de calças arregaçadas até os joelhos, mostrando as fortes pernas musculosas, e a camisa desabotoada no pescoço, deixando vêr o peito cabelludo.

Deitou um olhar pouco satisfeito para o hospede, e, sem tirar o chapéu de palha grosseira, foi entrando, sem mais ceremonia do que atirar-lhe de passagem e muito seccamente :

— Deus lhe dê bôa noite.

Pouco se incommodou com isto o hospede; reconhecêra o barqueiro do porto, o João Mandy, dono da casa e marido da bella mocetona que tão diversamente o acolhêra á chegada.

Depois que o camarada tambem jantou e retirou-se, a negrinha mostrou ao hospede o seu quarto, e já sahia,

quando elle, travando-lhe do braço, lhe segredou quasi ao ouvido:

— Diga a sinhá que não falte, de madrugada!

II

Na manhã seguinte, chovia a torrentes; mas o hospede declarou que precisava estar n'aquelle dia, sem falta, na Campanha; que iria almoçar em S. Gonçalo; que lhe fossem passando os animaes, emquanto tomava café; que já ia.

O barqueiro, a quem falava, meneou imperceptivelmente a cabeça, e sahiu.

Mal desappareceu este pela porta da frente, entrou furtivamente na sala uma adoravel rapariga morena, a mesma que na vespera chegára á janella; foi na pontinha dos pés até ao banco em que o rapaz estava; inclinou-se-lhe sobre o hombro e beijou-o apaixonadamente na bocca.

— Olha, filho, que o João parece que já vae desconfiando; na volta, não pouses aqui, sim?

— Másinha! disse o hospede, cingindo-a com o braço e estreitando-a a si, — que me importa aquelle bruto! desconfie quanto quizer... mate-me até... tudo, menos eu deixar de adorar-te!...

Mas a rapariga expediu um gritosinho surdo e fugiu

como uma côrça; á porta da entrada surgira de improviso, quasi surprehendendo-os, a aspera catadura do barqueiro.

O rapaz sentiu um arrepio de medo ao olhar felino com que o homem o fitou, como se fosse saltar sobre elle; mas o outro apenas observou com azedume:

— Está muito comprido o seu café, patrão; já passei os animaes, e tenho mais que fazer; está passando a hora de correr os espinheis.

E na barca, ao acercar-se da margem opposta, perguntou-lhe com voz estranha:

— E agora quando torna por aqui?

Era um sabbado.

— Na sexta feira.

— E' sexta feira de Paixão, notou o barqueiro; mau dia de viagem. Veja se póde deixar para sabbado.

— Não me embaraço com essas coisas, replicou o rapaz, já mais animado por vêr que a canôa abicára e que a sua besta o esperava a poucos passos, segura pelo pagem.

Saltou, pagou a passagem e o pouso, tirando o dinheiro de farto rôlo de notas, que tornou a enfiar no bolso.

Ia montar, quando o barqueiro empolgou-lhe vigorosamente o pulso.

— Espere um pouco, patrãosinho! pagou o jantar e o milho, mas esqueceu-se do mais caro.

— O que? perguntou o rapaz, muito pallido, com o pulso a doer-lhe como se o tivesse apertado n'uma tenaz de ferro.

— A cama! disse o barqueiro, com voz surda e sibilante.

— Sim, gaguejou o outro, eu não duvido pagar... mas pensei que estava incluida...

— Incluida, hein?!... e a mulher tambem, não?... uma mulher como aquella?!...

E inconscientemente apertava-lhe com tanta força o punho que o desgraçado cahiu de joelhos.

O caboclinho, com o braço passado ao pescoço da besta, olhava distrahido para a estrada adeante, onde a chuva continuava a bater sem tregua.

O moço levantou-se e, tomando uma resolução, disse, mais calmo, ao barqueiro :

— Está bem! largue-me, e diga quanto quer.

— Ah! quanto quero?... pois sim!... um conto de réis, nem menos uma nota, respondeu João Mandy.

Enganou-se o rapaz por um momento; entendeu que o miseravel abusava da força e da posição de marido ultrajado para lhe extorquir dinheiro, e a superioridade moral, a que, por assim dizer, o restituira a infamia do outro, deu-lhe animo para motejar :

— Vá lá ; o seu peixe é caro, mas é bom.

E contou-lhe o conto de réis, em cedulas grandes, de duzentos e cem mil réis.

Quando o barqueiro as teve todas na mão, ergueu rapidamente o braço, esfregou-lhe o dinheiro nas faces, uma e muitas vezes, com tal vigor que ensanguentou o papel ; depois, amarrotando as notas, metteu-as no bolso ao viajante, e disse-lhe com a pausa de uma tranquilli-

dade medonha : — Vá, mocinho ; eu, em pequeno, matei um diabo que se engraçou com minha mãe, já viuva e sem ninguem mais por si ; fiz muito bem no que fiz, e me livrei no jury, mas soffri tanto remorso que jurei a Nossa Senhora do Soccorro nunca mais matar ninguem. Vá em paz ; com o conto de réis, que lhe pedi para ficar mais certo da verdade, faça viagem para muito longe ; nunca mais me appareça aqui, ou eu falto ao juramento que dei a Nossa Senhora do Soccorro !

III

Chegou a sexta-feira santa ; a chuva, que não cessára um só dia, fizera avolumar-se espantosamente o Sapucahy ; nunca o rio, que é pouco subjeito a grandes enchentes, subira tão alto ; muitas pontes haviam rodado, e raro era o ponto em que podia dar passagem.

O viajante, escapo das garras de João Mandy, logo que passára o periodo agudo do perigo, entrou a duvidar da seriedade d'este.

— Qual ! dizia comsigo, quem quer matar não promette, e se não me matou logo, quando estava certo da injuria ainda flagrante, não me quer, decididamente, despachar. O que poderei agora fazer, é abster-me do seu peixe, que me póde sahir caro, devéras ; mas preciso tor-

nar para casa, e sem muita volta não tenho outro caminho senão por aquelle ponto. Volto por lá, está acabado.

E voltou. Seriam duas horas da tarde quando o caboclinho, um pagem, gritou, da margem, que viessem a barca.

João Mandy veio; veio sombrio, saudou o viajante, e perguntou-lhe porque não acreditava nos outros.

— Acredito no que você quizer; mas acredite tambem que é a ultima vez que lhe dou trabalho; d'esta foi sem remedio, porque não podia deixar de voltar para casa.

— Voltasse por outro caminho, moço.

Arrependeu-se logo alli o rapaz, só pelo modo funesto como o barqueiro disse aquillo, com voz de grande tristeza, como se já lhe pezasse de ir quebrar o juramento; lembrou-lhe, porém, que o João Mandy era intimamente religioso, como todo o pescador, e viu n'isso a salvação.

— Hoje é sexta-feira de Paixão, dia em que morreu Nosso Senhor Jesus-Christo, pae de todos os homens! Hoje todos somos irmãos, e ninguem deve temer-se de seu irmão!

Parece que, de feito, estas palavras produziram viva impressão no animo do outro.

— Nossa Senhora do Soccorro, minha madrinha, me perdôe! murmurou em voz baixa.

Julgou-se seguro o viajante, que o ouviu, entendendo que o caboclo pedia perdão á Virgem de haver, sequer, concebido o crime.

— Vá primeiro o camaradinha com os animaes; o senhor passa por ultimo, ordenou João Mandy.

—Podemos ir todos junctos, observou o moço, calculando que a presença de uma testemunha era uma garantia mais.

—Aqui govérno eu, retrucou João Mandy. Anda, pequeno, puxa os animaes!

Desembarcados na outra margem, mandou que o camaradinha seguisse para a casa, que elle lá iria ter, com o patrão; e disse-lh'o de modo que o outro não pôde deixar de obedecer. Na margem opposta, o misero rapaz, vendo desapparecer o pagem e os animaes, sentiu no coração a punhalada dos presentimentos que não falham.

—Estou perdido, meu Deus do céu!

Pensou em fugir correndo, mas fôra impossivel: João Mandy, já de volta e a poucas braças, o alcançaria immediatamente; de botas e esporas, com a capa de borracha, por um lamaçal d'aquelles, era impossivel a fuga!

IV

Meia hora passou-se para a angustiada moça, desde que viu voltar o pagem do amante sem que este apparecesse. Esteve anciosa á janella, olhando avidamente para o lado do rio, d'onde apenas se ouvia o marulho da agua transbordante; affigurou-se-lhe que tinham decorrido horas e horas! foi, tropega e tremula, abrir o seu oratorio; accendeu um cirio á imagem grande de Nossa Senhora

do Soccorro, e orou fervorosamente como nunca, com todo o ardor de sua alma arrependida.

Nem soube quanto tempo alli esteve assim, n'aquelle transe cruel; de subito estremeceu inteira, ao ouvir lá fóra a voz demudada do marido dizer para o camarada:

— Vá contar em Pouso Alegre que seu patrão morreu afogado.

Junctou as mãos ao seio, onde o coração como que lhe cessára de pulsar, emquanto bagas de suor gelado lhe manavam das temporas.

A chuva engrossára e cahia agora uma carga d'agua violentissima, entre fuzis e trovões horriveis.

João Mandy chegou á porta do quarto e, ao vêr a mulher prostrada e arquejante, disse-lhe com uma sombria entonação de blasphemia:

— Não perca a sua reza: com um temporal d'estes, todos os sanctos do céu estão surdos!

LUCIO DE Mendonça.

GARCIA REDONDO

LOLI

(A' Elisa)

N'uma d'estas manhãs alegres de verão tépido e aromatico em que a natureza inteira canta e ri, minh'alma, cheia de tristeza, pediu-me um conforto intenso.

E, ouvindo o chilrear da passarada em jubilo e o hilariante estridulo da cigarra em nupcias, subi a encosta que leva á mansão dos mortos.

E alli, entre rosas e jasmins cheirosos, procurei o marmore branco que guarda o corpo ainda mais branco d'aquella que enflorou os meus dias durante tres annos felizes.

Havia muito sol pelas lousas e muito cantico pelo ar; mas no meu coração havia a sombra da tristeza e nos meus olhos borbulhava a dôr.

No alto de uma casuarina, um pintasilgo, debruçado á beira do ninho, pipilava contos de fada á doce próle silente e, em baixo, occultos sob a terra quente, uma legião de grillos grazinava o seu cri-cri amoroso, abençoando o bom sol creador e fecundo.

Tudo ria, tudo cantava n'essa região da tristeza. O lyrio branco fazia madrigaes ás rosas e o manacá oloroso segredava amores á violeta pudica. Aqui, alli, por toda a parte, a héra abraçava os troncos, os muros, os marmores n'um amplexo luxurioso de sultana lasciva; e, ao longe, um trabalhador pertinaz desafiava o melro com o seu assobio melodioso e são.

A natureza inteira rejubilava-se n'uma alegria communicativa, n'um prazer ruidoso, que ia do verme á ave, do ninho á flor.

E estes risos todos invadiam me a alma como um grande sarcasmo atirado á minha desdita.

Sobre o marmore branco onde só ha um nome — Laura (ou Loli, como ella propria se designava) — um punhado de rosas emmurchecia; mas, d'entre ellas surgia um botão, que longe de fenecer, deixava-se desabrochar, como um protesto ao languor das companheiras.

Então, emquanto a passarada cantava e o trabalhador enchia o ar com o seu assobio melodioso e são, no meio da grazinada dos grillos e das cigarras, eu retirei as rosas murchas de sobre o marmore e cobri-o de flores frescas e viçosas.

Muito tempo, muito tempo eu consumi a dispôr com arte estas flores cheirosas — pedaços de minha alma — que tinham de ficar alli velando por ella, acalentando-lhe o eterno somno e povoando-o de sonhos perfumados.

Lembrei-me então, que fôra assim, em uma manhã risonha, que ella viera ao mundo entre rosas e boninas, entre beijos e caricias.

E, como as rosas, ella vivera um instante, — tres annos só!... o tempo preciso para se deixar idolatrar... partir.

Um indifferente, um d'estes infelizes, sem mulher, sem filhos, talvez sem mãe, que atravessam o campo da vida sem plantar uma arvore, sem colher um fructo, sem estancar uma lagrima, passou junto a mim, trauteando um trecho de musica alegre e petulante.

E, ao ver-me encostado ao marmore, enchendo-o de rosas e de caricias, este desgraçado parou e repetiu o nome que minhas mãos affagaram.

Depois, sem se aperceber da minha dôr, recomeçou a trautear a mesma musica e seguiu por entre os tumulos como uma sombra errante.

E eu pensei que, em todo aquelle vasto ambito, não havia talvez uma campa que lhe guardasse um ente querido, onde elle fosse lançar um goivo ou desfolhar uma saudade.

Era de certo mais desgraçado do que eu esse feliz, tão infeliz que não tinha um pezar.

O sol esquentava e mordia-me fortemente a epiderme. O marmore, o meu querido marmore, alvejava ao sol, circumdado de grinaldas, mosqueado de flores, por entre as quaes sobresahia a flor mais bella — aquelle nome querido — que fala á minh'alma na linguagem dos anjos.

E d'esse marmore subia para o ar uma onda de perfumes suaves, tão suaves que a pouco e pouco suavisaram, dulcificaram a minha dôr.

Sentindo-me reconfortado por aquelle aroma indefini-

vel, eu, quasi alegre, sem pejo, sem constrangimento, encostei a minha bocca ao marmore e osculei-o demoradamente.

E, pareceu-me então que o marmore, no ponto em que eu havia encostado a minha bocca, se adelgaçava, se diluia ao contacto dos meus labios quentes e que, do outro lado, outros labios procuravam os meus e a elles se uniam n'um osculo ardente e santo....................

....

Quando volvi á casa, uma hora depois, todo o jubilo intenso e infrene da natureza tinha-me invadido a alma.

Comecei então a comprehender a linguagem das flores e o cantico das aves.

E, emquanto eu ouvia as rosas murmurarem á minha passagem — «Nunca mais!... nunca mais!...» um pintasilgo, talvez o que acalentava os filhos na casuarina, e que d'elles se lembrava, disse-me :

— Sê feliz... sê feliz...

E do seu biquinho cahiu uma perola de orvalho, que me pareceu uma lagrima.

Julho de 1893.

GARCIA REDONDO.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

ANTHOLOGIA

PROSAS ESCOLHIDAS

Taboa alphabetica dos escriptores apreciados n'este volume

A

V

Z